Cinelândia

N.º 68 — SETEMBRO DE 1955
1.ª Quinzena — CrS 7,00

O passado e o futuro

a emocionante confissão do astro Rory Calhoun sôbre o seu passado de delinquente e presidiário

RIO GRAFICA EDITORA

Ambientes confortáveis que refletem

bom gôsto!

Na delicadeza das palmas e folhagens... no arranjo suave da côr... adivinha-se a presença de alguém de bom-gôsto, que reclama sempre o melhor!... Alguém que só aceita a classe incomparável do Colchão de Molas PROBEL. Ponto por ponto, mola por mola, PROBEL é o mais fino e confortável colchão de molas que existe!

COLCHÃO DE MOLAS

Probel

de Luxo

PROBEL

garantido por 15 anos

Representante e distribuidor para o Rio de Janeiro e Niterói

Alberto Portella & Cia. Ltda.

Matriz: Praça da República, 66, tel. 22-5249 • **Demonstração e vendas:** Av. N.S. Copacabana, 1.334
Rua 7 de Setembro, 66 • Rua Arquias Cordeiro, 452

Cinelândia

N.º 68 SETEMBRO DE 1955 ANO IV
(1.ª QUINZENA)

★ Reportagens COLORIDAS

NENHUM DOS DOIS QUERIA (Julie Adams) 30
A PONTE É O AMOR (Pier Angeli) 34
GENTE QUE VAI BRILHAR 38
LOUCO PELAS GARÔTAS (Russ Tamblyn) 42

★ REPORTAGENS Especiais

A ESPERANÇA NÃO MORRE (Marlon Brando) 9
ROMANCE DE OUTONO (Clark Gable), por Louis Serrano 11
4 ROMANCES 20
AS ÚLTIMAS FOTOS (Bob Francis) 22
MEU GRANDE AMOR POR MARILYN (Marilyn Monroe) 26
CUIDADO, MENINAS! (Kim Novak) 28
VOCÊS CONHECEM MME PLEMIANIKOFF? (Brigitte Bardot) 32
O PASSADO E O FUTURO (Rory Calhoun) 36
PAPAI CALOURO (Guy Madison) 40

★ Atualidades

OS ESPIÕES DE "CINELÂNDIA" EM HOLLYWOOD, por Louella Parsons 12
ACONTECEU NA EUROPA 16
O QUE HÁ DE NOVO 18
FILMES NOVOS 24
O QUE EU VI NOS ESTÚDIOS, por Zenaide Andréa 44
ACONTECEU NO BRASIL 46
MISS CINELÂNDIA 1955 50

★ Seções DIVERSAS

INDISCRIÇÕES DE "CINELÂNDIA" 4
ANIVERSÁRIOS 7
POEIRA DE ESTRÊLAS 8
DISCOS NOVOS 15
PARA A SUA BELEZA 61
CANTANDO NO CHUVEIRO 63
PALAVRAS CRUZADAS 65

★ CAPA

Rita Moreno, estrêla da 20th Century-Fox

Diretor — ROBERTO MARINHO
Secretário — DJALMA SAMPAIO
Gerente — RUBENS DE OLIVEIRA

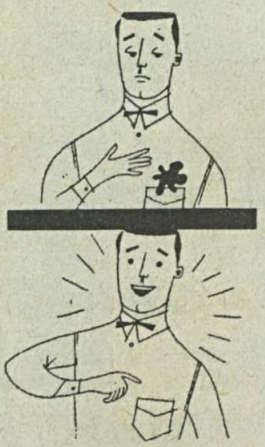
Preço para todo o Brasil, Cr$ 7,00
Número atrasado, Cr$ 8,00
Assinatura Anual Sob Registro: Cr$ 180,00

Correspondentes especiais em Hollywood e na Europa. Acôrdos exclusivos com Dell Publishing Company e Fawcett Publications, Inc., dos Estados Unidos.

Propriedade da RIO GRÁFICA E EDITORA LTDA. — Redação e Administração: Rua Itapiru, 1209 — Rio de Janeiro, Brasil. — Telefone: 34-2000 (rêde interna). Caixa Postal n.º 4.602 — Assinaturas e Publicidade: Avenida Rio Branco, 277 — 13.º andar - S/1.301 — Telefone 42-1046. Sucursal de S. Paulo: Avenida Ipiranga, 1071 - 2.º andar - Salas: 211 e 212 — Tel.: 35-2399. Distribuidores em S. P.: Agências Siciliano — Rua Dom José de Barros, 323, tel.: 34-7866. Representantes em Portugal e Colônias: Livraria Latina Editôra — Pôrto.

Parker Quink

AZUL REAL LAVÁVEL



LAVA-SE NUM INSTANTE!

Em caso de acidente, bastam água e sabão comum para retirar, das roupas e dos dedos, o mínimo vestígio da Parker Quink Azul Real Lavável.

Se deseja segurança, use Quink Lavável. Se deseja permanência, use Quink Permanente. Todos os tipos de Quink, Lavável ou Permanente, contêm *solv-x*, que limpa e protege a sua caneta. Quink pode ser usada em qualquer caneta.

Parker **Quink**

A única tinta que contém solv-x

Preços: 2 onças - Cr$ 18,00 6.018-P
32 onças - Cr$ 120,00

Representantes exclusivos para todo o Brasil:
COSTA, PORTELA & CIA.
Av. Presidente Vargas, 435 - 8.º andar — Rio de Janeiro
S. Paulo: Carlos Pessoa & Cia. Ltda.
Rua Benjamim Constant, 171-7º. and.

INDISCRIÇÕES DE Cinelândia

Eis a verdade sôbre a gente do cinema, tal como vocês querem saber. Desejam apurar algum boato? Querem alguma informação? Escrevam para "Indiscrições de CINELÂNDIA", à rua Itapiru, 1209, e aguardem a resposta.

P. — Tony Curtis e Debra Paget já trabalharam juntos em algum filme? (L. T. S. - Maceió).

R. — Até agora ainda não trabalharam juntos.

P. — Poderia eu obter algumas informações sôbre o astro inglês Dirk Bogarde? (E. - Recife).

R. — Dirk nasceu em Hampstead (Londres), a 28 de março de 1921, completou os estudos universitários em Glasgow e em Londres. Iniciou a carreira artística no teatro, serviu na recente guerra mundial, e só depois ingressou no cinema britânico.

P. — Qual a data do nascimento de John Derek? A espôsa dêle é artista de cinema? (S. S. B. - Florianópolis).

R. — John Derek nasceu a 26 de agôsto de 1926. Sua espôsa é francesa, foi dançarina, mas nunca trabalhou no cinema com algum destaque, e chama-se Pati Behrs. Êles casaram em 1948.

P. — Para que enderêço devo escrever para Gina Lollobrigida? (R. F. - São Paulo).

R. — Experimente escrever para a "Rizzoli Film - Via Castrense, 10 - Roma".

P. — Poderiam publicar alguns dados sôbre o ator francês Jean Marais? (F. - Santos).

R. — Jean Marais chama-se na realidade Jean Vilain-Marais, nasceu em Cherbourg a 11 de dezembro de 1913, tem os olhos azuis-acinzentados, cabelos castanhos, mede 1,81 de altura e pesa. 75 quilos. E' solteirão e amigo íntimo do grande poeta e escritor Jean Cocteau. Trabalha com sucesso no teatro e no cinema de sua pátria.

P. — E' verdade, ou apenas boato, que Linda Christian e Edmund Purdom vão casar? (Y. - São Paulo).

R. — E' possível, mas muito pouco provável que o romance entre êsses dois acabe em casamento.

P. — Qual o último filme de Cyl Farney (I. M. - Ceará-Mirim).

R. — Está terminando "Chico Viola Não Morreu", na Atlântida.

P. — Houve algum artista de cinema que foi marinheiro durante a guerra sem ter sido oficial? (J. - Governador Valadares).

R. — Vários atores da tela serviram na guerra como marinheiros e soldados rasos, sem nunca terem obtido gálões, como, por exemplo, Rock Hudson, Fess Parker, e muitos outros.

P. — Franchot Tone não trabalha mais no cinema? (K. S. - Barretos).

R. — No momento Franchot Tone está mais dedicado ao teatro, na Broadway.

P. — Qual o enderêço de Françoise Arnoul? (M. C. M. - Recife).

R. — Unifrancefilm - 77 Champs Elysées - Paris VIII - France.

P. — Qual a idade de Piper Laurie? Ela é casada? Qual o seu filme mais recente? (G. A. - São Paulo).

R. — Piper Laurie, cujo nome verdadeiro é Rosetta Jacobs, nasceu em Detroit, a 22 de janeiro de 1932. E' solteira e os seus dois mais recentes filmes foram "Smoke Signal", com Dana Andrews, e "Ain't Misbehavin", com Rory Calhoun, recém-estreado nos Estados Unidos.

P. — E' verdade que Ann Blyth está esperando de novo a visita da cegonha? (H. F. E. - Rio).

R. — E' verdade sim.

P. — Qual é a idade verdadeira de June Allyson? (J. P. - Itu).

R. — Deve andar por volta dos 37 anos.

P. — Linda Christian e Edmund Purdom pensam ou não no casamento? (R. — Vitória).

R. — Não é provável que êsses dois venham a casar.

P. — Poderia fornecer alguns detalhes sôbre Anthony Dexter, o ator que fêz na tela o papel de Rodolfo Valentino? (C. M. — Rio).

R. — O seu verdadeiro nome é Walter Craig, tem 42 anos de idade, é pai de dois filhos, sua espôsa Marjorie acaba de requerer o divórcio, e êle está trabalhando em night-clubs, no show de Mae West.

P. — Quando dois artistas do cinema casam, usam nos documentos os pseudônimos artísticos, ou os nomes verdadeiros? (R. F. — São Paulo)

R. — Usam os nomes verdadeiros.

P. — Gregory Peck, depois que se divorciou, continua o romance com Veronique Passanie? (W. A. — Volta Redonda).

R. — Ainda recentemente, quando o ator estêve filmando no Ceilão, Veronique estava na sua companhia. Quando os repórteres perguntaram a Greg o que fazia ela ali, o astro respondeu: "veio comprar chá para sua mãe".

P. — Ava Gardner está atualmente amando alguém? (M. S. — São Paulo).

R. — Ela garante que não, embora tivesse recentemente em Londres vários admiradores apaixonados.

ELAINE STEWART
da
Metro Goldwyn Mayer

Com tantos sabonetes no mundo...

por que as estrêlas preferem Lever?

- porque a Brancura de Lever demonstra Pureza!

EIS PORQUE VOCÊ SÓ DEVE USAR UM SABONETE BRANCO E PURO:

A beleza de sua pele depende ùnicamente de você. E nada é tão importante para sua pele como o sabonete que você usa. Esteja segura de que só um sabonete absolutamente puro toca em sua pele. Tenha certeza de que o seu sabonete é feito de óleos naturais altamente refinados. Certifique-se de que êle é **puro.** Verifique se êle é **branco.** Nunca use outro sabonete, a não ser o mais branco que você pode comprar — o puro Sabonete Lever!

A brancura de Lever demonstra pureza! Essa é a razão pela qual as estrêlas o escolheram para o cuidado de sua cútis. Sòmente um sabonete feito de ingredientes altamente refinados pode ser tão branco. Dê à sua pele uma oportunidade diária de se tornar mais bela, encantadora e juvenil. Use o puro — o branco Sabonete Lever!

Lever é perfumadíssimo! Você sentirá por muito tempo após o uso de Lever, um delicioso e intenso perfume. Você vai adorar o perfume de Lever!

E Lever é econômico também! Descubra mais esta qualidade neste sabonete branco e puro. Lever forma ràpidamente abundante espuma. Por isso gasta menos. Dura mais!

"Eu uso Sabonete Lever"

diz Elaine Stewart

USADO POR 9 ENTRE 10 ESTRÊLAS DE HOLLYWOOD

LINTAS - LTS - 214

Aniversários

SETEMBRO

DEBORAH KERR

JOHN ERICSON

ANNE FRANCIS

Pedra do mês: SAFIRA

VITTORIO GASSMAN....	1 setembro 1922
JOYCE HOLDEN.....	1 setembro 1930
IVONNE DE CARLO.....	1 setembro 1924
ALAN LADD.	3 setembro 1913
MITZI GAYNOR.....	4 setembro 1931
JACK BUETEL.....	5 setembro 1917
PETER LAWFORD.....	7 setembro 1923
RICHARD WEBB.....	9 setembro 1919
JANE GREER.....	9 setembro 1924
LLOYD NOLAN.....	10 setembro 1904
EDMOND O'BRIEN.....	10 setembro 1915
CLAUDETTE COLBERT.	13 setembro 1905
DICK HAYMES.....	13 setembro 1916
SCOTT BRADY.....	13 setembro 1924
CYL FARNEY.....	14 setembro 1925
LAUREN BACALL.....	16 setembro 1924
ANNE FRANCIS.....	16 setembro 1930
RODDY MCDOWALL.....	17 setembro 1928
PAT CROWLEY....	17 setembro 1929
GRETA GARBO.	18 setembro 1906
SHELLEY WINTERS.....	18 setembro 1923
DAWN ADDAMS.....	21 setembro 1929
MARGE CHAMPION.....	22 setembro 1926
PAUL MUNI.....	22 setembro 1916
MARTH SCOTT....	22 setembro 1916
WALTER PIDGEON.....	23 setembro 1898
MICKEY ROONEY.....	23 setembro 1920
GAIL RUSSELL.....	23 setembro 1924
ALDO RAY.....	25 setembro 1926
JOHN ERICSON.....	25 setembro 1927
GEORGE RAFT.	27 setembro 1904
GENE AUTRY.....	29 setembro 1907
GREER GARSON.....	29 setembro 1908
LIZABETH SCOTT.....	29 setembro 1922
DONNA CORCORAN.....	29 setembro 1941
DEBORAH KERR.....	30 setembro 1921

Beleza mais provocante
à flor de seus lábios!

COTYRED

moderníssima
tonalidade do
novo baton
COTY

— *a mais bela moldura*
para o seu sorriso

Seu maior encanto: seus cabelos!

Não permita, pois, que fiquem fôscos... quebradiços... sem vida!

Lave-os com o insubstituível

Shampoo SCHAUMA

e dê um invejável esplendor ao seu penteado!

DE OVO

Seus cabelos merecem uma cuidadosa limpeza com esta famosa especialidade da ciência alemã... o perfumado Shampoo Schauma, creme ou líquido, agora contendo vitalizantes extratos de ôvo. Sem os inconvenientes de produtos à base de sabão, o superior Shampoo Schauma retira tôdas as impurezas do couro cabeludo... impede a caspa... e fortalece as raízes de seus cabelos! Seja líquido, ou seja em forma de creme, o Shampoo Schauma é facílimo de aplicar. E basta você usá-lo uma vez por semana para tornar seus cabelos macios, brilhantes, in-ve-já-veis... prontos para o mais elegante penteado!

Shampoo
SCHAUMA

Creme - em vistoso tubo
Líquido - em elegante frasco

DE OVO

- um produto da famosa marca alemã SILHUETA

5.001 - Charles A. Ullmann

Poeira de ESTRELAS

A estrêla Terry Moore que, depois de vários casos ruidosos referentes à indumentária que usava, tinha jurado à sua mãe e ao estúdio, que não daria mais motivos para comentários e críticas, nesse sentido, não contava com a astúcia e a malícia dos orientais.

Um fotógrafo na Turquia conseguiu tirar um instantâneo de Terry, num ângulo tão favorável e indiscreto em relação ao decote da estrêla, que a fotografia está fazendo furor na Europa, e fazendo engasgar os diretores do estúdio, a Sra. Koford (mãe de Terry) e a própria estrelinha imprudente.

A artista Nala Nurmi, muito conhecida na televisão norte-americana sob o apelido de "Vampira", e especialista num gênero de sex-appeal macabro, foi vítima da sua própria reputação artística: foi atacada à unha por um admirador entusiasmado demais, e só pôde livrar-se dêle com o auxílio da polícia.

Parece que o susto foi maior do que qualquer dano físico.

Quando a veterana estrêla Joan Crawford declarou recentemente que o seu novo marido, o milionário Al Steele, era "o maior homem que eu jamais conheci", alguém comentou com justificável ironia no estúdio: "Que boa memória ela tem!"

*

Os artistas de cinema fazem geralmente uma grande ginástica para fugir ao controle de idade que os seus fans e biógrafos exercem, mas há uma certidão de idade à qual jamais conseguem escapar: os filhos. Ainda recentemente, Dana Andrews comentou: "Não poderei mais esconder a minha idade. Meu filho Daniel vai estrear no cinema e, como êle tem 20 anos de idade, quero que saibam que já estou com 43 anos no lombo...!

Marilyn Monroe, que se tem revelado uma das estrêlas mais inteligentes de Hollywood, descobriu uma maneira deliciosa de fazer calar o bico aos que zombam do desejo que ela manifestou de trabalhar no filme "Os irmãos Karamazoff", extraído do romance do mesmo nome de Dostoievski.

— Por acaso já leu o livro? — pergunta ela com o mais ingênuo dos sorrisos aos críticos eventuais.

E quase sempre segue-se à pergunta um silêncio meio encabulado e reticente do "espírito-de-porco".

a esperança não morre

Sem ligar ao que os outros dizem, Josanne Mariani fala com convicção do seu próximo casamento com Marlon Brando.

Por IMOGENE COLLINS

— Estou tão farta de todos êsses boatos! Marlon e eu casaremos ainda êste verão, digam o que disserem os mexeriqueiros.

Quem assim falava era Josanne Mariani, em Nova York, a quem eu telefonara de Hollywood, com o propósito de saber ao certo o que havia de verdade na seguinte notícia: — "Marlon Brando não mais casará com Josanne Mariani".

— Quer ouvir mais outra? — perguntei. — Aí vai: "Josanne Mariani chegou hoje a Hollywood. Seu casamento com Brando deverá, pois, realizar-se a qualquer momento".

Josanne riu do outro lado da linha, com um riso cansado e algo irônico: — Mas isso é ridículo! — disse ela, no seu suave sotaque francês. — Como é que eu poderia estar aí em Hollywood? Não está vendo que eu estou aqui em Nova York, falando com você?

Senti, de repente, muita pena daquela jovem de vinte anos. Desde que conheceu Marlon Brando, há dois anos atrás, Josanne não soube mais o que era tranqüilidade. Além de ser alvo de críticas e boatos — alguns não muito agradáveis — teve que suportar também as comparações quase sempre desfavoráveis feitas por algumas invejosas que tiveram a sorte de interessar, outrora, a Brando. E ainda por cima as suas ambições dramáticas sofreram.

— Nós queríamos um romance normal, — continuou ela — mas isso tem sido impossível. Há tantas moças apaixonadas por êle! Algumas até forçam a entrada no apartamento dêle, em Nova York. Foi o que aconteceu uma vez que eu estava lá. Quebraram móveis, viraram tudo... eu e Marlon tivemos de refugiar-nos na cozinha!

Quando Josanne veio a Hollywood ver Marlon fazer "Désirée", os dois pensaram que poderiam ter mais sossêgo. Qual nada!

— Escolhíamos os restaurantes mais desertos, — diz Josanne — mas não adiantava. Não tardava que alguém se aproximasse da nossa mesa e perguntasse: — "O senhor é Marlon Brando, não é?" — Marlon tinha sempre uma resposta pronta: — "E', eu sou parecido com êle". — Ou — "Eu tenho cara de ator?" — Às vêzes era até engraçado, mas nunca podíamos estar realmente sòzinhos. Foi por isso que eu voltei a Bandol, e depois me fui encontrar com Marlon em Paris. Em Paris ainda se pode gozar de alguma tranqüilidade.

Êste ano, enquanto Brando filmava "Guys And Dolls", em Hollywood, Josanne resolveu ficar em Nova York, ocupando um apartamento com uma amiga, um cão e um pássaro que Marlon lhe deu neste último Natal.

Enquanto não recebia a sua carteira de permanência nos Estados Unidos, Josanne aproveitou o tempo tomando aulas de canto e de arte dramática.

Quando lhe perguntei se estavam planejando um grande casamento, ela disse logo: — Nada disso. Queremos uma cerimônia muito simples, e, se possível, secreta.

— Então talvez vocês casem em Paris? — sugeri. — Talvez em julho...?

— Ainda não sei, mas mesmo que soubesse não lhe diria. Ninguém vai saber de nada, até que estejamos já casados. O momento mais maravilhoso das nossas vidas não vai ser estragado por jornalistas, fotógrafos e curiosos. Disso pode ter a certeza.

APAIXONANTE HISTÓRIA DA MAIS ESTRANHA PERSONAGEM DUMA ÉPOCA!

CINEMASCOPE

O Génio da Ribalta

Suspense!

Romance!

Drama!

"Prince of Players,"

RICHARD BURTON

MAGGIE McNAMARA

JOHN DEREK

RAYMOND MASSEY

PROIBIDO ATÉ 10 ANOS

20 CENTURY-FOX

Breve

PALACIO ROXY MADRID

Romance de Outono

Há quatro meses atrás, quando ainda estavam sendo filmadas as últimas cenas de "Soldier of Fortune", ora em exibição nos cinemas americanos, tive o prazer de trabalhar com Clarck Gable. Está claro que no set muito se falava de suas saídas com Kay Spreckles (hoje Mrs. Gable) e eu fui dos que lhe perguntaram se "havia algo de sério naquele romance".

A perguntas como esta, Gable sempre respondia negativas ou evasivas: "Somos bons amigos... nada mais"

Está claro que ninguém é obrigado a responder a perguntas indiscretas sôbre a sua vida particular, mas, para quem vive em Hollywood e pertence ao rol dos famosos, é comum aparecerem jornalistas com perguntas como esta, e até mesmo com algumas ainda mais impertinentes. Mas, no caso de Gable, a negativa não era só para jornalistas, e êle a repetia até mesmo aos amigos mais chegados. (*Conclui na pág.* 49)

Clark e Ray sorriem e conversam com os repórteres, como para compensá-los da festa de casamento que fizeram perder

Clark Gable casou-se outra vez...
Uma nova "rainha"
vem ocupar a vaga das antecessoras
ao lado do "Rei",
no bucólico rancho de Encino...

Por LOUIS SERRANO

Várias poses são concedidas amavelmente pelo casal, que não conseguia ocultar o desejo de terminar logo com a entrevista

os espiões de Cinelândia em Hollywood...

louella parsons

nos informa:

Fess Parker com a sua querida Marcia Reinhart. E' curioso como êle procura sempre representar na vida real o famoso papel de Davy Crockett.

UM MOMENTO: estou-me dirigindo agora a todos que me enviaram cartas idênticas a essa de Carol Kennicott, de Atlanta, e que diz o seguinte: "Estou tão desiludida com os artistas de Hollywood, depois do que li a respeito dêles numa revista, que nunca mais botarei os pés num cinema".

Francamente, Carol, estou admirada de você e de tantos outros que pensam como você. Vou dar a minha opinião sôbre o caso e não voltarei mais ao assunto.

Há em Hollywood muitos homens e muitas mulheres — se eu fôsse enumerá-los aqui esgotaria tôda a seção — que constituem motivo de orgulho para a profissão que abraçaram, e para o país.

São êstes os que primeiro respondem aos apelos dos necessitados, tomando parte em festas de caridade, em solenidades cívicas, em suma, em empreendimentos nobres. Com seu talento, conseguiram arrecadar milhões de dólares para auxiliar os necessitados e os doentes.

Os artistas bons e generosos de tal modo superam as ovelhas negras, que chega a ser uma injustiça citá-los numa mesma frase com os poucos indesejáveis.

Não posso compreender a atitude de fans como Carol, que se apressam em condenar todos os nossos excelentes artistas e cidadãos, só porque certas personalidades, que às vêzes nem trabalham no cinema, não guardam em público a necessária linha de dignidade.

Meditem bastante, vocês que pensam como Carol, antes de abandonarem as agradáveis horas de distração que lhes podem proporcionar os grandes artistas, e a excelente gente do cinema.

BILU-BILU-BILU... ALGUÉM JÁ VIU RETRATOS MAIS ENCANTADORES DO QUE ÊSSE DE ROSEMARY

O garotinho chama-se Miguel José

Nasceu em Nova York a 7-2-1955

Êle inspirou a canção "Dimple", de Rosie

RECADO PARA FRANK E BOGIE: Frank Sinatra tem muitos amigos, entre os quais se conta Bing Crosby. E' raro o fim de semana, quando os dois estão em Palm Springs, que Frankie não prepare um bom espaguete para Bing.

Já o jovem James Dean não se mostra tão entusiasmado com Frankie ou com Humphrey Bogart.

Tanto Bogie como Frankie gostam de mexer com as pessoas que consideram tímidas e acanhadas como é o caso de James.

Uma noite, no Villa Capri, um restaurante italiano frequentado por muitos artistas de cinema, Frankie e Bogie não se cansaram de mexer com James por causa do cabelo.

— Por quê você não o penteia com um pente e não com uma toalha? — disseram.

James procurou levar a coisa na brincadeira, mas seu rosto foi-se avermelhando, e êle tratou de levantar-se e sair assim que acabou de comer.

Está bem, rapazes, brinquem à vontade. Mas escolham alguém que já esteja acostumado com as brincadeiras de Hollywood, alguém como Bogart ou como Sinatra.

RECEBI DUAS VISITAS. Êste mês fiz novas e esplêndidas amizades. Nunca me diverti tanto como quando Fess Parker estêve em minha casa. Tão preocupada estava eu em conseguir autógrafos para as crianças, que quase nem pude entrevistá-lo direito.

Quando lhe perguntei se o seu romance com Marcia Reinhart era coisa séria, êste novo ídolo da juventude respondeu:

— Que nada! Estamos passando o tempo...

Outro rapaz que está subindo ràpidamente é Jack Lemmon (esperem até vê-lo em "Mister Roberts", seu melhor filme até ao momento, e olhem que êle já fêz bons filmes). Jack levou a espôsa quando foi me visitar.

Os Lemmons formam um casal simpático, e ambos estão muito orgulhosos do seu rebento, nascido há pouco. Não pude deixar de fazer uma gracinha com êles. Jack vai

CLOONEY COM O FILHINHO?

O apelido dêle é Merigo, disse Rosie

Quero dar parabéns a TERRY MOORE (desta vez)

Terry Moore tem-se prestado a muitos recursos tolos de publicidade. Desta vez, entretanto, rendo-lhe as minhas homenagens por haver desmentido prontamente as notícias procedentes de Londres, segundo as quais estaria "noiva" do cantor Johnny Ray.

— Nada poderia ser mais ridículo — explicou Terry. — Saí com o Sr. Ray apenas duas vêzes. Tenho a impressão de que o agente de publicidade dêle quer a todo custo que o nome do seu cliente não saia dos jornais.

E' também a minha opinião, querida Terry.

Não deixa de ser triste que um homem do valor de Johnny ainda tenha de apelar para essas tolices de falsos noivados, para conseguir espaço nos jornais.

Consta agora como certo que êle se casará com Sylvia Drew, de vinte e um anos, cantora da orquestra de Vic Lewis.

Quando Johnny estêve na Austrália falou-se muito no seu casamento com Beverly Stewart Dawson, moça de sociedade. Mas, como êle regressou sem casar, os repórteres passaram a esperar todos os aviões, porque correra o boato de que a dita moça deixara sua pátria para vir casar-se com o "Chorão" na América.

Nada disso aconteceu.

Enquanto isso, a ex-espôsa de Johnny — Marilyn Morrison — (êles estiveram para casar-se novamente, e isso forneceu assunto aos jornais durante muitas semanas) — parece que atualmente está muito interessada em James Dean.

SEJA

VOCÊ TAMBEM

Mais atraente
Mais elegante

Com DARLING

O soutien preferido
pelas estrelas

MOD.
"HOLLYWOOD"

Este é um dos magnificos modelos que lhe proporciona:
Decote maior.
Perfeita separação do busto

Darling

Destaca você
entre as demais!

NAS BOAS CASAS
DO RAMO

Fabricantes:
CASTRO & MASIJAH LTDA.
Rua Cantareira, 1144 - São Paulo
Fone. 37-2023

Alcon

os espiões de Cinelândia em Hollywood...

trabalhar no mesmo estúdio, com certa estrêla que tem a reputação de dar em cima de homens casados, mesmo quando são felizes com as respectivas espôsas.

— Ela não conseguirá nada com o Jack — respondeu rindo a Sra. Lemmon. — Enquanto êle estiver trabalhando lá, irei diàriamente ao estúdio com o garoto!

Mas ela não precisa ficar preocupada porque Jack nem sabe que existem outras mulheres.

EI, MARLON, ÊLES GOSTAM DE VOCÊ! Se Marlon Brando não tomar cuidado, vai acabar vencendo todos os concursos de popularidade, e se tornará um dos sujeitos mais adoráveis da história de Hollywood.

E pensar que há coisa de um ano Marlon estava sendo processado pela Fox por ter abandonado as filmagens de "O Egípcio", e tinha seguido para o consultório de um médico psiquiatra, em Nova York.

Se alguém me perguntar quando se operou a grande transformação, direi que foi na noite em que êle recebeu o prêmio da Academia. Êste rapaz, que sempre se mostrava ressentido com todos, e parecia carregar um pêso nos ombros, não contava com os calorosos e vibrantes aplausos ao ser anunciado o seu nome como vencedor.

Era como se aquele público, composto de gente de sua própria profissão, estivesse dizendo a Marlon: "Não brigue conosco. Estamos do seu lado. Demos o nosso voto para que você recebesse a maior homenagem que um ator pode receber dos colegas. Felicidades, rapaz."

Parece que a sutil mudança na maneira de proceder de Marlon Brando ocorreu logo depois da noite em que conquistou o Oscar.

Quando começou a trabalhar em "Guy and Dolls", todo mundo estava mais ou menos com a pulga atrás da orelha, esperando para ver como é que "Mr. Big" ia proceder. E descobriram: o nosso amigo foi um verdadeiro anjo do princípio ao fim do filme.

Marlon tem, com efeito, se portado tão bem que seu chefe, Sam Goldwyn, deu-lhe um carro de presente, o primeiro que Marlon já teve. No volante, Sam colocou um cartão com os seguintes dizeres:

"Isto é para expressar minha sincera admiração pelo seu trabalho e cooperação, dentro e fora do estúdio".

Jean Simmons, Frank Sinatra, e outros elementos do cast, estão aí para dizer que Marlon era sempre o primeiro a chegar ao estúdio e o último a sair.

Uma das tarefas mais difíceis dos estúdios é conseguir que os astros e as estrêlas posem para as fotos de propaganda dos filmes. Podem imaginar, portanto, a surprêsa dos fotógrafos quando certa manhã Marlon apareceu inesperadamente e disse: "Olhem, não filmarei durante uns dois ou três dias, e, se vocês quiserem, estou à disposição."

Os fotógrafos declaram que isso é um caso vírgem!

Quanto às crianças, elas adoram Marlon. A Sra. Frank Loesser (seu marido escreveu a música de "Guy and Dolls") disse-me que sua filha de nove anos está apaixonada por êle.

— Êle me faz sentir como se fôsse bonita, coisa que não sou — disse a menina à mãe.

Uma mocinha minha conhecida, e que estuda numa das melhores escolas de Los Angeles, disse-me no outro dia:

— Marlon é um amor. Sabe que uma vez êle nos deixou apanhar souvenirs em sua garagem, quando um bando de pequenas de nossa escola foi à sua casa? Uma das meninas apanhou o boné que êle usou em certo filme, e até hoje o usa na escola.

Sim, parece que temos agora um outro Marlon Brando. **(Conclui na pág. 53)**

Rita Moreno e Jeff Hunter têm aparecido juntos muito frequentemente em Hollywood... fala-se em romance, entre êles...

Aqui está a atriz Thelma Ritter, com seu marido, o publicista Joseph Moran. Thelma entusiasma em "Daddy" Long Legs"

DISCOS NOVOS

★★ ÓTIMO — ★ BOM
SEM ESTRELAS: ACEITÁVEL

Por LOUIS SERRANO

DORIS DAY, que voltou ao cartaz com o seu sucesso cinematográfico "Love Me or Leave Me", da Metro, acaba de gravar *"I'll Never Stop Loving You"* ** e *"Never Look Back"* * (Columbia). As duas melodias são do filme, e Doris certamente vai ter um "hit" com "I'll Never..." Gostamos da maneira como interpreta esta balada, que terá o filme como melhor "plug", e a interpretação de Doris como garantia de que ficará "around" por bastante tempo. O reverso também merece ser ouvido e lhe damos um justo destaque.

ART MOONEY e a sua orquestra estão fazendo voltar ao cartaz as gravações de orquestra, coisa que por muito tempo ficou fora de moda... A sua última gravação para a MGM nos trouxe *"Alabama Jubilee"* ** e *"Paddlin' Madeline Home"*. Mooney, que certamente teve um "hit" com o seu "Honey Babe", vai com tôda a certeza figurar muito bem com "Alabama..." na lista das gravações mais vendidas e ouvidas. O seu estilo "old", mas de ritmo moderno, está agradando muito à nova geração, e consegue agradar a velhos e jovens, coisa que é realmente difícil, musicalmente falando. Para "Alabama..." um justo sucesso e os nossos parabéns para os solos de banjo...

ALAN DALE está tendo sorte com o seu ritmo latino... Depois do sucesso com "Cherry Pink and Apple Bloosom White", Alan nos brinda agora com *"Sweet and Gentle"* * e *"You Still Mean The Same To Me"* (Coral). Ainda que não consideremos o novo ritmo (cha-

(Conclui na pág. 53)

Betty Anne Steele, cantora da Capitol

Doris Day e Louis Serrano, no estúdio de gravações Columbia.

Criado em França

é reproduzido na América
por Fábricas *Leila*
o tul elastico "Vespa"
é famoso em todo o mundo

Cinta Calça
"Vespa"
mod. 607
Cr$ 279,00

Sua ação é suave e segura, de efeito incrivel estabiliza o corpo afinando graciosamente a cintura; e chega às suas mãos em vários modelos diferentes.

Cinturita "Vespa"
Pat. n.º 1140 **Cr$ 101,00**

Cinta Luva "Vespa"
mod. 606 **Cr$ 279,00**
sem ligas

Cinturita porta Liga
"Vespa"
Cr$ 201,00

Certifique-se a etiqueta é "Vespa"
Se não for encontrada em seu fornecedor, escreva ao Departamento de Informações de Fábricas *Leila*

A venda nas melhores casas, com preços uniformes em todo o País

FÁBRICAS *Leila* LTDA.

ESTR. DO ORATÓRIO 58 - S. PAULO

VÁRIAS UVAS... — Uma delas é naturalmente a estrelinha Myriam Bru, que ora interpreta em Roma "Gli amori di Manon Lescaut", sob a direção de Mario Costa. E foi precisamente num intervalo da filmagem dessa produção que o fotógrafo fixou o encantador flagrante: a artista oferecendo a uma pequenina fan um cacho de deliciosas uvas romanas...

KAOURU YACHIGUSA, a estrêla nipônica de "Mme. Butterfly", filmado na Cinecittá, apaixonou-se pela capital romana como qualquer turista do Ocidente (ou do Oriente). Os seus minutos de lazer, durante o desempenho que teve nessa produção da Rizzoli Film, foram todos aproveitados em passeio pelos locais de maior tradição de Roma. Ei-la na célebre Praça de Espanha.

AMOR (CONJUGAL) E FÉRIAS — Yves Montand vem trabalhando bastante, no cinema e no teatro franceses. Depois de ser o astro de "Les héros sont fatigués", com Maria Felix, interpretou o papel de "Méphisto" na realização de Claude Autant-Lara "Marguerite de la nuit". Por isso é que resolveu passear assim de yacht, levando também a espôsa, ou seja, Simone Signoret, com a qual aparece em cena...

OS FAVORITOS — Gérard Philipe e Michele Morgan foram surpreendidos em pleno ensaio de uma quadrilha do seu novo filme "Les Grandes Manoeuvres" (René Clair) pela agradável notícia de que lhes coubera o 1.º lugar nas preferências do público francês, no concurso anual de "Cinémonde". Houve alegria geral no estúdio (até Brigitte Bardot, que se vê atrás de Michele, pulou de contente). O astro não pôde, entretanto, afastar-se da filmagem, tal a importância do seu papel, nem para ir receber a sua "Victoire", no dia da entrega

ACONTECEU NA Europa

E QUERIA SER MÉDICA... — Rossana Podestá (que comparece nesta seção vestida segundo o figurino de Helena de Troia, foi "descoberta" por acaso, numa piscina romana, pelo diretor Leónide Moguy, que lhe deu um papel em "Amanhã Será Outro Dia". Contava então 17 anos de idade, e sonhava com a medicina como carreira. Venceu no cinema, casou-se com o seu colega Marco Vicario, tornou-se mãe de um bonito garoto e é uma das estrêlas italianas de maior fama internacional.

LOLLO saúda a Rainha da Inglaterra, por ocasião da première londrina (no Tivoli) de "Carosello Napoletano". Gina acaba de ganhar a distinção máxima do cinema francês: a "Victoire". Foi recebê-la em Paris, como é da praxe, mas estava com tanta pressa de retornar a Roma para atender aos seus compromissos artísticos, que, meia hora depois de chegar à capital francesa, já corria de volta à gare de Lyon, onde a esperava o mesmo trem que a trouxera da Itália...

EM FORMA... — Alberto Ruschel já deteve o título de campeão de polo aquático do Brasil, como sabem. Com a intensidade da sua vida cinematográfica (foi filmar na Espanha, etc.), o astro de "O Cangaceiro" nem sempre dispõe de tempo para uns bons mergulhos no mar, ou mesmo nalguma piscina. E' assim com verdadeiro prazer que o vemos nadando na praia espanhola de San Sebastián, durante uma folguinha que teve entre a filmagem de "Ha pasado un hombre" e "Puente del diablo"...

EXOTISMO — Esta é uma cena do novo filme de Claude Vermorel, "La plus belle des vies", rodado na Guiné Francesa. Temas como êsse parecem estar muito em moda no cinema europeu. E, quando as câmeras não vão em locação até à África (a exemplo do que se deu com a filmagem de "Nagana" e outras histórias semelhantes), é comum ver-se um trecho do continente africano reconstituído nos estúdios da Europa, conforme aconteceu recentemente em Joinville (Paris), onde foi erguida tôda uma aldeia negra.

GÉLIN (Daniel), que aparece na foto disposto a beijar a Pampanini, no filme italiano "Allegro Squadrone", fêz as malas e partiu para Hollywood, onde terminará "L'homme qui en savait trop", de Hitchcock, com Doris Day e James Stewart. Não seguiu só, entretanto, para a méca das estrêlas: levou em sua companhia a adorável Sylvie Hirsh, que é uma espôsa exemplar (embora com certeza um pouco ciumenta), além de famoso manequim do costureiro Dior...

Livre-se dos cravos!

Não permita, de maneira alguma, que os cravos prejudiquem o "glamour" de sua cútis. Hoje em dia, grandes especialistas de pele recomendam um tratamento especial não-gorduroso, para *eliminar* os cravos. É rápido e eficiente.

Todos os dias,

pela manhã e à noite, aplique uma espêssa camada de Creme V Pond's no rosto. Deixe-a por um minuto. Êsse creme *não-gorduroso* dissolve as partículas oleosas, já mortas, que se acumulam nos poros e dão origem aos cravos. Retire o creme, enxágüe o rosto com água fria. Veja como a sua cútis parecerá mais fresca, mais suave, mais juvenil — *imediatamente*.

• • • • • • • •

Base fina e transparente

Antes de empoar, aplique uma fina camada de Creme V Pond's. Não é gorduroso e desaparece num instante. Fica apenas uma película transparente, que recebe o pó por igual, e o mantém horas, sem rachar ou perder a côr. O seu rosto não fica empastado ou lustroso. Horas depois, ainda parece que você acabou de maquilar-se.

O Creme V Pond's pode tambem ser encontrado agora nos potes de *tamanho econômico* — que lhe oferecem o dôbro de creme por um pequeno acréscimo no preço.

A estrêla italiana do cinema, PIER ANGELI, que se confinou em sua residência desde o acidente sofrido em fevereiro passado, ao escorregar num avião, deu à luz o seu primeiro filho — um menino — num hospital de Hollywood, no dia 21 de agôsto. A criança, que pesa cêrca de 3 quilos e 700 gramas, e a atriz passam bem. Pier Angeli casou-se com o cantor Vic Damone, em novembro passado.

A bela sueca Hillevi Rombin, de 21 anos de idade, que foi a Miss Universo de 1955, causou uma certa sensação em Hollywood ao comprar discretamente uma passagem de avião de ida apenas, para a Suécia. Ela havia sido contratada pelo estúdio da Universal, com o salário de 250 dólares semanais (20.000 cruzeiros), e já fôra brindada com um pequeno papel no filme "The Benny Goodman Story". Mais tarde, já em Stockholm, ela explicou que o motivo da viagem tinha sido o desejo de visitar o noivo, tenente da aviação sueca, e acalmar seu pai, um próspero negociante que não estava muito de acôrdo em ver a filha em concursos de beleza e no cinema. Miss Universo garantiu que voltaria à Hollywood.

Sob a assistência técnica do próprio general Charles A. Lindbergh, o astro James

Um filhinho para Pier e Vic

Hillevi e Serrano em Hollywood

Giórgia Moll, miss cinema de Roma

Convidada especial dos russos

O que há de NOVO

Stewart, (que também é coronel aviador reformado da fôrça aérea norte-americana) começou a trabalhar no filme "The Spirit of St. Louis", que narra a história da primeira travessia aérea solitária do Atlântico.

A estrêla húngara do cinema Eva Bartok, de 26 anos de idade, cujo nome verdadeiro é Eva Szoke, casou em Schliersee, na Alemanha, com o ator cinematográfico austríaco Curd Jurgens, de 39 anos. E' o quarto casamento de Eva e o terceiro de Jurgens.

— A famosa dançarina-nua norte-americana Gypsy Rose Lee (Rose Louise Hovic é o seu verdadeiro nome), de 41 anos de idade, divorciou-se do marido, o pintor espanhol Julio de Diego, de 55 anos de idade, na cidade de Reno.

— A signorina Georgia Moll, de 18 anos de idade, foi eleita "Miss Cine Roma de 1955" num movimentado concurso realizado no Belveder-delle-Rose, na capital italiana.

— Philip Crosby, filho do famoso cantor Bing Crosby, foi gravemente ferido em um acidente de automóvel, quando voltava sòzinho da base de Fort Lewis, onde presta serviço militar.
Seu carro, numa curva, bateu no parapeito e caiu em um fosso de sete metros, abaixo da estrada.

— Depois de permanecer alguns dias em Mato Grosso, no interior brasileiro, realizando caçadas, regressou aos Estados Unidos a estrêla do cinema Jeanne Crain, acompanhada de seu marido Paul Brickman.

— No mesmo avião seguiu o veterano ator Walter Pidgeon, que comprou grandes áreas de terra no Estado do Paraná.

— O ator Marlon Brando, de 31 anos de idade, foi prêso e multado em 40 dólares por transgredir em Los Angeles as regras do trânsito. A muito custo conseguiu êle

Jeanne Crain em Mato Grosso

escapar dos fotógrafos ao sair da audiência do juiz que o condenou, e chegou a saltar uma janela para chegar ao seu automóvel.

— A famosa soprano do Metropolitan Opera House, de Nova York, Patrice Munsel, assinou um contrato para um show num dos hotéis de Las Vegas. Interrogada pela imprensa se aquilo significava o início de uma nova carreira da cantora popular, Miss Munsel explicou: "Não! Las Vegas representa apenas uma excursão a um outro campo artístico, para que eu possa me livrar da mania que tenho de querer representar!"

— Parece que terminou no México o romance que se esboçara entre a estrêla do cinema Maria Felix, de 37 anos, e o pintor

Linda desmentiu a entrevista

Sheree e Bud estão casados

Diego Rivera, de 68 anos. Ao que parece Maria preferiu companhias mais jovens...

— A estrêla de cinema Sheree North, cujo verdadeiro nome é Shirley Bethel, de 22 anos de idade e de formas esculturais, anunciou pùblicamente que estava casada desde o dia 20 de fevereiro último, com o saxofonista e editor musical Budd (John) Freeman, de 38 anos.

— Num artigo assinado que os jornais de Roma publicaram recentemente, a estrêla do cinema Linda Christian declara: "Está comigo uma pessoa que muito me estima, e que, como eu, muito sofreu... Trata-se de Edmund Purdom... e agora

(Conclui na pág. 53)

Marlon Brando: multa e fuga

-Mire-se num espelho!...

Com êsses cabelos escorridos, como quer que Paulo lhe dê atenção? Você precisa fazer uma permanente...

— Não, Suzana! Não me venha com ondulações a quente, autêntico suplício chinês. E além do tempo perdido, a gente se arrisca a ficar com o cabelo chamuscado, fôsco e duro, feito arame. Não! Deus me livre!

— Deixe-me explicar, Lúcia. Você não é feia. Tem lindos olhos, corpo perfeito, mãos delicadas... Seus cabelos, porém, lhe dão um ar de cansaço. Faça como eu e tôdas as moças modernas: use "TONI" — a permanente a frio, que se faz, cômodamente, em casa. Vou ajudá-la.

— Veja como é fácil. Primeiro, enrola-se o cabelo com êstes onduladores plásticos. Aplica-se a loção onduladora, seguindo as instruções que acompanham o estôjo, e assim você obterá uma ondulação suave e natural.

— Realizei o sonho de tôda moça. Sou, hoje, a senhora Paulo Arantes. Sinto-me felicíssima! Tudo isso, graças a "TONI" - a maravilhosa permanente a frio, que se faz, com a maior simplicidade, em casa, com o auxílio de uma amiga, e que nos permite os mais belos penteados.

Toni

ONDULAÇÃO PERMANENTE EM CASA

IA - 160

4 Romances

ARDIS E BILL HOLDEN

Ela desistiu da carreira para dedicar-se só ao casamento

Ardis Ankerson ambicionava fazer carreira em Hollywood, e o futuro parecia promissor. Saíra dos palcos novaiorquinos, contratada pela Warner Brothers, que lhe mudara o nome para Brenda Marshall, e a lançara como estrêla em "The Sea Hawk". Por sua vez, Bill Holden tinha acabado de fazer sucesso em "Golden Boy", e o futuro também lhe sorria. — "Quer que eu o apresente a Brenda Marshall?" — sugeriu-lhe um amigo. — "Aposto como vocês vão simpatizar um com o outro!" — "Não tenho tempo" — respondeu Bill. — "Além disso, não quero conhecer mulheres casadas que tenham filhos". — Bill falava sem saber. Ardis e o marido estavam separados, e ela não tinha filhos, tinha apenas uma garotinha ainda pequena, Virginia. Bill trabalhava no mesmo estúdio e o destino, querendo êle ou não, quis que os dois acabassem se conhecendo. Não tardou muito que se apaixonassem um pelo outro, e casaram no verão de 1941.

Brenda amava Bill, embora continuasse amando também a carreira, sem qualquer intenção de abandoná-la. Êle não se importava: achava que as espôsas tinham tanto direito a uma carreira quanto os maridos. E os Holdens não tinham pressa em aumentar a família. Já tinham Virginia e só depois de sòlidamente estabelecidos em Hollywood é que queriam ter mais filhos.

Êsses planos poderiam ter (Conclui na pág. 48)

VIRGINIA MAYO - MIKE O'SHEA

Éle preferiu a espôsa ao orgulho e à opinião alheia

De acôrdo com os "conselheiros matrimoniais", o casamento dêstes dois devia há muito tempo ter acabado em divórcio. A carreira de Virginia era muito mais importante do que a de Mike. Enquanto ela trabalhava no estúdio, êle trabalhava no rancho dêles. Segundo as leis da California, ela dava à ex-mulher de Mike vinte e cinco mil dólares anuais como sustento. Tudo isso devia ter contribuido para que Mike se sentisse ferido em seu amor-próprio, com que Virginia se sentisse cansada e amargurada, e com que o casamento dos O'Sheas tivesse ido por água-abaixo. Mas o casamento dos O'Sheas está cada vez mais sólido — simplesmente porque os dois dão mais importância ao amor do que ao dinheiro ou ao que os outros digam.

Não acreditem que Mike se tenha casado com Virginia por interêsse. Quando se conheceram, ela ganhava apenas oitenta dólares por semana, e êle ganhava muitas vêzes mais, graças ao seu sucesso no filme "Jack London". Um dia, Mike a viu atravessando o set e ficou fascinado. Não esperou mais nada: aproximou-se dela e apresentou-se. Virginia, por sua vez, ficou fascinada pela personalidade dêle, e aceitou um convite para sairem juntos. Mike descobriu que, apesar de muito bela, Virginia era extremamente tímida, e tão pouco segura de si mesma, que fugia das pessoas ou se refugiava numa cortina de silêncio. Virginia descobriu que Mike possuia uma grande bondade, sob aquêle seu aspecto reservado. Mais importante ainda, ambos descobriram que tinham em comum o horror à hipocrisia, e o amor à verdade. Após dezesseis anos de separação da espôsa, Mike pediu o divórcio e, em 1947, numa simples cerimônia religiosa, Virginia Mayo acrescentava O'Shea ao seu sobrenome.

A carreira dela subiu, a dêle (Conclui na pág. 48)

CAROL LEE - DICK ANDERSON

Ela teve de escolher entre a família e o noivo, e não vacilou

Carol Lee sempre pensou que não casaria tão cedo. Para a filha mais velha de Sue e Alan Ladd, a vida de moça solteira parecia perfeita. Interessava-se pela indústria cinematográfica e pensava fazer carreira como técnica. Gostava de Hollywood, do ambiente simples e familiar da casa dos pais, de morar com êles e com os três irmãos menores. Quando as amigas lhe falavam de casamento, Carol Lee dizia, numa voz cética: — "Se eu casar, quem me dará a certeza de que vou ser feliz? Vivo tão bem assim... para que arriscar?"

Mas Richard Anderson, entrou em cena, e, de repente, para seu espanto, Carol estava quebrando uma das principais regras do seu código: nunca dar atenção aos namorados das amigas. Sua amiga Jane tinha saído várias vêzes com Dick, embora não houvesse um namôro sério. Carol conhecera-o na casa da amiga, e conversara com êle em uma ou duas festas. Jane estava tomando sol à beira da piscina dos Ladds quando Dick telefonou, convidando Carol Lee a jantar. Pelo seu código de comportamento, ela deveria dizer-lhe imediatamente que não poderia aceitar. Em vez disso, perguntou à Jane se ela não se incomodava, e recebeu da amiga um sorriso e o seguinte comentário: — "Eu não lhe disse que você e Dick fariam bom par?"

Os dois jantaram juntos, naquela (Conclui na pág. 48)

PATTI E JERRY LEWIS

Ela o aceitou como êle era e o ajudou a ser feliz

Obedecendo a um instinto quase genial, Jerry casou exatamente com a mulher com quem deveria casar. Êle tinha apenas dezoito anos e representava no Downtown Theatre, em Detroit.
Ela chamava-se Patti Palmer, tinha olhos amendoados, e cantava com a orquestra de Tommy Dorsey. Jerry a viu pela primeira vez nos bastidores do teatro, e foi dizendo: — "Ei! Você está convidada a jantar comigo hoje à noite". — "Você está brincando?" — retrucou-lhe Patti friamente, e sem sequer olhar para êle. Dali a dois dias, êle a pedia em casamento. Patti julgou-o completamente doido, mas não tardou a descobrir as razões: sob a aparência de auto-confiança e fanfarronice escondia-se uma criança perdida, em busca de carinho e asilo; a idéia de que podia perdê-la era para êle desesperante.
Jerry repetia diàriamente a proposta de casamento. Ia ao camarim dela e deixava-lhe bilhetes de amor, rabiscados a bâton sôbre o espelho da penteadeira. Dizia-lhe que tinha mais quatro anos do que verdadeiramente tinha. Só podendo pagar um simples jantar, êle prometia a Lua.
Patti apresentou-o à sua mãe. Em vez do tradicional: — "Muito prazer", — Jerry anunciou logo: — "Vou casar com a sua filha". Mrs. Palmer não acreditou, e achou graça. Entretanto, três meses depois de se terem conhecido, Jerry tornava Patti Palmer sua mulher.

Tudo isso se passou há onze anos. No sexto aniversário de casamento, Jerry mandou gravar uma balada de sua autoria, em (Continua na pág. 48)

Poucos dias antes do trágico desastre de aviação que lhe custou a vida, o jovem astro Robert Francis mudou-se para um apartamento novo, e o fotógrafo foi surpreendê-lo em plena atividade, ajudado pela sua grande amiga, a estrelinha May Wynn... Mal sabiam êles que essa seria a última reportagem do esplêndido e jovem ator.

as últimas fotos

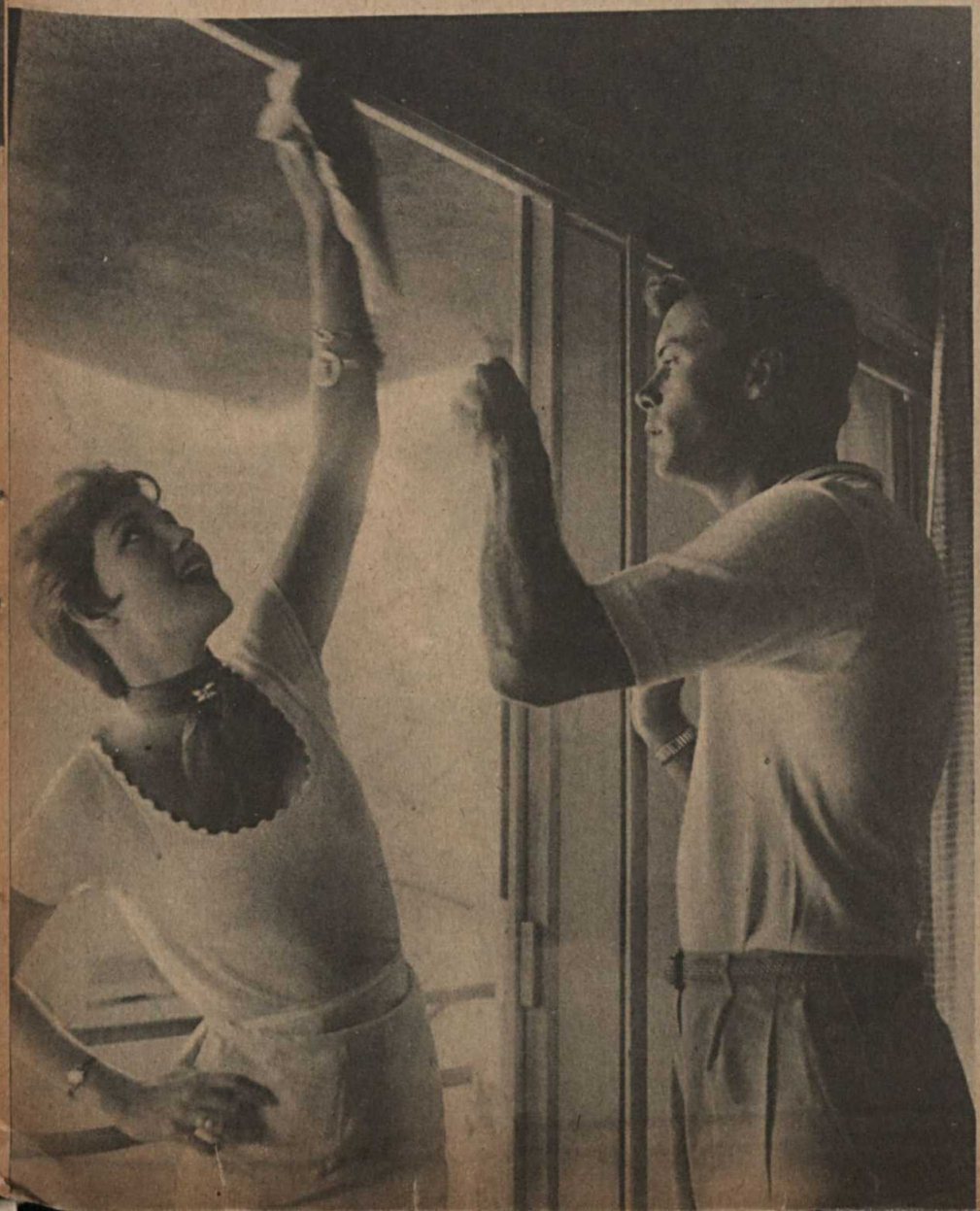
Bob passou a manhã inteira trabalhando como um mouro, levando a roupa para o novo apartamento no seu carro... o rapaz era cuidadoso com suas coisas desde menino...

May Wynn tinha se oferecido para ajudá-lo, e Bob resolveu encarregá-la do "serviço mais leve", como por exemplo carregar os livros. May porém reclamou que os livros pesavam.

May fôra convidada para dar um "toque-feminino" ao novo apartamento, mas o que fez na realidade foi carregar coisas pesadas de um lado para o outro durante o dia inteiro...

"Hora de descanso e do café", anunciou Bob, enquanto May Wynn sorria satisfeita com a oportunidade de descansar da canseira de carregar coisas.

Os móveis ainda não tinham chegado, e os dois tiveram de sentar no chão para saborear o café, entre pilhas de livros, de roupas, de quadros, de tôdas as coisas que adornavam o lar do ator...



"Chega de preguiça!" — disse Bob.

E afinal tudo pronto e arrumado!

Faça também a sua consulta grátis

O Departamento de Beleza Coty, em colaboração com esta revista, terá o maior prazer em responder a tôdas as consultas que lhe fizerem as leitoras sôbre seus problemas de beleza e "maquillage". As respostas serão dadas diretatamente, por carta. Preencha o questionário abaixo (pode anexar outras informações que julgar essenciais) e remeta-o para:

COTY - Departamento de Beleza
Caixa Postal, 199 - Rio de Janeiro

Qual a sua idade? _____
Altura? _____ Pêso? _____
Vive na cidade ou no campo? _____
Qual a côr dos seus cabelos? _____
Qual a côr dos seus olhos? _____
Seus cabelos são secos ou gordurosos? _____
A sua pele é normal? _____
Sêca? _____ Gordurosa? _____
Tem rugas? _____ Cravos? _____
Poros dilatados? _____
Sua tez é clara? _____
Rosada? _____ Morena? _____
Tem alguma imperfeição particular em sua pele? _____
Está usando algum produto de beleza? _____ Qual ou quais? _____

NOTA: Para saber a classificação de sua pele, aplique sôbre o rosto uma fôlha de papel de sêda. A pele gordurosa deixará vestígios gordurosos acentuados. A pele normal, vestígios ligeiros. A pele sêca não deixará vestígios.

NOME _____
RUA _____ N.º _____
CIDADE _____
ESTADO _____

(249)

FILMES NOVOS

O Sapatinho de Cristal
(The Glass Slipper) — M-G-M

O que Leslie Caron fêz por "Lili", esforça-se por fazer também por Cinderela. No entanto, provàvelmente por já existir ela há muito tempo, todo o fulgor de Cinderela (e não de Leslie) já quase desapareceu. Seja como fôr, êste filme tira-lhe quase todo o encanto. Nada de abóboras se transformando em carros, nada de camundongos... (isto é, há um casal de camundongos, mas êles nunca saem da gaiola), nada de fadas. E' verdade que há Mrs. Toquet, deliciosamente interpretada por Estelle Winwood, e que anda de um lado para outro fazendo aparecer coisas como sapatinhos de cristal, um vestido de baile, e uma filosofia mordaz, mas ela é mais uma criatura "tan-tan" do que pròpriamente sobrenatural. Naturalmente, irradia-se de todo o filme um esplendor adorável, há ballets bem imaginados, e uma combinação harmoniosa de côres. Michael Wilding está aceitável como o Príncipe Encantado, e Elsa Lancaster (madrasta de Cinderela) está satisfatòriamente má. Mas, para que mexer com um clássico e transformá-lo apenas numa semifantasia, quando se poderia fazer a coisa completa?

Victor Mature e Suzan Ball em "O grande Guerreiro", o último filme de Suzan

Leslie Caron e Michael Widdray em "O Sapatinho de Cristal", filme da Metro

Doris Day vence e sofre em "Ama-me ou Esquece-me", cinemascope colorido

Homem Sem Rumo
(Man Without a Star) — Universal

Êste pobre homem é Kirk Douglas, que vive a perambular pelo oeste porque detesta cêrcas de arame farpado, e os outros as constroem mais depressa do que êle pode derrubá-las. As cêrcas de arame farpado destinam-se ao gado, é claro, mas Kirk as toma como ofensa pessoal. Seja como fôr, êle passa uns dias numa fazenda de propriedade de Jeanne Crain. E o que faz ela, lá, além de importar milhares de cabeças de gado que destroem o pasto dos outros, ninguém sabe. Juntamente com o seu rebanho, sempre em aumento, vem um mau elemento (Richard Boone), que atira por dá-cá-aquela-palha. Como

(Conclui na pág. 53)

Kirk Douglas e Jeanne Crain no complicado western "Homem Sem Rumo"

Se o Senhor deseja...

realçar a consideração
que deve aos que
compartilham de seus
momentos felizes,
sirva-lhes
a extra-fina cerveja
Brahma Extra
— um privilégio
dos que se esmeram
em bem escolher.

BRAHMA
Extra

- requinte de bom gôsto

PRODUTO DA CIA. CERVEJARIA BRAHMA

306 - Ullmann

meu grande amor por Marilyn

Por **JIM HANAGHAN**

Quando eu era criança gostava muito de ouvir a história da Gata Borralheira, que vivia pobremente e sonhava com as coisas belas da vida.

À medida que fui compreendendo melhor a vida, comecei a descobrir outras Gatas Borralheiras na vida real, mas, infelizmente, descobri também que nem sempre elas encontravam o Príncipe Encantado ou o Sapatinho de Vidro que lhes servisse perfeitamente. E como sempre me interessei muito pelas pessoas idealistas, que têm sempre em mente um sonho por realizar, que estão sempre em busca da felicidade, comecei a prestar atenção em Marilyn Monroe, que é a Cinderela do século vinte!

* * *

Poucas pessoas conhecem tão bem Marilyn quanto o autor desta reportagem.

Conheci Marilyn há uns quatro ou cinco anos passados, quando ela ainda era uma novata quase desconhecida. Fui contratado por determinada revista para escrever um artigo sôbre ela e, assim, consegui entrevistá-la no Hotel de Beverly Hills. Esperei algum tempo, no saguão do referido hotel, até que ela apareceu, inteiramente diferente do que me haviam descrito.

Marilyn não tinha a aparência de modêlo, como me tinham dito. Era uma moça elegante, usando uma saia muito justa e um casaquinho de malha colante, com poucos botões abotoados e sem blusa em baixo, deixando entrever sua pele rosada e viçosa.

Mas o que mais chamava atenção era aquêle lindo palminho de rosto, emoldurado por cabelos louros e brilhantes.

Ela veio andando em minha direção e eu me levantei, sem encontrar outra coisa para fazer ou dizer. E colocando as mãos em meus ombros, disse-me, com sua voz melodiosa e quente:

— Jim!

Senti que o chão faltava sob os meus pés, e foi bom que nos sentássemos logo. Conversamos durante bastante tempo, tomamos alguns drinks e nos tornamos muito amigos.

Comecei a perceber que Marilyn era diferente de suas colegas, pois respondia a tôdas as minhas perguntas com a máxima sinceridade, e, quando não sabia respondê-las, não inventava respostas. **(Conclui na pág. 58)**

Juventude e Beleza

na Espuma Cremosa do Sabonete Palmolive!

PALMOLIVE –
O Sabonete da Juventude – torna a cútis aveludada como pétala de rosa...

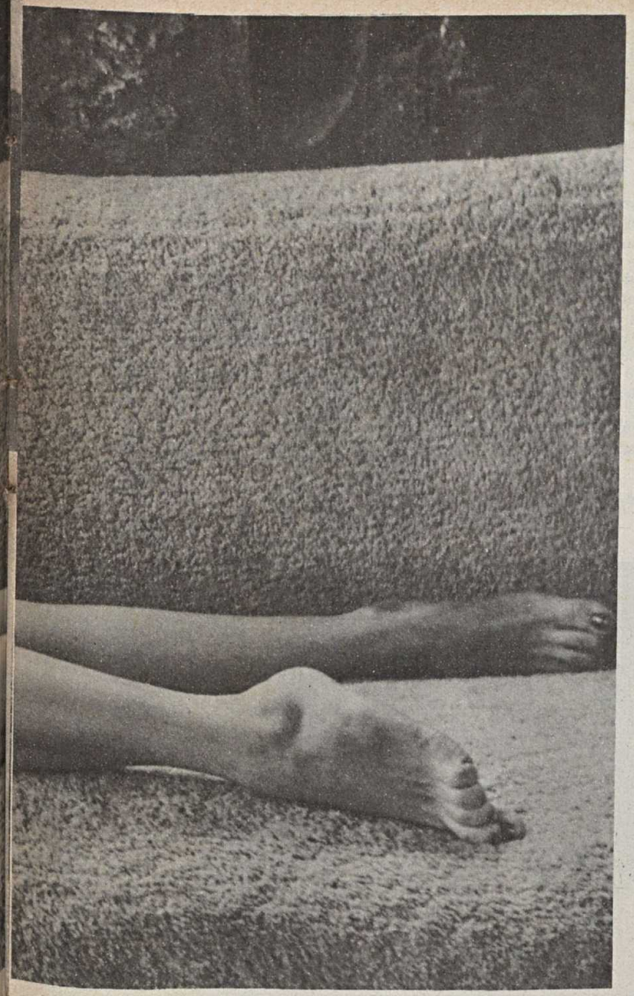
Especialistas de pele provam:
Com Sabonete Palmolive você pode obter cútis mais linda em 14 dias apenas!

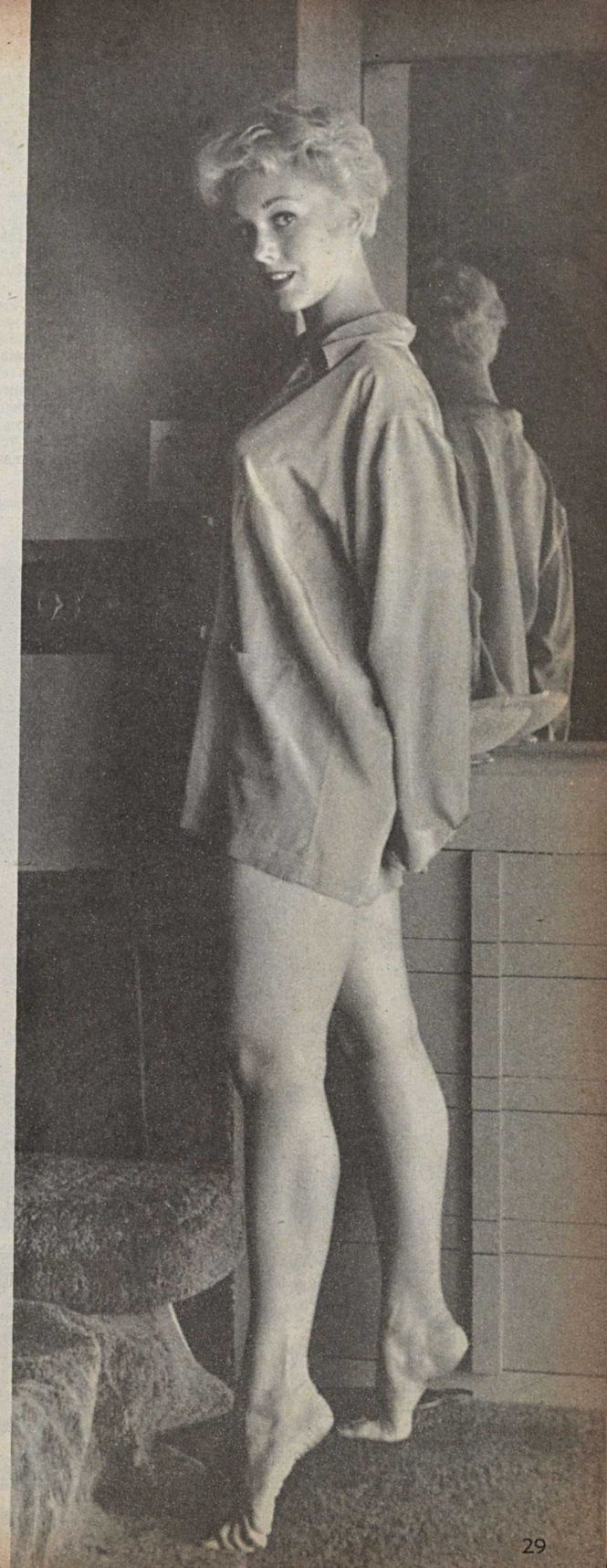
36 especialistas de pele provaram o Método Palmolive em **1.285** mulheres. Em **14** dias, **2** entre **3** dessas mulheres encontraram Juventude e Beleza na espuma cremosa e vitalizante do Sabonete Palmolive.

Hoje mesmo faça assim:–
Lave o rosto, o colo e os ombros com Sabonete Palmolive, fazendo uma suave massagem com sua espuma cremosa e vitalizante, durante **60** segundos. Enxágue. Essa massagem tonifica e produz em sua pele todo o efeito embelezador de Palmolive.

PALMOLIVE é 100% SUAVE...
Portanto, não deixe que outro Sabonete toque em sua pele!

Para um banho de beleza, use PALMOLIVE dos pés à cabeça!





Uma jovem bonita como Kim, numa cidade perigosa como Hollywood, precisa saber defender-se dos Don Juans que rondam sem cessar por tôda parte.

CUIDADO, MENINAS!

Por KIM NOVAK

Quando, acompanhada de uma amiga, saí de Chicago para passar umas férias na Califórnia, assegurei à mamãe que a minha intenção era apenas descansar ao sol californiano, e que jamais me passaria pela cabeça tentar o cinema. Mamãe disse que acreditava, mas que, mesmo assim, não me fazia mal nenhum ouvir alguns conselhos.

— Há muitos Don Juans lá em Hollywood — disse ela. — Homens que prometem carreiras, e mundos-e-fundos, sabendo que não podem cumprir essas promessas, e exclusivamente com más intenções.

Voltou-se para a minha avó e disse: — Não é verdade, mamãe?

Vovó confirmou. Disse que era verdade e que também tinha um conselho a dar: — Minha filha, a responsabilidade é da moça. A moça deve sempre comportar-se como uma senhora. Do contrário, qualquer homem pode tornar-se um Don Juan.

Como vêem, parti para a Califórnia muito bem munida de conselhos. E foi ótimo, porque o Don Juan número um não tardou a aparecer: telefonou-me logo no segundo dia.

Eu estava tomando sol à beira da piscina do Beverly Hills Hotel, em Hollywood, quando um empregado veio dizer que um certo Mr. Hooper estava ao telefone. Como eu não conhecia ninguém na Califórnia, e muito menos qualquer Mr. Hooper, vi logo que o homem só podia ser um Casanova. Mas deixei-me vencer pela curiosidade e resolvi ver o que êle queria.

Mr. Hooper apresentou-se como sendo pessoa muito relacionada na indústria cinematográfica. — Eu a vi por acaso esta tarde na beira da piscina, e a senhorita chamou-me a atenção — disse êle. — A senhorita é exatamente o tipo da jovem que os estúdios procuram.

Se não fôssem os conselhós de mamãe e de vovó, talvez eu tivesse acreditado em tão belas palavras. Em vez disso, fiz-lhe ver que os estúdios não podiam estar interessados em mim: — Nunca na minha vida representei — disse-lhe eu.

— Ora, isso não tem importância! — retrucou Mr. Hooper.

— Não tem?! — exclamei.

— Absolutamente! — declarou êle. — Sabe que mais? Estou bem perto aí do hotel. Espere por mim, que já vou aí explicar-lhe tudo!

Nunca cheguei a ouvir a (Conclui na pág. 66)

nenhum dos dois queria

Ray Danton era definitivamente contra casamentos entre artistas... até ao dia em que fêz um teste cinematográfico com Julie Adams...

Por STEVE CRONIN

Quando chegou à Broadway a notícia de que Ray Danton, jovem e brilhante ator da televisão, pensava em casar com Julie Adams, estrêla de Hollywood, seus amigos e colegas não acreditaram. Aquilo só podia ser truque de publicidade!

Em primeiro lugar, a inteligente, bela e talentosa Julie jamais casaria com o imprevisível e independente Mr. Danton. E, em segundo, Ray sempre dissera que **nunca** — por muitas e muitas razões — casaria com uma atriz. Por último, havia ainda a circunstância de Ray ser demasiado independente — o tipo do homem que, se algum dia casasse, seria depois dos trinta e cinco anos, depois de ter gozado bem a vida.

Ray Danton sempre gostara de fazer o que bem entendia, livremente, mais ou menos ao deus-dará. Terminada a temperatura da peça "Mister Roberts", em Londres, Ray não tinha regressado imediatamente à sua pátria, com Tyrone Power e o resto da companhia. Em vez disso, fizera um balanço do dinheiro que tinha no bôlso e (Continua na pág. 55)

Leite puro... para o bôlo de aniversário!

Quando Você quer dar mais sabor e consistência ao bôlo, já sabe que deve fazê-lo com um leite de pureza e qualidade asseguradas, como o Leite Condensado Marca Moça.

De composição perfeita, o Leite Moça é de rápida diluição, proporcionando uma massa igual... fôfa e macia, exatamente como Você quer. Sua consistência sempre uniforme permanece inalterável na lata, por muito tempo. E em cada lata Você tem a garantia de um leite rico, puro e substancioso... para o uso comum, ou para o preparo de seu delicioso Bôlo de Aniversário!

Leite Condensado Marca Moça

Garantido por uma experiência que nenhuma outra marca pode oferecer: a experiência NESTLÉ!

GRÁTIS: Um livro de receitas para você!

Remeteremos a brochura "100 RECEITAS" a todos que nos devolverem, devidamente preenchido, êste cupom ou a solicitarem, por escrito, à Caixa Postal, 760 - Rio

Nome .....

Rua ..... N.º

Cidade ..... Estado .....

Vocês conhecem Mme. Plemianikoff?

Brigitte Bardot no jardim de sua casa, com os dois cocker-spaniel negros

Tudo começou para Brigitte Bardot (o amor e a carreira cinematográfica) naquele dia de 1949 em que os olhos curiosos do repórter Roger Vadim, do "Paris-Match", pousaram sôbre a capa de uma revista: ali estava a garôta dos seus sonhos, um tipo de mocinha bem desta época atômica, sensual embora ainda ingênua, com êsse leve ar de candura tão próprio dos quinze anos já misturado a um sex-appeal de mulher feita e até um pouco vivida...

Ora, não era de hoje que o jornalista imaginava assim mesmo, com todo aquêle jeitinho que Brigitte mostrava na fotografia em questão, a jovem parisiense dêstes dias uma figurinha petulante, cheia de idéias modernas, ciosa da sua liberdade, mas ao mesmo tempo dotada de tôdas as sólidas virtudes do temperamento francês. E principalmente muito graciosa, e um espetáculo como físico...

Entretanto, Brigitte não passava senão de uma colegial naquela ocasião, embora já frequentasse o curso de dança de Rozanne, na academia de Wagner, à rua Douai, o célebre centro coreográfico internacional por onde transitam todos aquêles que, na França, visam ao profissionalismo no ballet. Queria já então ser bailarina — o que, aliás, conseguiu em parte, como podemos constatar por várias poses suas já publicadas, nesta revista, e que fazem sempre muito efeito junto aos fans, por que revelam ainda melhor a plástica da nova estrêla da tela.

A fascinante Mme. Plemianikoff faz a sua ginástica entre 28 velhas árvores.

O grande chapéu de palha abriga do sol o rosto malicioso de Brigitte Bardot.

De qualquer modo, porém, Brigitte era ainda uma colegial quando foi "descoberta" pelo seu futuro marido. Mas nem só o coração de Roger Vadim entrou nessa história, como vocês podem supor, romanticamente... Acontece que o periodista já descrevera a atual jeune-fille francesa centenas de vêzes nas suas reportagens, e mesmo em alguns scripts cinematográficos que pretendia ver transformados imediatamente em filmes de bastante sucesso. E, conforme dissemos acima, Brigitte encarnava o mais completamente possível o tipo em apreço. Roger não perdeu mais um minuto: mandou um recado à menina, perguntando-lhe se gostaria de fazer um papel num novo filme de Marc Allegret, de quem êle era assistente. E ela respondeu que sim. Com apenas essa palavrinha de aquiescência, começou não só o seu caso de amor, (que acabou em casamento dois anos depois disso), como também a sua glória de estrêla. Contudo, o referido filme — "Les Lauriers Sont Coupés" — jamais foi realizado, e, o que nos parece mais sério para a psicologia dos amorosos, Brigitte, a nossa adorável Brigitte, teve uma impressão péssima da aparência de Vadim (cujo sobrenome é, para fins legais, Plemianikoff), o qual lhe pareceu então "moreno demais" e com uns olhos de fogo, embora negros como uma noite sem luar...

•

Vá alguém tentar entender a alma feminina... Não haviam ainda transcorrido 48 horas após êsse primeiro encontro de Vadim e Brigitte nos escritórios de Allegret, quando ela recebeu novo bilhete do rapaz, propondo, já aí, um encontro. Era, sem sofismas, um princípio de namoro que assim se esboçava. Pois a jovenzinha não teve dúvidas: aceitou correndo o convite do estranho com quem não simpatizara nem um pingo (e muito menos sua mãe, que a acompanhara naquela visita ao conhecido diretor francês, desconfiando já das intenções de Vadim)...

O que resultou dêsse primeiro encontro é fácil de calcular: novos programas do jornalista para sairem juntos, até que se declarasse à pequena com as mesmas e ternas frases já velhas de mil anos, embora sempre inéditas para os que se amam... A família de Brigitte procurou impedir o idílio dêles por todos os meios, sem conseguir nada. Alegavam que Roger não era um homem com "cara de marido"... Ficou então combinado que os noivos esperariam até 1952, quando Brigitte já estivesse com 18 anos (ela nasceu em 28-9-1934), para que se realizasse (ou não...) o casamento. E, efetivamente, a 20 de dezembro dêsse ano, Vadim conduzia

(Conclui na pág. 64)

Para Brigitte Bardot a vida não parece ter mudado muito com o casamento, nem com a glória cinematográfica... Apenas, em vez de ir ao colégio, vai ao estúdio de filmagem...

Por VICTORINE JARBELLE

Essa é talvez uma das histórias mais estranhas que vocês jamais tiveram ocasião de ler, e é também uma das mais comoventes narrativas que se possa imaginar: é a história de Pier Angeli.

Fala-se, naturalmente, no acidente que quase lhe custou o bebê, mas, muito mais importante do que isso, é a história de um sublime amor entre pai e filha, um amor que continua até hoje, embora o pai de Pier tenha morrido há cinco anos.

O poeta Thornton Wilder explicou essa perfeita comunhão de duas almas separadas em dois mundos diferentes quando escreveu: "Há um mundo dos vivos e há um mundo dos mortos... e a ponte entre êsses dois mundos é o amor..."

por **IDA ZEITLIN**

A PONTE É O AMOR

Durante os primeiros dias que se seguiram à queda que levou no avião, Pier Angeli flutuou entre a consciência e a inconsciência. Sabia que Vic e que sua mãe estavam a seu lado, sabia que estava ferida — mas tudo isso como se estivesse sonhando. Com o passar dos dias, porém, um mêdo horrível começou a crescer dentro dela, a tornar-se cada vez mais consciente, a inquietá-la até dissipar completamente o sonho. Se ela estava ferida, que teria acontecido ao bebê? Estaria salvo? E seus olhos, agora muito abertos, olhavam ora para o rosto preocupado de Vic, ora para o de sua mãe. Faltava-lhe coragem para fazer a pergunta. Em vez disso, grandes soluços sacudiam-lhe o corpo todo.

O médico ordenou que lhe dessem sedativos, e Pier adormeceu. Quando acordou, estava decidida: — Doutor, quero saber a verdade.

— A verdade — disse êle — é que ainda não sabemos nada, Pier. Só saberemos daqui a algum tempo. As chances de salvar o bebê são de cinquenta por cento. Se você quiser aumentá-las, tem de fazer duas coisas: ficar absolutamente imóvel e — acima de tudo — não chorar. O contrôle emocional é ainda mais importante do que a imobilidade física.

Daí por diante, Pier fêz o possível por não fraquejar. Quando se sentia a ponto de chorar, voltava o pensamento para a oração. Ao fim de três semanas, o médico deu alguma esperança: — Parece que tudo correrá muito bem — anunciou êle.

Por um momento, o rosto pálido de Pier brilhou de alegria — mas logo depois voltou a ensombrecer: — Talvez seja infantil, mas eu gostaria que o senhor me dissesse que tinha a certeza.

O médico abanou a cabeça: — Por enquanto, ainda não, Pier. Só daqui a outras três semanas é que poderemos ter certeza.

E Pier continuou a orar cada vez mais. Dotada de uma fé maravilhosa, ela sempre procura em Deus as fôrças espirituais de que necessita. Pier não se limita a rezar — fala também com Êle com a simplicidade e a confiança de quem vê em Deus o maior amigo. Conta-Lhe os seus problemas, confia-Lhe as suas dúvidas, pergunta-Lhe o que fazer. E, depois de falar com Deus, fala com seu pai, falecido há cinco anos atrás.

Thornton Wilder, o escritor americano, explicou certa vez essa comunicação espiritual entre uma pessoa viva e uma pessoa falecida: — "Existe um mundo dos vivos e um mundo dos mortos, e a ponte que os une é o amor." Pier explica o caso de outra maneira: — Eu amava meu pai de tal forma que, para mim, êle não morreu, mas continuará a viver enquanto eu viver. Quando tenho algo importante a resolver, peço-lhe que me aconselhe e parece-me ouvir a sua resposta. Naturalmente, não com palavras. Mas, quando êle era vivo, nós nos compreendíamos um ao outro **(Continua na pág. 54)**

O amor por Vic Damone é diferente...

O PASSADO e o FUTURO

Por **RORY CALHOUN**

Em vez de falar no passado, prefiro dizer alguma coisa sôbre o futuro. Mas para isso é preciso que eu volte ao ano de 1939, ano em que saí da prisão, com vinte e um anos de idade. Passei sete anos e meio atrás das grades da Penitenciária de Springfield, no Missouri, e no dia em que fui pôsto em liberdade, ouvi essas palavras de uma das autoridades da prisão:

— Você já pagou sua dívida para com a sociedade. Agora está livre e tem uma vida inteira à sua frente. Seja feliz!

E hoje, dezesseis anos depois, dezesseis anos que foram de lutas e de trabalho, sinto minha carreira ameaçada, pois a história de meu passado veio a público.

Tudo começou há alguns meses atrás, quando um repórter de determinada revista que se especializou em publicar escândalos me procurou pelo telefone, dizendo:

— Descobrimos tôda a história do seu passado, através dos arquivos da polícia, e resolvemos publicá-la. Queremos saber se você terá alguma coisa a dizer, em defesa própria.

Apanhado assim de surprêsa, fiquei sem resposta, procurando sem encontrar o que dizer. (Continua na pág. 64)

Em 1940, em Salt Lake City, a polícia identificou Francis Timothy McCown.

Francis é hoje Rory Calhoun, entregue à nobre obra de regenerar delinquentes

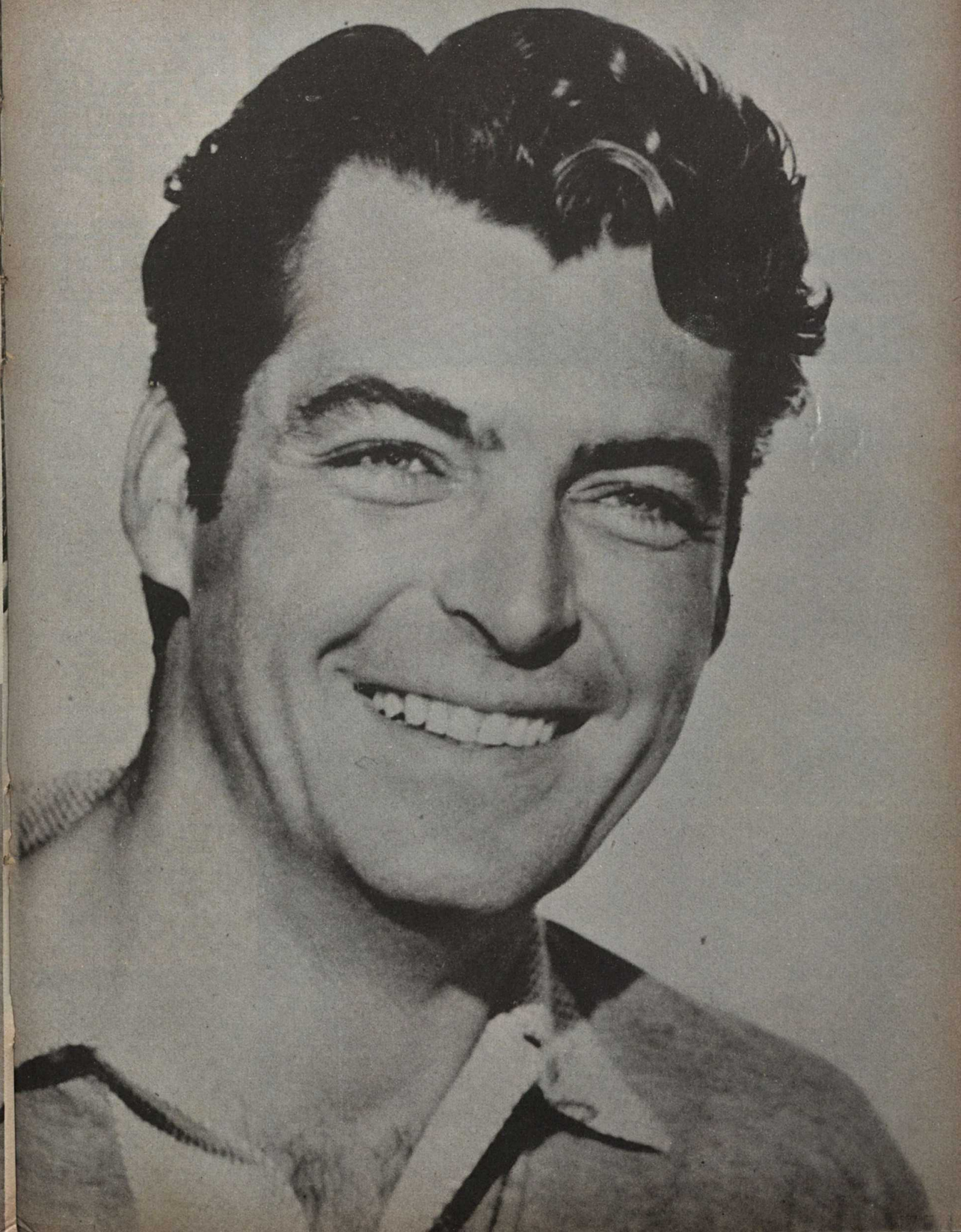
A HISTÓRIA DE RORY

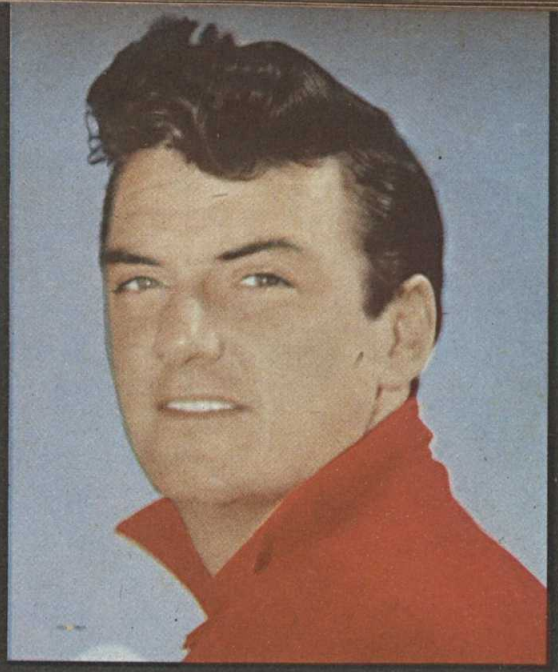
Rory Calhoun relata seu passado.

* *Rory Calhoun cometeu, durante a vida, uma série de roubos, tendo fugido oito vêzes do reformatório e passado um ano recluso na solitária de uma prisão federal, por insubordinação. E tudo isso antes de ter completado 20 anos de idade. Êle nasceu na cidadezinha de Santa Cruz, na Califórnia, e foi batizado como Francis Timothy McCown, nome que lhe deu sérios aborrecimentos pois, devido a êle, vivia a brigar com os colegas de colégio, os quais diziam que Francis era nome de menina.*

Entre nove e dez anos de idade o pequeno já adorava cavalos e começou a assaltar o rancho de um vizinho ricaço, de onde retirava puros-sangues, às escondidas, saindo a galopar sem sela nem rédeas. O primeiro verdadeiro crime que cometeu foi roubar do rancho umas rédeas para substituir a corda que utilizava como freio na montaria. O dono do rancho tentou persegui-lo, mas em vão. O animal roubado era um veloz corcel que já havia ganho prêmios em corridas. Quando Roy tinha treze anos de idade, sua família mudou-se para Los Angeles. Mal se haviam instalado na nova residência, êle começou a praticar assaltos no supermercado local. Não que pretendesse carregar para casa o produto do roubo, pois se isso acontecesse levaria da mãe tremenda surra. Êle próprio não sabe dar uma explica-

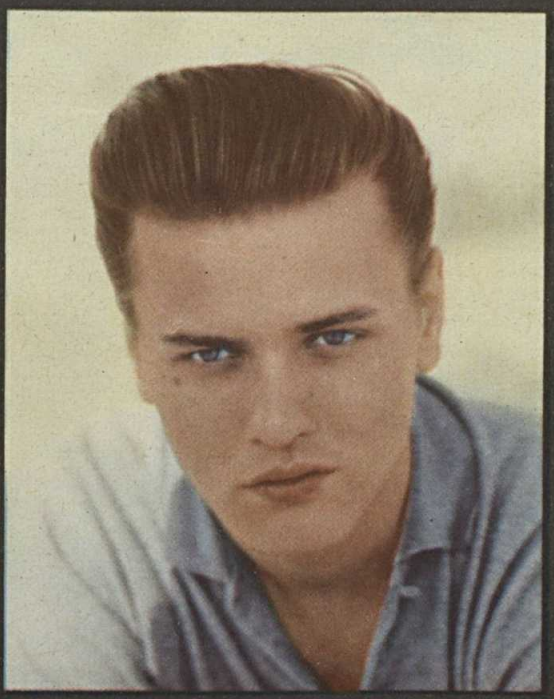
(Conclui na pág. 59)





MARISA PAVAN — Promete tornar-se conhecida — em "The Rose Tattoo" — como uma jovem atriz de talento, e não apenas como a irmã gêmea de Pier Angeli. Até aqui, os produtores pensavam que Pier concentrava todo o talento da família, mas agora surgiu a oportunidade de Marisa provar o que dela disse Alan Ladd: — Essa pequena vai ser uma das melhores atrizes da sua geração!

WILLIAM CAMPBELL — Promete entusiasmar muitas fans, êste rapaz que combina um físico invejável (1,82m de altura) com a cultura de um curso universitário e a experiência de três anos na Marinha. Bill queria ser jornalista, mas passou-se para o cinema em busca de maiores emoções e maior ordenado. Já fêz "Cell 2455" e "Man Without A Star" e — infelizmente para as fans — está gostando muito da vida de casado.



PERRY LOPEZ — Promete fazer furor, êste ex-campeão amador de box da categoria dos pesos-leves. Perry tem vinte e três anos, apenas, e as cicatrizes em seu rosto não são provenientes de socos, e sim de um acidente automobilístico. Foi "descoberto" por Josh Logan, quando esperava, à porta dos bastidores de um teatro, por uma corista. Seu filme de estréia é "The Darkest Hour".

RICHARD DAVALOS — Promete ser um outro Spencer Tracy. Dick não ambiciona ganhar grandes ordenados, e sim conseguir bons papéis. Aos seis anos resolveu que, quando crescesse, seria ator, mas antes disso teve de ganhar a vida vendendo sodas e sorvetes (na mesma sorveteria em que Kirk Douglas trabalhou: a "Schrafft's"). Atualmente fazendo "The Sea Chase", Dick é um dos "novíssimos" que mais leva a sério a carreira.

VIRGINIA LEITH — Promete rivalizar com Grace Kelly na conquista do título de Grande Dama da Tela. Solteira, extraordinàriamente talentosa, ex-garçonnette e encarregada de rouparia, Virginia é agora a estrêla de "A Kiss Before Dying". Richard Egan diz que ela é "uma atriz que faz os atores parecerem melhores do que realmente são!"

ORESTE KIRKOP — Promete ser mais famoso ainda do que Mario Lanza, êste tenor de olhos verdes e cabelos claros, nascido na Ilha de Malta, e conhecido nos meios operáticos europeus. Oreste gosta da companhia feminina e dos esportes, e diz que não pretende ser "um grande astro". — Tudo o que quero é cantar e divertir-me. — E' isso precisamente o que êle faz em "The Vagabond King", para a Paramount.

GENTE QUE VAI BRILHAR

Aqui estão nove artistas novos, classificados como de primeira categoria pelos mais severos críticos de Hollywood... Serão astros e estrêlas da tela muito em breve, vocês vão ver...

JOAN COLLINS — Promete fazer esquecer Marilyn, e já está sendo considerada pa Fox como possível sucessora da Monroe. Estrêla de grande cartaz em Londres, Joan não tem complexos, é muito simples, tem cabelos castanhos-escuros, olhos verdes, pesa 57 quilos, e tem muito talento. Esperem para vê-la em "The Virgin Queen"!

MARTHA HYER — Promete ser e Glamour-Girl n.º 1 de amanhã, esta jovem de vinte e quatro anos, olhos verdes e cabelos louros, que tem o mesmo sex-appeal refinado de uma Lana Turner. Em ano e meio de Hollywood, Martha trabalhou em nove filmes — entre êles, "Kiss Of Fire" — e fêz vinte papéis na televisão. Ótimo para ela, que detesta não ter nada para fazer!

COLLEEN MILLER — Promete acabar ganhando um Oscar, de acôrdo com a opinião de Tony Curtis, que trabalhou com ela em "The Purple Mask". Colleen já foi "Miss Portland", e acha que não se deve desprezar nenhuma oportunidade, por menor que seja. Talvez seja essa a razão por que ela trabalha tanto, em Hollywood.

PAPAI CALOURO

Guy Madison e a sua espôsa, Sheilah Connolly, festejam o nascimento de Bridget

Guy Madison é tímido e reservado. E' também lacônico, mas a paternidade parece que modificou-o bastante êsse aspecto...

Por VIRGINIA SNOW

Desde o mês de julho, Guy Madison tem ocasião de representar um papel completamente novo para êle, um papel que aguardava com a máxima ansiedade: Guy é pai!

E certamente faz tudo o que costuma fazer um pai de primeira viagem, isto é, ficou andando de um lado para outro, pelo corredor da casa de saúde, fumou um milhão de cigarros, esperando indefinidamente até que chegou perto dêle uma enfermeira para dizer que finalmente nasceu o bebê. Com certeza Guy perguntou logo se a espôsa estava passando bem, para depois então se interessar pelo herdeiro. E pouco lhe importava que a enfermeira dissesse que era menino. Quando o nosso Guy soube que era uma menina, não coube em si de contente!

— Quanto mais filhos, melhor! — disse certa vez Sheilah, que nasceu na Irlanda e estava no México, na ocasião em que fêz essa declaração, enquanto o marido filmava algumas cenas locais de um filme. — E meu marido está de pleno acôrdo comigo! — concluiu alegremente.

Sheilah faz parte de uma numerosa família, possuindo nada menos que quatro irmãs e um irmão, enquanto Guy possue apenas dois irmãos e uma irmã.

— Guy costumava dizer que desejava que o primeiro filho fôsse um menino — disse-me a linda irlandesa, — mas tenho a certeza de que êle ficou maravilhado com a chegada de uma menina!

Conversávamos na varanda do hotel de Cuernavaca, onde estava hospedada Sheilah, enquanto o marido se encontrava filmando num vilarejo de índios, um pouco distante do centro. E pela conversa depreendi logo que Sheilah achava seu marido o melhor sujeito do mundo, sob todos os pontos de vista.

Depois de tomarmos um cafèzinho, resolvi sair para visitar Guy no tal vilarejo onde filmava, mas Sheilah não estava com disposição para sair e resolveu ficar apanhando um pouco de sol, na varanda, esperando pela volta do marido. Assim, deixando-a em companhia de seu pequenino "poodle" francês, chamado Bijou, fui procurar Guy.

Minha viagem foi penosa até alcançar o subúrbio onde Guy Madison representava o papel de pistoleiro na película "The Beasts of Hollow Mountain", da United Artists.

Quando cheguei, encontrei Guy treinando em atirar laços, em companhia de um vaqueiro mexicano, num intervalo de filmagem. Êle estava vestido a caráter, isto é, de blusão verde, calças marrom, chapéu de vaqueiro e botas. Assim que me avistou veio ao meu encontro e ficou conversando comigo dentro de seu carro, perfeitamente à vontade, como jamais fizera no intervalo entre o divórcio da atriz Gail Russell, e o casamento com Sheilah Connolly.

Logo de saída Guy foi-me dizendo que tanto êle como a espôsa não pretendem levar aquela vida sofisticada e artificial, tão comum em Hollywood.

— Sheilah acompanha-me por tôda a parte, — disse-me êle — e agora que Bridget Catherine nasceu, continuaremos com o mesmo sistema, a menos que a viagem seja por demais penoso para ambas. Não forçarei meus filhos a seguirem a mesma carreira que eu. Terão inteira liberdade para escolher. Quero, porém, que os meus filhos gostem de esportes, e os pratiquem.

Assim, o intérprete de Wild Bill Hickok, que arranja sempre uma luta em todos os filmes que faz, pretende ensinar aos filhos a se defenderem nos embates da vida real.

— Sou um sujeito pacífico, — continuou Guy — e sempre que posso evito brigas e discussões. Mas reconheço que sou teimoso, quando se trata de defender um ponto de vista ou de lutar para conseguir alguma coisa.

Percebi, pela conversa, que Guy Madison gostaria muito que os filhos que pretende ter aprendessem diversos esportes, e viessem a praticá-los por prazer, como êle.

E de uma coisa os fans de Madison podem ter certeza: a pequena Bridget (apelidada por êle e por Sheilah de "Wee Belle Hickok") receberá de presente, do pai, em um dos seus aniversários, um jôgo completo de arco e flechas, pois Guy contou-me que se especializou nesse esporte, o aprecia muitíssimo, e já tem caçado diversos tipos de aves com seu arco e suas setas.

Guy, cujo verdadeiro nome é Robert Ozell Mosely, nasceu na cidade de Pumpkim Center, na Califórnia, é muito independente, e sempre que possível age de acôrdo com suas próprias idéias. Seus primeiros anos de vida não foram dos mais risonhos, pois êle era filho de um mecânico da Santa Fé Railway, o que fêz com que Guy começasse a trabalhar desde pequeno, nos ranchos vizinhos, ora como domador de animais bravos, ora laçando gado nos pastos, (daí a sua naturalidade ao fazer coisas neste gênero, em seus filmes). Finalmente foi "descoberto" em San Diego, por um "descobridor" de talentos, depois de haver ingressado na Marinha.

Atualmente êle é um famoso artista de cinema, da televisão, e do rádio, possui uma encantadora espôsa, a filhinha Bridget, e uma linda casa em Outpost Road, tem tempo vago para praticar os esportes de que tanto gosta, e, em suma, é um homem feliz.

Um pouco antes de me encontrar com Guy, explodiu um enorme foguete a uma pequena distância, e logo um dos empregados da companhia cinematográfica explicou-me que se tratava de Guy anunciando que estava de volta do almôço.

— Guy está muito mudado — disse-me um de seus companheiros. — Antigamente, quando viajávamos para filmar cenas locais, Guy não conversava com pessoa alguma e passava a maior parte do tempo afastado dos colegas, sem falar, sem sorrir.

Mas os fans devem saber que, naquela época, Guy Madison tinha motivos de sobra para não ter vontade de falar ou de sorrir, pois atravessava uma crise emocional muito forte, depois de se ter divorciado da primeira espôsa, com quem estivera casado durante quatro anos. Era natural, portanto, que quisesse evitar tôda a espécie de publicidade em torno de seu nome.

(Conclui na pág. 62)

Louco pelas Garotas

por ALICE FINLETTER

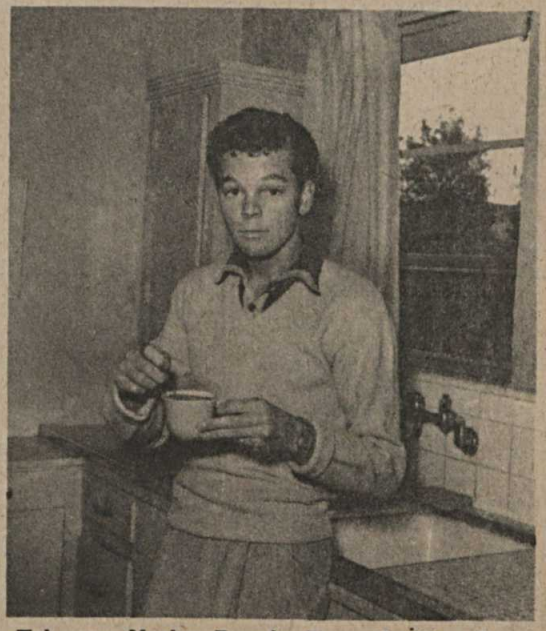
Êle pode ser ainda menor de idade, mas não é nenhum bebê! Russ Tamblyn é louco pelas garôtas... e as garôtas são loucas por êle! O rapaz vai ser um dos maiorais da nova geração de Hollywood!

Venetia Stevenson, de dezoito anos, é o atual amor de Russ Tamblyn. A garôta é modêlo e está trabalhando na Inglaterra. Russ sente falta dela.

Não faz muito tempo, Russ Tamblyn passou por uma experiência bastante desagradável. Uma experiência que fêz com que êle modificasse tôda a sua atitude para com o sexo oposto.

E' o próprio Mr. Tamblyn quem nos conta: — Tive um romance com uma pequena, o romance mais extraordinário dêste mundo. Imaginem que namoramos durante todo um ano e não estivemos juntos mais que duas semanas! Uma semana, quando fui visitá-la na cidade em que morava, entre dois filmes; e a outra, quando veio ver-me, acompanhada de uma pessoa da família. Por isso, fiquei espantado quando a família dela achou que nós nos estávamos encontrando demais. Os pais tinham um mêdo horrível de que nós nos casássemos, apesar de eu lhes dizer que nem sequer podia pensar nisso, pelo menos pelo espaço de dois anos. (Conclui na pág. 52)

Alto, simpático, risonho, Russ tem apenas vinte anos de idade, mas já mora sòzinho num apartamento de Beverly Hills, e gosta de viver só.



Tal como Marlon Brando, Dean Martin e Tony Curtis, Russ gosta de tocar bateria. A pessoa que mais admira é o irmão, que está na Alemanha.

O QUE EU VI NOS ESTÚDIOS

Por ZENAIDE ANDRÉA

Harry Stone, o "embaixador de Hollywood", entre Vera-Ellen e Ana Beatriz.

Harry Stone acertou mais uma vez: o encontro que promoveu em sua casa, durante um cock-tail, da crônica especializada com os artistas de Hollywood que nos visitaram, foi um dos momentos mais simpáticos de todo o programa de festas então realizado. E, já no dia seguinte, a M-G-M nos proporcionava outra agradável reunião semelhante, com a preview de "Melodia Interrompida" e um almôço no Hotel Glória.

*

Tudo teria sido tão bom e bonito, com a presença de Barbara Rush, Anne Francis, Jeanne Crain, Vera-Ellen e Walter Pidgeon circulando contentes por aqui, se não fôsse a notícia da morte da nossa Carmen Miranda! Escrevo esta nota depois de voltar dos seus funerais, e não tenho palavras para dizer da minha emoção diante dêsse grandioso espetáculo de saudade de todo o povo carioca à maior intérprete das suas músicas...

Anne Francis e a nossa Julie Bardot (vai estrelar "O Homem Virgem", na Argentina) numa das recepções oferecidas aos artistas americanos que nos visitaram

Julie Bardot (saída das fileiras do concurso de Miss Cinelândia em 1953, para atuar num filme) já deve estar filmando ao lado de Luís Sandrini, na Argentina. Intitula-se a produção (também de Sandrini) "O homem virgem". História baseada na peça de Sérgio Pagliesi, "Hipocarpo".

Patricia Lacerda, a protagonista de "Nobreza Gaúcha", talvez filme na Itália.

A "nova" Eliane Macedo (bem mais magra e muito mais atraente), e Anselmo Duarte, numa cena de "Sinfonia Carioca", filme que Watson Macedo já terminou.

E por falar em artistas nacionais no estrangeiro: Vanja Orico permanece ainda na Itália, onde efetuou novos recitais de canto durante o Festival de Veneza; e Patrícia Lacerda, a estrêla de "Nobreza Gaúcha", figura nas cogitações de certo produtor romano para um filme a realizar-se na Cinecittá...

Como sabem, Vanja foi a protagonista de "Yalis" (Vergine del Roncador), em Ferraniacolor e para tela panorâmica,

Cena de "Rio, 40 Graus", com Claudia Moreira, rainha das escolas de samba.

Mauricio Morey aparecerá ao lado de Milton Ribeiro em "A Lei do Sertão"

com Ettore Manni e outros artistas italianos, filme êsse que teve exteriores rodados na região do Araguaia, e cuja direção é de Francesco De Robertis. Essa película será lançada agora, em setembro, na Itália. Depois disso, Vanja, acompanhada por sua mãe, a senhora Oswaldo Orico, dará mais alguns recitais na Alemanha e irá à Espanha. De modo que só a teremos no Brasil, novamente, lá pelo fins de novembro.

*

Assisti a alguns "takes" da filmagem de "Sinfonia Carioca" feita no antigo Teatro Fenix: Eliana Macedo, no papel de uma garôta que consegue participar (*Conclui na pág.* 53)

Anna Esmeralda e Jaime Costa numa cena do filme "Quem Matou Esmeralda?"

Se seus cabelos...

✓ **são fôscos**
✓ **ressecam**
✓ **caem**

cuidado!

- você precisa defendê-los contra a

ANEMIA DOS CABELOS

Aplique sem demora a

ÁGUA DE QUINA PINAUD

Revitalize o seu couro cabeludo! Com a perfumada Água de Quina Pinaud, você tonifica as raízes dos cabelos, evitando que se ressequem ou venham a cair! A Água de Quina Pinaud combate também as caspas, eliminando-as totalmente.

Confie na ação regeneradora na Água de Quina Pinaud! Rejuvenescendo seus cabelos, a Água de Quina Pinaud torna-os mais macios, mais resistentes... mais brilhantes... muito mais bonitos! E facilita ainda, de forma surpreendente o penteado feminino.

DOIS TIPOS À SUA ESCOLHA!

1 - Com óleo

A Água de Quina Pinaud, de fórmula francêsa, contém numa dosagem correta preciosos óleos vegetais, perfeitamente diluídos, sendo assim *invisíveis*. Por isso, fixa melhor... sem empastar!

2 - Sem óleo

Se deseja beneficiar-se das reconhecidas propriedades tonificantes da quina com uma loção não oleosa, use então a Água de Quina Pinaud - sem óleo!

Seu próprio barbeiro confirmará as excelentes virtudes tônicas da Água de Quina Pinaud!

PINAUD *Paris* Perfumistas desde 1810

9.001

Charles A. Ullmann

Aconteceu no BRASIL

SERÁ A "JULIETA" — Sim, Gilda Nery, a estrelinha de "Uma Pulga na Balança", resolveu enfrentar Shakespeare no teatro, com o grupo cênico ligado ao Museu de Arte Moderna de São Paulo... Antes disso, porém, Gilda ganha a sua experiência no palco, trabalhando com o Teatro de Arena, em "O Bracelete", sob a direção de Miroel Silveira.

NO ELDORADO Country Club, de São Paulo, será filmado o episódio de "Três Destinos", desempenhado por Lola Brah ("Floradas na Serra") e Maria Fernanda (na foto). Os outros episódios dêsse filme estão a cargo de Sérgio Cardoso, Nídia Lícia, e Fernando Pereira. Como iluminador da parte em que aparece a estrêla de "Luz Apagada", temos Ruy Santos.

A DESPEDIDA do povo carioca a Carmen Miranda foi um espetáculo de emocionante sinceridade. Milhares de pessoas seguiram a pé o carro que conduziu o seu esquife até ao cemitério de São João Batista, e não foram poucas as que sofreram crises nervosas. O flagrante mostra o momento em que a multidão aguardava, frente à Câmara Municipal, a saída do ataúde (coberto com a bandeira nacional) da grande intérprete dos nossos ritmos populares.

RÁDIO E CINEMA sempre andaram em boa camaradagem, por aqui... Grandes cartazes das nossas emissoras têm aparecido nos filmes nacionais, com o maior sucesso. Também a cantora Maria Helena (rádio e boite), que participou já de "Rua Sem Sol" e "Nem Sansão nem Dalila", figura no elenco de "Sinfonia Carioca", a produção de Watson Macedo cujos protagonistas São Eliana Macedo e Anselmo Duarte. Ei-los reunidos, num intervalo de filmagem, repassando uma cena.

CANTANDO cada vez melhor, Mary Gonçalves realizou um giro artístico pela América Latina, e deverá ir exibir-se em Paris, contratada pelo empresário Alexandre Schujer. A artista de "O Petróleo é nosso" e outros filmes (também nossos...) surge na foto de braço com o galã cinematográfico e cantor Ramón Armengod. Mas isso não quer dizer que haja um romance entre ambos...

IN LOVE? — Não, não pode ser, pois quem aí está, deixando-se beijar por Ibrahim Sued, é Barbara Rush e não Elaine Stewart... De qualquer modo, pegamos o flagrante, por ocasião de uma das festas realizadas no Rio, durante a visita dos artistas de Hollywood. Mas, a fim de evitar futuras complicações (ambos são alvo de mira de muita gente...), o melhor é confessar mesmo a vocês que tudo isso não passou de uma brincadeira inofensiva, só para efeito fotográfico...

OBRIGADO! — Foi em português mesmo (embora estropiando o "r") que Walter Pidgeon agradeceu a Angela Maria a oferta que esta lhe fêz de uma de suas gravações, durante o cocktail com que Harry Stone homenageou os artistas de Hollywood que nos visitaram recentemente. Angela presenteou também Vera-Ellen com o seu último LP "Sucessos de Ontem na Voz de Hoje". E por falar na cantora: vocês sabem que ela irá a Paris, no ano próximo, para uma temporada na Boite Macumba?...

A POESIA anda tentando a inspiração de Lia Cortese, a italianinha que realizou uma rápida incursão pelos estúdios nacionais (apenas dois filmes, um dos quais não exibido ainda). Breve teremos na praça um livro seu, de poemas, e já está circulando nos meios musicais uma canção cujos versos, em português, são de sua autoria. A Cortese, que desistiu de retornar à Itália por amor ao Rio de Janeiro (e talvez ainda por outro amor...), pensa escrever novos textos para outras canções.

NÉLIA EM 4 VERSÕES — "Eva no Brasil", que o francês Pierre Caron já vai começando a produzir nos estúdios paulistas da Vera Cruz, será realizado em português, francês, inglês e espanhol. Nélia Paula e Colé estão nos principais papéis da história. Há ainda a participação especial de Araçari de Oliveira como cantora. O filme, no gênero musical, conta com a cenografia de Jean Douarinou que, ao que se informa, trabalhou com Duvivier e Hitchcock na Europa.

COM O FESTIVO aniversário (3.º) da Rio Gráfica e Editora (responsável por esta e várias outras revistas de atualidade) aconteceu também o lançamento da pedra fundamental do novo edifício destinado às nossas instalações. O Bispo Don Helder Câmara abençoou a nossa futura casa de trabalho, proferindo então algumas palavras de tocante estímulo a quantos sabem fazer da imprensa um veículo de sadia diversão e moral para a família brasileira.

LAZCO
MARCA REGIST.
S. PAULO

FINÍSSIMO CINTO
EM CROCODILO
BOX-CALF, BUFFALO
com suas iniciais

JP

À venda nas principais casas, em todo o Brasil

JP

Fábrica: R. Stefano, 240-250 • São Paulo • Cambuci

4 ROMANCES

(Conclusão das páginas 20 e 21)

ARDIS E BILL HOLDEN

dado certo, se não tivesse havido Pearl Harbor. Bill alistou-se logo e foi destacado para o leste do país. Brenda, sòzinha em Hollywood, começou a ver as coisas de outra maneira. Bill era o que mais lhe interessava na vida, e o desejo que ela tinha de estar perto dêle era muito maior do que o seu desejo de ser estrêla. O contrato com a Warner era a única coisa que os separava. Assim sendo, ela pediu rescisão do contrato e foi ter com o marido.

Ardis e Bill estiveram juntos, sempre que possível, durante os anos de guerra. Quando ela não podia acompanhá-lo, aceitava papeis dêste ou daquele estúdio, para ajudar a equilibrar as finanças da família. Peter nasceu em 1943, e Scott, três anos mais tarde. Por essa altura, Bill estava de volta a Hollywood e fôra contratado pela Paramount, mas Ardis não queria mais saber da carreira. O que ela queria era estar com êle; a carreira que esperasse. Bill nunca lhe pediu que ficasse em casa. Ao contrário, disse-lhe: — "Naturalmente eu gostaria de encontrá-la aqui, perfumada com Chanel n.º 5 e pronta a tomar um cock-tail comigo, quando eu voltasse à noite do estúdio. Mas eu bem sei como você gosta de representar. Compreendo, porque também gosto, e não quero que você se sinta frustrada. Por quê não procura um agente e volta a filmar?".

— "Veremos" — respondeu ela sorrindo. Bill tinha-lhe deixado a porta aberta para fazer o que bem quisesse. Ardis escolheu ficar em casa. Ambos estavam preocupados com Virginia — uma garotinha extremamente tímida e emocionalmente insegura — e achavam que isso se devia a Ardis ter trabalhado fora de casa. Agora, a menina tinha a mãe sempre perto, e ia, pouco a pouco, ficando mais confiante (e hoje em dia ela é uma adolescente encantadora). Os meninos também cresciam saudáveis e normais, num lar como os outros, onde o pai ganhava a vida e a mãe dirigia a casa.

Ardis afirma que, se tivesse continuado com a carreira, nem ela, nem Bill, nem as crianças, seriam felizes como são. Bill admira-a mais como dona de casa e como mãe dos seus filhos do que se ela fôsse atriz. Mas nenhuma decisão na carreira dêle é tomada sem que Ardis seja consultada. Os dois lêem juntos os scripts que lhe dão, os dois decidem juntos quais os papéis que são bons para Bill. Através dêle, ela mantém contato com o mundo que outrora sonhava conquistar. E é a ela também que Bill deve o equilíbrio da sua carreira. Êle é impulsivo, demasiado sonhador, mas Ardis fá-lo voltar à realidade. O próprio Bill reconhece isso: — "Se não fôsse minha mulher", — diz êle — "a estas horas nem sei onde eu estaria".

Não pensem, porém, que ela o domina. Tanto Ardis como Bill têm personalidades muito fortes, e muitas vêzes discordam um do outro. Mas isso êles acham até necessário. Acham que só numa atmosfera de franqueza absoluta é que o amor pode crescer, forte e profundo, como é o dêles.

Mrs. Holden ainda gosta de representar, e acha que sempre gostará. De vez em quando, olha para o passado e sente um pouquinho de saudades. Mas ela é realista e sabe que na vida, para se ganhar alguma coisa, tem-se sempre de desistir de outra. Ardis Holden desistiu da coisa menos valiosa.

F I M

CAROL LEE E DICK ANDERSON

noite. Pouco depois, foram juntos a uma festa. Na terceira vez, foram a Arrowhead, visitar amigos. Era a terceira ocasião em que saiam juntos, mas o bastante para que o amor tivesse despontado. De volta de Arrowhead, Dick disse-lhe que a amava. Carol Lee teve vontade de cantar e foi a custo que reprimiu êsse impulso. Quando chegou em casa, Sue, como de costume, perguntou-lhe se tinha se divertido. Mas logo notou um brilho especial nos olhos de Carol — uma felicidade contida, que a fêz exclamar: — "Que há com você, meu bem? Você está apaixonada?"

Isso aconteceu no domingo. Na têrça-feira seguinte, ela jantou com Dick e a família dêle. A seguir, foram dar um passeio de carro. Quando chegaram a um lugar mais retirado, Dick parou o automóvel e pediu-a em casamento. Carol Lee sempre foi uma jovem reservada, calma, amiga de pensar antes de agir, mas respondeu que sim, que casaria com êle, sem qualquer hesitação — ela mesma maravilhada da sua certeza.

Alan Ladd insistiu em que êles esperassem seis meses para não terem dúvida nenhuma quanto à intensidade do amor. Embora seis meses parecessem uma eternidade, Carol e Dick concordaram. E finalmente chegou a grande noite da cerimônia nupcial, realizada no jardim dos Ladds. Embora sentindo-se num mundo diferente — como tôdas as noivas no dia do seu casamento — Carol Lee pôde reparar em algumas das coisas ao seu redor: o altar, armado no jardim e recoberto por um pálio de lucite transparente; as flôres, brancas e maravilhosas, que davam ao jardim o tom nupcial; seu pai, metido num fraque que não usava desde 1947, quando fôra apresentado à rainha da Inglaterra (mal a cerimônia acabou, êle correu a substituir o fraque por um terno azul-marinho); Laddie, de braço dado com a mãe, caminhando para o altar; Lonnie, ainda pálida de um recente ataque de varicela, mas a dama de honra mais orgulhosa dêste mundo; David, segurando a almofada de cetim, olhando gravemente para o pastor. Que vida maravilhosa ela estava deixando! Ao ver, porém, o rosto de Dick, quando, de mãos dadas, os dois trocaram os votos de amor, fidelidade, e respeito, Carol Lee esqueceu tudo o mais e não teve dúvidas quanto ao futuro.

Ela é esbelta, loura, e encantadora. Êle é alto, moreno, e simpático. Os dois se amam muito e formam um casal bem ajustado. Carol cresceu na atmosfera de Hollywood, e conhece perfeitamente o mundo em que seu marido se agita. Filha de um astro e de uma ex-estrêla, ela acha que seu casamento com Dick será muito melhor sucedido do que seria, se ela tivesse sido, por exemplo, uma secretária.

Antes de estarem noivos, Carol nunca o tinha visto trabalhar, mas a Metro exibiu todos os testes dêle em sessão especial para ela. Da mesma forma que Cary Grant, que foi quem descobriu Dick Anderson, Carol Lee está certa de que o marido tem pela frente um grande futuro, e já desistiu da sua própria carreira para se dedicar completamente a êle. Ela bem sabe que a maior glória de uma mulher está em ser uma boa companheira para o marido.

F I M

VIRGINIA MAYO-MIKE O'SHEA

declinou — ambas vertiginosamente. Mike não procurou apresentar razões, Virginia não adquiriu nenhum complexo de culpa. Os dois aceitaram a situação com inteligência e serenidade. Representar no cinema era uma profissão, não um pretexto para se exibirem. E não havia espírito de competição entre êles: ambos trabalhavam, ambos deviam partilhar igualmente dos lucros. Se Virginia ganhava mais dinheiro, Mike contribuia de outra forma: consertava cêrcas, colocava engradados, endireitava torneiras, reparava telhados, dirigia, enfim, os trabalhos do rancho onde viviam. E, enquanto isso, conservava intacta a sua dignidade. Nada de ter pena de si mesmo. "Seria eu tão infantilmente vaidoso, que não pudesse enfrentar o mundo só porque minha mulher ganhava mais do que eu? Deveria ficar envergonhado? Não. Sinto-me até orgulhoso. Orgulhoso dela, do nosso casamento, e do fato de eu saber pregar um prego e de não me importar de fazê-lo. Eu já tive a minha chance no cinema. Virginia que aproveite a dela, enquanto pode. Em Hollywood, a gente uma hora está no alto, e na hora seguinte está por baixo. Talvez eu ainda volte a estar no alto..."

Ofereceram-lhe papéis na Broadway, mas, com a aprovação de Virginia, Mike declinou-os.

Uma distância de três mil milhas a separá-los não podia ser compensada pela fama ou mais dinheiro. Mike não queria que Virginia ficasse sòzinha em Hollywood, pois tem a opinião — talvez fora de moda — de que o marido deve ser o protetor da mulher, em qualquer ocasião e em qualquer circunstância. E êle a protege de tal maneira que Virginia, numa das raras confissões que fêz, declarou: — "E' extraordinário como a gente se sente amparada pela mera presença do homem a quem se ama. Nunca me sinto completamente à vontade, se Mike não está comigo".

Quando a primeira Mrs. O'Shea conseguiu obter do tribunal de divórcios a pensão anual que exigia do ex-marido, não houve colunista que não gemesse: — "Pobre Virginia!" — Uns afirmavam que ela pagaria tudo dos seus ordenados, outros diziam que Mike hipotecaria o rancho para poder cumprir a ordem legal. Ninguém sabe como é que êles arranjaram as coisas: sabe-se apenas que Virginia não hesitou em fazer por Mike o que Mike teria feito por ela. Sim, 25.000 dólares é uma quantia respeitável — mas o que conta para os O'Sheas é a devoção que sentem um pelo outro — e o pagamento dessa importância serviu a Virginia para provar mais uma vez o seu amor por Mike.

O ano de 1953 trouxe-lhes Mary Catherine, uma bonequinha ruiva que é a luz dos olhos de seus pais; 1954 fêz com que a roda da fortuna pusesse novamente Mike "no alto". "It's A Great Life" foi um tal sucesso na televisão, que já estão planejando uma nova temporada para êste ano — e O'Shea foi um dos finalistas candidatos ao "Emmy" (o Oscar da televisão americana). Que lhes trará 1955? Até agora, trouxe-lhes, como sempre, muito amor.

F I M

PATTI E JERRY LEWIS

que os dois últimos versos que cantava diziam: "E sempre dou graças ao Senhor por me ter dado a minha Patti". — Talvez não seja lá muito original, mas em compensação é profundamente significativo. Êsses dois versos expressam o quanto Jerry Lewis é grato pela realização do maior sonho de sua vida.

Seus pais eram artistas e estavam sempre em tournées, de um lado para o outro. Jerry era constantemente expulso da escola, e os parentes garantiam que êle acabaria sendo um vagabundo. — "Não acredite nêles" — dizia sorrindo, a avó. — "Você é um bom menino. Tenho confiança em você". Só ela compreendia que Jerry tinha herdado de seus pais a paixão pelo palco, paixão que não deixava interêsse para dedicar-se aos livros. — "Lembre-se sempre", — dizia ela — "de que você pode conseguir tudo o que quiser. Deixe apenas que o seu coração mostre o caminho a tomar". — Quando a querida avó morreu, Jerry tinha sòmente dez anos, mas nunca esqueceu o estímulo e os conselhos que ela lhe dava. Deixou que o coração o guiasse até Patti, e encontrou nela a mesma ternura, a mesma delicadeza, e a mesma serenidade que caracterizavam a sua avó. Nem os mais malévolos colunistas conseguem falar mal dela. — "Patti Lewis tem tudo o que um homem pode desejar numa espôsa" — escreveu um dêles.

Gary nasceu um ano após êles casarem. Depois disso, adotaram Ronnie, e pensam adotar ainda mais crianças. Pattie, maternal por natureza, sabe, contudo, que Jerry é quem necessita mais dela. Êle tem a personalidade típica do cômico cujas maluquices ocultam uma alma atormentada e uma ânsia enorme de atingir a perfeição em todos os sentidos. Os anos de solidão, a falta de segurança emocional, a luta, para conquistar um lugar ao sol — tudo isso deixou nêle cicatrizes que custaram a desaparecer. Jerry parecia perseguido por assombrações. Só dormia com um revólver debaixo do travesseiro. Só ficava sossegado quando tinha de vinte a trinta pessoas em casa. E desperdiçava dinheiro e energia a rôdo. Foi Patti, com a sua serenidade, quem lhe acalmou a febre. Mas não do dia para a noite. Uma mulher menos inteligente e menos compreensiva poderia ter querido modificar Jerry radicalmente, conseguindo apenas desentendimento entre os dois. Jerry não é homem para suportar exigências, e Patti não é mulher que goste de exigir. Casou com êle, não para modificá-lo, e sim para torná-lo feliz. E foi lentamente, calmamente, quase imperceptivelmente, que a sua influência benéfica se foi fazendo sentir na personalidade de Jerry, tornando-o mais normal e mais sereno. Êle já não dorme com um revólver debaixo do travesseiro, já se sente bem sòzinho em casa, com Patti e as crianças. Quando convida

(Conclui na pág. 58)

ROMANCE DE OUTONO

(Conclusão da pág. 11)

Escrevendo hoje, depois da entrevista que tivemos com o casal Gable em sua pequena e confortável fazendinha de Encino (bairro aqui perto de Tarzana), no Vale de San Fernando, não posso deixar de afirmar que teria sido melhor para o "King" não ter negado tantas vêzes o romance, que agora diz ter sido sempre a sua vontade...

— Sim, Louis, — foi dizendo Clark Gable — há dez anos que conheço Kay, e sempre fomos os melhores amigos do mundo... Mas, como todos sabem (dirigia-se então a um grupo seleto de jornalistas) nunca tive tempo de pedi-la em casamento... — e virando-se para a sua espôsa, trocou um sorriso e continuou : — Vivia sempre filmando, sempre viajando, sempre cheio de trabalho, até que, há quatro meses atrás (exatamente no tempo em que afirmava a todos que nunca se casaria...) resolvi pedir Kay em casameno (!) — e apontando para um pequeno sofá, onde pouco depois iria posar para os fotógrafos ao lado de sua espôsa, continuou : — Foi ali que resolvi quebrar o meu silêncio e pedir a Kay que se tornasse minha espôsa..."

O casal trocou então longos sorrisos, e Kay tomou a palavra, sob os olhares amorosos do "King :

— Realmente Clark nunca me falara de casamento antes daquele dia, mas meu coração sabia que um dia êle me pediria... e está claro que eu disse logo o "sim", mas, guardamos o nosso segrêdo tão bem (por que motivo ?) que ninguém soube de nada até a nossa fuga...

A esta altura Kay, que não é mais uma mocinha, começou a trocar com Clark olhares de namorada, o que nos deu a impressão de estar mais diante de um par de "noivinhos" do que de um casal mais maduro. Olhei para os meus companheiros e vi em vários olhares aquela mesma impressão...

Mas Kay prosseguia em suas declarações : — O nosso casamento foi simples porque queríamos paz (o que é natural) e porque não queríamos um casamento de tipo "Hollywood"... Clark não precisa desta publicidade (!) e eu sempre fui contra casamentos com muitos convidados e com a presença da imprensa (bem...). Agora vamos iniciar a nossa família !...

Pelas palavras de Kay, que certamente foram ditas com sinceridade, todos puderam ter uma boa idéia da nova espôsa de Clark. Embora parecesse uma "noivinha" inexperiente, sabia muito bem o que queria, e certamente iria tomar as rédeas de sua casa, para onde trará seus dois filhos e, como afirmou, iniciará a sua nova família...

Depois disso, fomos perguntar a Clark se êle realmente estava pensando em ter filhos (outra dessas perguntas que só Hollywood justifica...) e o astro respondeu logo: — Se Kay disse isto, é porque vamos ter filhos... — e acendeu um novo cigarro que atirou fora depois de duas baforadas...

*

A entrevista terminou aí. Deixei a casa do ator em Encino, a mesma casa para onde trouxera outras espôsas, que de lá saíram de malas e bagagens sem terem conseguido a felicidade desejada...

A impressão que ficou da entrevista de Clark e Kay, foi de que tôda a conversa fôra artificial, com o único fito de dar uma satisfação aos repórteres que tinham sido privados do bolo matrimonial...

Kay fôra delicada, mas não chegara a ser afável... Clark respondera a tôdas as perguntas, mas sempre com um ar de quem queria saber quando a entrevista ia terminar...

E é mais ou menos isto o que estou a indagar de mim mesmo : "Será que o casamento vai durar ? Será que Kay poderá manter "na linha quem parece ter-se acostumado a mudar de estado como se muda de automóvel ?..."

Mas, talvez os anos (que nêle já se mostram nitidamente, quando não há a proteção do make-up cinematográfico) entrem agora como um fator preponderante para acalmar os vôos românticos de Clark Gable... do mesmo Clark Gable que ainda hoje é considerado e chamado de "Rei" (The King) por milhares e milhares de fans que choraram, aqui e alhures, quando êle escolheu uma nova companheira...

—— FIM ——

Eu Era do CONTRA

"Era"... mas acontece que passei a fazer o regime Eno diàriamente - "Sal de Fructa" Eno ao deitar e ao levantar. A irritabilidade e o nervosismo provindos de má digestão, de prisão de ventre, de acidez, cessaram. Hoje posso dar e vender bom humor. Não seja "do contra" tome ENO laxante, antiácido e estomacal.

"Sal de Fructa"

ENO

O apuro de um rapaz se completa no penteado.

Penteie-se bem, fixando os seus cabelos sem colar, com

BRYLCREEM

O fixador mais que perfeito!

Miss Cinelândia 1955

Gleide Barros (S. Paulo)

O nosso grande concurso anual vai superar no corrente ano todos os sucessos dos anos anteriores... Aumenta o número de concorrentes.

A pedido de nossas leitoras dos pontos mais distantes do país, continuam abertas as inscrições para o concurso que "O Globo", a "Rádio Globo" e esta revista promovem em combinação com a Atlântida Cinematográfica, com a finalidade de descobrir para o cinema nacional

Luzilange Pereira, de Itaipava.

Walter Pidgeon com a candidata Adalgisa Colombo, representante carioca.

novas estrêlas, a exemplo do que foi feito em relação a Inalda Carvalho, a protagonista de "Chico Viola não morreu" (e outros filmes), e Avany Maura, que estreará na produção "Colégio de Brotos", a ser rodada imediatamente.

O prazo em questão foi prorrogado até a data de 25 de outubro, o que nos parece suficiente para permitir a inscrição de tôdas aquelas que, nos vários Estados, ambicionam, muito justamente, desfrutar das excelentes oportunidades que oferece o nosso certame às jovens candidatas ao estrelato cinematográfico.

Enquanto isso, novos programas sociais vão sendo traçados para maior brilho do concurso de "Miss Cinelândia", que, neste ano, promete ultrapassar em interêsse público tudo quan-

Elaine de Almeida, candidata de Niterói

Maria José Azevedo, outra carioca

"MISS CINELÂNDIA"

COUPON DE INSCRIÇÃO PARA O CONCURSO

Nome .....

Naturalidade .....

Altura..... *Pêso*..... *Idade*.....

Cabelos..... *Olhos*..... *Tez*.....

Estudos .....

Profissão .....

Estado Civil..... *Telefone*.....

Residência..... *Estado*.....

Rua ..... *N.º* .....

N. B. — A candidata concorda com tôdas as condições regulamentares, e aceita o que fôr deliberado pela comissão de julgamento designada por CINELÂNDIA.

Ernê Morais Rego, de Pôrto Alegre.

to se viu em 1953 e 1954, com a festiva realização da nossa iniciativa artística desdobrando-se numa série de reuniões, cocktails, etc., e, por fim, com o baile da coroação no Hotel Glória, do Rio de Janeiro.

Outras medidas de caráter prático, para a mais ampla repercussão do pleito, não só no Brasil como até no estrangeiro, estão sendo igualmente estudadas com todo o carinho pelos realizadores do concurso.

Aguardem, as interessadas, para breve, outras notícias a respeito. E não descuidem na urgência das suas inscrições tôdas as moças que nos escreveram a respeito — é o que podemos aconselhar. Aqui publicamos o cupom a ser preenchido pelas candidatas de todo o Brasil ao título de "Miss Cinelândia de 1955".

Loura como Marylin Monroe?
Morena como Miss Cinelândia de 1954?

Usem todas o
Rouge em Pó
Mystik
de
Mme Campos

á venda nas boas casas e nos salões de beleza e plásticas de Mme. Campos

A melhor limpeza de pele do Rio — Cabeleireiros modernos — Manicuras — Pedicuros.

RUA da ASSEMBLÉIA, 115-1.° and.
TELEFONES:
22 - 4685
22 - 1184
22 - 8791
22 - 1701

LOUCO PELAS GARÔTAS

(Conclusão da página 43)

Resolveram que nós não nos deveríamos voltar a ver, até que ela tivesse feito dezoito anos — e que, mesmo assim, não queriam que ela casasse tão jovem. Meteram essa idéia na cabeça, e pronto! Nós não estávamos sequer pensando em casar. Estávamos dando tempo ao tempo, procurando conhecer melhor um ao outro.

— Mas a família dela não acreditava. Resolveram que não nos veríamos mais, até que ela tivesse dezoito anos — e Russ sorri, mas percebe-se logo que não tem lá muita vontade de sorrir. — Pois bem, ela fêz dezoito anos alguns meses depois... e casou logo com outro!

A maioria dos observadores acha que essa experiência — a maior desilusão que Russ teve até agora — foi decisiva. Da noite para o dia, o jovem Mr. Tamblyn passou a "playboy", a acompanhante de tudo quanto era brotinho bonito em Hollywood.

Primeiro foi Margaret O'Brien, que êle viu na première de "Blackboard Jungle", e cujo telefone tratou logo de conseguir. Depois dela, foram muitas outras. O rosto sardento de Mr. Tamblyn era visto tôdas as noites, nos night-clubs, nos restaurantes, nas sessões de be-bop, e sempre bem acompanhado.

Gradualmente, porém, a legião feminina começou a diminuir, e Cindy Robbins, loura e atraente, passou para o primeiro lugar. Porque a verdade é que Russ é homem de uma só mulher... Sempre que possível. Se êle namora tanto, é porque está à procura da pequena dos seus sonhos.

No momento, Russ está quase certo de que, finalmente, a encontrou. Seu nome é Venetia Stevenson, e êle a conheceu quando ainda saía com Cindy Robbins. Venetia é loura, tem dezoito anos, é bonita e trabalha como modêlo. Russ tem tantas fotografias dela dentro da carteira, que mal sobra espaço para guardar o dinheiro. Êle mostra-as a todo o mundo, mas quando lhe perguntam quais os seus planos para o futuro, diz: — Ainda não fizemos planos. — (Coisa em que muito pouca gente acredita... Todos os que o conhecem acham que êles casarão assim que Venetia voltar da Inglaterra, onde está trabalhando atualmente).

Se assim fôr, é claro que Russ deixará de ser um dos mais cobiçados solteiros de Hollywood. Mas isso não alterará a lealdade dos milhões de fans femininas que lhe escrevem cartas entusiásticas. Russ Tamblyn, além de saber sapatear, cantar e representar como poucos, sabe também como poucos conquistar corações. Mas isso não é de admirar: desde os seis anos êle vem fazendo isso.

— Aos sábados, eu e os outros garotos do bairro íamos sempre ao cinema — conta êle. — O "Cinema Granada", em Inglewood, lembro-me bem. Um dia, durante o intervalo — tinha eu seis anos — deu-me na cabeça pular para o palco e inventar um sapateado. Como ninguém me expulsou, fiz a mesma coisa na semana seguinte, e assim por diante, até que por fim os outros garotos se acostumaram e já pediam que eu sapateasse.

Russ ri, antes de continuar: — Mas não é verdadeira essa história de que, um sábado em que eu faltei, os garotos reclamaram tanto que o gerente do cinema teve de mandar chamar-me. Não, não foi bem isso *exatamente* o que aconteceu. O que o gerente fêz foi perguntar o meu nome a um dos outros meninos, e telefonar para minha mãe, dizendo que eu estava estragando a programação dêle, que aquilo já estava passando da conta!

Ao invés de se aborrecer, Mrs. Tamblyn gostou de saber que o filho tinha vocação para o palco. Ficou satisfeita, mas escondeu prudentemente essa sua satisfação do marido. Edward Tamblyn, ex-ator que fizera nome como cômico no teatro e no cinema, tinha-se desiludido do palco e não queria absolutamente que Russ, seu filho predileto, lhe seguisse os passos.

Mas tudo acabou bem, segundo o próprio Russ: — Minha mãe matriculou-me numa escola de dança, e não disse nada a meu pai. Só lhe disse, quando chegou a véspera do grande recital anual da escola. Como meu pai ficou furioso! A princípio, disse até que não ia... mas acabou indo, convencido por minha mãe, e (não é curioso?) desde então sua atitude mudou completamente. Êle, que nem queria ouvir falar em palco, passou a ajudar-me em tudo quanto pudesse preparar-me para uma carreira teatral. Às vêzes até parecíamos colegas!

Encorajado pelos pais, Russ continuou com as aulas de dança. Mas, embora frequentasse também a escola, a sua sêde de aprender coisas novas não tinha limites, principalmente coisas que se relacionassem com o "mundo das ilusões"...

Começou a aprender canto e, para sua surprêsa, descobriu que tinha também jeito para cantar. Um pouco mais tarde, aos dez anos, descobriu que *também* tinha queda para a acrobacia. Passou depois para o malabarismo, o piano e a bateria, (Brando ficaria com complexo, se soubesse desde que idade Russ toca bateria!), coisas que lhe pareceram muito fáceis. Mas a sua curiosidade de garôto multitalentoso não tinha limites. Russ voltou seu interêsse para o maravilhoso mundo da mágica e, provada mais essa habilidade, achou que devia aprender a dar saltos mortais. Em pouco tempo a sua maestria era tal, que êle tirou o sexto lugar em saltos mortais, numa competição em que meninos podiam medir fôrças com atletas universitários.

Falando dessas mil-e-uma habilidades, Russ diz, muito simplesmente, que não tem muito mérito porque nunca precisou esforçar-se: — Não tive nenhuma dificuldade em aprender qualquer dessas coisas. Acho que a pessoa já nasce com a inclinação para isto ou para aquilo. Para dar saltos mortais, por exemplo, é preciso que a pessoa nasça com confiança em si própria, para nunca ter mêdo de cair de mau jeito e torcer o pescoço.

Muita gente se irrita, por Russ saber fazer tão bem tantas coisas. Outros brincam com êle, como é o caso de um publicista da Metro, que, há algumas semanas, lhe dizia: — Você tem jeito para tudo, Russ! Só lhe falta experimentar escrever... como é que você ainda não se lembrou disso?

— Lembrei-me — respondeu Russ, com o seu já famoso sorriso. — Quando estava no ginásio, escrevi um conto e ganhei o primeiro prêmio no concurso literário da escola!

Mas tôdas as outras atividades passaram a postos secundários, quando Russ descobriu, através de um colega da escola de dança, a maravilha que era ser ator. Apaixonou-se de tal maneira pela arte de representar, que abandonou inclusive as aulas de dança, para poder concentrar-se apenas em vir a ser um bom ator. Sua estréia, numa companhia de amadores, foi auspiciosa: fêz com que lhe dessem um papel juvenil no filme "The Boy With Green Hair". Isso foi em 1948. De então para cá, Russ nunca deixou de fazer pelo menos dois filmes por ano.

Quando êle tinha dezesseis anos, a Warner chamou-o a fim de fazer testes para um importante papel em "Retreat, Hell!", filme decisivo em sua carreira, já que atraiu para êle a atenção da Metro. O papel era altamente dramático e requeria um rapaz de dezoito anos. Como Russ tinha apenas dezesseis, estabeleceu-se uma controvérsia sôbre se lhe deviam ou não dar o papel. Deixemos que êle conte como foi: — Todos achavam que eu era jovem demais. O produtor não me queria no filme, o estúdio tampouco, e creio que o Corpo de Fuzileiros Navais também não. A única pessoa que tinha fé em mim era o diretor Joseph Lewis. Tinha tanta fé, que insistiu que eu fôsse, com o resto dos artistas, a Camp Pendleton, onde as cenas principais seriam filmadas.

— Uma das primeiras cenas que filmamos foi precisamente a minha cena mais importante: a cena em que o rapaz de dezoito anos recebe a notícia de que seu irmão foi morto em ação. Creio que representei satisfatòriamente, mas o pessoal do estúdio não gostou: — "Êsse rapaz não serve" — disseram. — "E' melhor substituí-lo logo." — Felizmente, Mr. Lewis, o diretor, tinha *mesmo* confiança em mim; quando soube da decisão do estúdio, foi falar com o produtor: — "Se o rapaz sair, eu também saio" — o estúdio não tinha a menor intenção de substituir o diretor, e resolveu aceitar o menor dos males: permitir que eu desempenhasse o papel. Foi ótimo, porque a crítica falou bem de mim.

Russ saiu-se tão bem em "Retreat, Hell!", que a Metro decidiu contratá-lo. Como já fizera na Warner, Russ não apregoou tudo o que sabia fazer. Só fôra contratado como ator, para que dizer que também era cantor e dançarino? E foi assim que lhe deram pequenos papéis em comédias e um papel mais importante em "Take The High Ground".

Em "Sete Noivas Para Sete Irmãos", seu papel primitivo exigia apenas um ator de comédia que soubesse dar alguns passos muito simples de sapateado. Mas quando Michael Kidd, o coreógrafo da Metro, descobriu que Russ sabia quase mais do que êle, seu papel foi alterado no sentido de dar mais ênfase à sua qualidade de dançarino. Felizmente para Russ, porém, alguns diretores da Metro continuaram a considerá-lo como ator capaz de desempenhar papéis sérios. Richard Brooks, por exemplo, pô-lo no elenco de um filme dramático, "The Last Hunt", e tem plena certeza de que o jovem Mr. Tamblyn se sairá a contento.

Embora Russ prefira ser considerado simplesmente como ator, o estúdio não se esquece de que êle é um ótimo dançarino — comparável a Fred Astaire, Gower Champion e Donald O'Connor. Como êsses seus colegas, Russ está sempre às voltas com o problema do pouco pêso. Sessenta e sete quilos é pouco pêso para um rapaz de 1,77 de altura, mas nem um apetite devorador, nem litros e litros de leite, conseguem fazê-lo engordar um único quilo. Russ já experimentou tôdas as dietas para aumentar de pêso, e nenhuma delas deu resultado: — "A única coisa que deu certo foi levantar pesos. Não era nada agradável, mas levantei pesos durante alguns meses e aumentei quase seis quilos. Depois tive de começar a ensaiar os números de dança para "Hit The Deck", e os seis quilos lá se foram. Não há mesmo jeito!"

Russ mora sòzinho (êle gosta de morar só) num apartamento em Beverly Hills. Como faz filme atrás de filme, quase não tem tempo para nada; até a hora do almoço é sempre tomado por entrevistas, fotos e telefonemas da família. Mas, nas raras ocasiões em que não trabalha, a coisa muda de figura: — Quando não estou trabalhando — diz Russ, com um suspiro de alívio — fico a noite inteira acordado e durmo todo o dia, a não ser que alguém tenha a infeliz idéia de me acordar. O rapaz que mora no apartamento de cima toca guitarra que é uma maravilha. Quando êle começa a tocar, eu subo e fico a ouvi-lo tôda a noite. Não sei é como êle pode: toca a noite inteira e depois trabalha o dia todo!

Mr. Tamblyn é uma autoridade em matéria de música. Além da bateria êle toca também piano, principalmente composições suas. Sua coleção de discos (1.500 ao todo) vai da música clássica ao jazz, gênero em que êle tem preferência por Dave Brubeck, compositor e pianista californiano: — Nos meus tempos de ginásio, eu colecionava blues e outros ritmos de dança, mas agora meu gôsto progrediu: já não os suporto. Como agora é a vez do meu irmão menor gostar de blues, contribuí com a minha antiga coleção para a coleção dêle.

Tendo estreado muito cedo como ator profissional, Russ Tamblyn não tem o ar inquieto, deslumbrado, preocupado, dos outros jovens da sua idade em Hollywood. Não precisa, como êles, fazer-se notar. Em vez de dirigir um sensacional Cadillac, ou de voar num carro "esporte" europeu, Russ continua fiel ao seu sóbrio Ford modêlo 1954. Seu modo de vestir é também tão discreto que, à primeira vista, ninguém desconfiaria de que ali estava um ator. À primeira vista, apenas. Porque o talentoso, ou melhor, os talentos de Russ Tamblyn são tão grandes, que imediatamente isso se torna evidente no seu modo de sorrir, na sua personalidade, na sua conversa.

A única coisa que lhe falta para ser considerado um artista cem por cento, é sofrer, sofrer pelo menos um pouco, já que essa tradição de sofrimento é indispensável para consagrar um jovem artista. Mas como é que êle vai inventar sofrimentos? Até aqui, tudo lhe tem ido às mil maravilhas!

Otimisticamente, Russ conta a todo o mundo a história do seu amor mal-sucedido, estilo Romeu-e-Julieta, aquele em que os pais da moça não queriam por nada que êles se vissem. Mas não adianta, porque todo o mundo sabe que êle está no auge da felicidade com o seu atual amor!

— Não faz mal. — diz Russ. — Até aqui tudo tem sido tão fácil para mim, que qualquer dia acontece algo para me fazer sofrer.

Nós esperamos que não. Esperamos que os seus mil-e-um talentos bastem para estabelecer Russ Tamblyn como um dos mais destacados atores da nova geração.

— FIM —

O QUE EU VI NOS ESTÚDIOS

(Conclusão da página 45)

vitoriosamente de um show teatral, recebia em cena centenas de corbeilles dos seus fans... Os extras, uma porção de moças e rapazes que constituiam a platéia, estavam em grande gala (e felizes como que)...

Watson Macedo, produtor e diretor, concluiu já o filme e começará imediatamente a rodar "A Grande Vedette" com Dercy Gonçalves, Catalano, os noivos (paulistas) Eva Wilma e John Herbert, etc. A seguir, Watson pensará então no seu "carnavalesco" para 1956, em tôrno do qual está fazendo um relativo mistério, enquanto que revela contar com grandes novidades para essa produção...

A praia de Itanhaem, no litoral de São Paulo, servirá de palco às filmagens de "Vasante", em novembro, com Ninon Sevilla atuando como estrêla, e ali mesmo executando vários bailados típicos brasileiros, os quais terão caráter funcional dentro dessa história de José Mauro Vasconcelos. O produtor, Roberto Acácio, está interessado em produzir também uma comédia musical, de menor custo, quase que simultaneamente com essa sua nova e cara co-produção. Disse-me que lançará gente nova no elenco dessa comédia, na parte pròpriamente de representação. Vários argumentos já lhe foram oferecidos para êsse filme, que deverá contar com poucos ambientes e um enrêdo bem local. Acácio seguiu para o Festival de Veneza levando "Mãos Sangrentas" (Artistas Associados), filme com o qual o Brasil concorre ao famoso certame internacional de cinema agora celebrado.

—— F I M ——

FILMES NOVOS

(Conclusão da página 24)

não poderia deixar de acontecer, estoura um conflito. Kirk fica de um lado e Jeanne de outro, embora desejando secretamente que estivesse do lado dêle. Para Kirk, isso não tem a menor importância porque é um homem que está sempre em movimento. Há também William Campbell, que o acompanha em suas jornadas, mas que acaba encontrando seu rumo (Myrna Hansen). Kirk, entretanto, jamais encontra o seu. Filme em tecnicolor.

O Grande Guerreiro

(Chief Crazyhorse) — Universal

Quando era ainda um indiozinho sioux uma visão disse a Vic Mature que êle se tornaria o grande chefe que, segundo profetizara o velho cacique,, apareceria um dia na tribo. Anos mais tarde, Crazyhorse (Mature) bate-se com o rival Little Big Man (Ray Danton) pela mão de Black Shawl (Suzan Ball) e sai vencedor, começando, assim, a tornar a visão uma realidade. Quando os garimpeiros querem procurar ouro no no território de Dakota, Crazyhorse os expulsa de lá, empregando as táticas de combate do homem branco. As tribos que êle conseguiu reunir para enfrentar e derrotar o general Custer se espalham à procura de boa caça quando chega o inverno, e, abandonando com um pequeno grupo e a espôsa agonizante, Crazyhorse concorda em ficar no Forte Laramie. Na primavera, obtem permissão para caçar, mas acontece que outra parte da visão não se cumpriu. O grande chefe está destinado a ser morto por um guerreiro da sua própria tribo. Vocês não devem perder êste filme western.

Ama-me ou Esquece-me

(Love Me or Leave Me) — M-G-M

Você talvez não saiba quem foi Ruth Etting. Nesse caso, fique sabendo que foi uma dançarina movida por tal ambição, que permitiu que um malfeitor a ajudasse a atingir os pináculos da fama. Como ela só pensava na sua carreira, jamais lhe passou pela cabeça que um dia teria de retribuir todos os favores que o Sr. Snyder lhe prestara. O

DISCOS NOVOS

(Conclusão da página 15)

cha-cha) R/B dos mais interessantes, "Sweet and Gentle" tem algo que agrada, e Alan sabe ler os seus líricos com "verve" e perfeita interpretação. O reverso é mais romântico e também vai agradar, ainda que "Sweet..." será a razão pela qual os compradores irão pagar pela gravação...

KAREN CHANDLER está gravando direitinho, e é fácil predizer que a sua gravação para a Coral de *"Man In The Raincoat"* *, que acaba de enviar-nos, vai ter boa aceitação por todos os Disc-Jockeys e pelo público em geral. O reverso, *"Sentimental Fool"*, * é uma balada menos dramática do que "Man...", que certamente impressiona mais. Com os nossos votos de "good luck", um justo destaque para os dois lados.

LEIAM:

homenzinho, entretanto, se incumbe de avivar-lhe a memória. No que essa produção se diferencia bastante da maioria das biografias cinematográficas, é que o seu roteiro não se afasta da realidade. Por trás do biombo de glamor, não apenas se vê a luta áspera, mas também sentimos no rosto o seu impacto. Outro fator de agrado dêste filme é a atuação de James Cagney no papel de um "big shot", mau e aleijado, que tanto nos inspira compaixão quanto antipatia. Dotado de grande fôrça de vontade, êle compra Chicago para Ruth (Doris Day), e mais tarde providencia o seu ingresso no Ziegfeld Follies, não a deixando lá, entretanto. O que Ruth jamais chega a descobrir é que poderia ter-se tornado uma estrêla de primeira grandeza, e ter o amor do homem que amava (Cameron Mitchell), sem passar pelos dissabores que enfrenta. Ao contrário, porém, ela se casa com Snyder e perde quase tôda a vontade de viver. E acontece que Snyder, sentindo-se roubado e como um joão-ninguém, fica fora de si e mata o homem que ela ama. Ao lado dêsses lances dramáticos, Doris Day interpreta várias canções e é sempre um prazer ouvi-la. Filme em cinemascope.

—— F I M ——

Os Espiões de CINELÂNDIA

(Conclusão da página 14)

Mas ainda há um assunto do qual êle não gosta de falar: é se vai ou não casar com Josanne Mariani.

O meu palpite é que não vai.

PODE SER QUE LIZ TAYLOR ainda não esteja completamente boa, mas o fato é que se mostrou por demais exigente antes de terem início as filmagens de "Giant".

Após ter sido convidada quatro vêzes, Liz finalmente apareceu na Warner para almoçar e conversar com o diretor George Stevens e com James Dean.

A estrêla mostrou-se bastante aborrecida com a conversa em tôrno do script e das locações no Texas, tendo-se retirado mal terminou o almôço.

E não lhe agradaram também as indumentárias. As roupas escandalosas do princípio do século, que usa no início do filme, não se ajustam bem à sua figura mignon.

Por outro lado, não houve jeito do departamento de maquillagem conseguir que Liz parecesse idosa, já no fim da fita.

Enfim, como dizem que um filme que começa mal geralmente acaba bem, pode ser até que "Giant" resulte num Oscar para Liz.

— FIM —

O QUE HÁ DE NOVO

(Conclusão da página 19)

sei que uma nova e mais sólida felicidade me espera..." Mas, no dia seguinte Linda desmentiu os termos da reportagem, declarando que os sentimentos que a ligavam a Purdom eram de... "eterna afeição..."

— Vladimir Matskevitch, chefe da delegação de técnicos e funcionários agrícolas soviéticos que atualmente visitam as regiões centrais dos Estados Unidos, anunciou que a atriz Marilyn Monroe fôra convidada oficialmente para a recepção que será oferecida em sua homenagem, na Embaixada Soviética de Washington.

Anunciada em tom divertido que não havia convencido os jornalistas presentes, a informação foi confirmada pouco depois pelo chefe do escritório da Agência Tass em Washington.

Todos os membros da delegação soviética haviam ficado grandemente impressionados, há duas semanas, por um filme em que Marilyn Monroe figura como estrêla (The Seven Year Itch).

— O Tribunal Federal de Washington rejeitou a ação intentada pelo cantor negro Paul Robeson, a fim de que fôsse obrigado o Departamento de Estado a lhe conceder passaporte para o estrangeiro.

Na decisão, o Tribunal afirma que, contrariamente à argumentação do advogado de Robeson, o Departamento de Estado não agiu de maneira arbitrária, ao recusar a concessão do passaporte, já que a sua recusa em tomar em consideração o pedido do cantor decorreu de se haver Robeson recusado a declarar, sob juramento, que não é comunista.

— Depois de vários meses de indecisão sôbre o seu pedido de divórcio de Bob Horton, Barbara Ruick resolveu encarregar o advogado do início do processo, e a primeira audiência já foi marcada. No dia seguinte, Barbara embarcará para Boothe Bay Harbor, Maine, onde ficará um mês prêsa à filmagem de "Carousel". Houve uma ocasião, após a separação, em que seus amigos esperavam que Barbara e Bob fizessem pazes definitivas, mas as previsões falharam, e o fato foi atribuído aos freqüentes "dates" de ambos. Pode-se anotar, assim, outro triste fim para um casamento de atores.

— Greer Garson e Buddy Fogelson mandaram pôr o seu avião particular à disposição de Merle Oberon e do Dr. Rex Ross, e isso deu origem aos rumores de que os dois iam casar na fazenda de Fogelson, no Novo México. Mas Merle desmentiu — ela e o Dr. Rex foram apenas convidados para passar um fim de semana na referida fazenda.

— O roubo de 92 mil dólares em jóias, de que foi vítima Dolly Walker, levou o casal Milton Berle a colocar inúmeras campainhas de alarma na casa que alugaram em Beverly Hills, mas Milton já se queixou de que não pode abrir a geladeira sem fazer soar ruidosas campainhas de alerta.

—— F I M ——

A PONTE É O AMOR

(Continuação da página 35)

sem precisar de palavras. Quando me sinto invadida por uma grande sensação de paz, considero essa paz como sendo a sua resposta. Mesmo que eu não tenha nenhum conselho a pedir, tenho sempre algo para contar-lhe.

Na sua ânsia de proteger o seu bebê ainda não nascido, Pier recordou a sua última noite com o pai. Tinham ido todos jantar em casa de um tio, e como houvesse uma corrente de ar na sala, papai lhe dissera: — Vá vestir seu casaco, minha filha.

— Não estou sentindo frio, papai.

— Você sabe — retrucara êle — que, se você ficasse doente ou se alguma coisa lhe acontecesse, eu acho que morreria?

Impressionada com tais palavras, Pier correra a vestir o casaco, não porque sentisse frio, mas para agradar ao pai. E agora, muitos anos passados, e num país diferente, Pier achava um novo significado nesse breve incidente.

Imóvel na cama durante seis semanas, ela pensou nos meses e meses em que o pai estivera doente, na sua maneira resignada de encarar a dor, na sua alegria quando se sentia um pouquinho melhor. Quando criança, sofrera por êle. Como mulher, experimentava agora um pouco do seu sofrimento: — Só agora é que eu compreendo o que você sofreu, papai. Só passando por uma experiência semelhante é que a gente compreende o que os outros sentem. Isto, pelo menos, eu aprendi e nunca mais esquecerei.

Êle a chamava "Annarella" e, desde muito pequena, ela sentiu que existia entre os dois uma união muito especial. Eram ambos emocionais, ambos cheios de vida e sensíveis. Pensavam da mesma maneira, reagiam da mesma forma, tinham os dois uma grande ternura por bichos. Quando Pier começou a frequentar a escola, não se passava um dia sem que não chegasse a casa acompanhada de um ou dois cachorros — que tinham de ser mandados embora, porque mamãe achava, e com razão, que sessenta e seis passarinhos e um pato já chegavam para transformar a casa num pequeno jardim zoológico. O pato fôra papai quem lhe dera, e vivia no quarto de Pier. Os passarinhos moravam numa enorme gaiola de cristal e grades douradas. Pier e papai cuidavam deles. Mamãe e Marisa achavam-nos lindos, mas não se entusiasmavam, nem cuidavam da comida e da gaiola.

Tirando os olhos — papai tinha-os de um azul escuro e brilhante — Pier era igualzinha ao pai: — Por que é que você não me deu também os seus olhos? — lamentava-se ela.

— Tome-os! Tudo o que eu tenho é seu.

E aquilo quase não era exagêro. Quando mamãe ou Marisa queriam alguma coisa — um vestido novo, por exemplo — pediam a Pier que servisse de intermediária. Ela sabia como falar com êle, porque ambos reagiam da mesma maneira. Quando ela queria conseguir alguma coisa, era só sentar-se ao colo do papai, alisar-lhe meigamente o cabelo, e dizer-lhe o que desejava.

Em casa reinava uma atmosfera de lar feliz, cheia de música e alegria. Papai queria ver todo o mundo alegre, mesmo quando estava doente. Engenheiro-arquiteto, trabalhara algum tempo na Sardenha e lá contraíra malária. De tempos em tempos, êle tinha de ficar na cama por dois meses a fio, e Pier era quem o distraía — ia comprar-lhe os jornais, cantava, dançava, imitava cômicos famosos, ou simplesmente conversava com o pai. Quando êle estava bom, assobiava, sempre que voltava do trabalho, para que Pier o fôsse esperar na porta de casa.

Quando Pier tinha um problema qualquer, ao invés de abrir-se com a mãe, procurava logo o pai. Foi o que aconteceu quando ela tinha quatorze anos: Pier não gostava de estudar. Gostava de pintura, de música, de poesia, mas o latim, o grego e a álgebra davam-lhe dores de cabeça. E Marisa, que era a primeira da classe, mostrava-lhe que não adiantava nada ela copiar os seus deveres. Sem se interessar, sem aprender, Pier jamais saberia as matérias.

Uma noite, logo após ao jantar, Pier sentou-se no colo do pai, deu-lhe um beijo e criou coragem para dizer: — Papai, não quero mais ir à escola.

— Mas por quê?

— Porque detesto latim e grego e não vou precisar dêles.

— De que é que você vai precisar? — perguntou o pai, pacientemente.

— Bem, eu queria estudar para ser decoradora de interiores.

— Ótimo! — disse êle, e Pier respirou. Apesar de se entenderem muito bem, tinha temido uma discussão com o pai. Mas êle achava que as pessoas deviam sempre seguir as suas vocações, e matriculou-a na melhor escola de decoração da cidade. Pier sentiu-se felicíssima, principalmente porque sabia que o pai via nela uma futura colaboradora. Realmente, anos mais tarde, êle construía um edifício de apartamentos maravilhoso (tão lindo, que o povo lhe deu o nome de "La Bomboniera" (A Caixa de Bombons) e ultramoderno, e pedia à filha que o ajudasse nas decorações. Pier mal pôde acreditar, de contente. As semanas que se seguiram foram de puro sonho para ela, escolhendo com o pai tapeçarias e côres, orgulhando-se da confiança que êle depositava nela, criando com êle um dos edifícios mais belos de Roma.

Os dois poderiam ter continuado a trabalhar juntos, se não fôsse o destino. O destino fêz com que Pier, sua irmã Marisa, e Léonide Moguy, o célebre diretor francês, fossem na mesma tarde visitar a mesma galeria de arte. O diretor olhou para Pier e aproximou-se das duas irmãs: — "Perdoe-me a curiosidade" — disse êle — "mas a senhorita será por acaso atriz?" — Naturalmente, Pier e Marisa, como meninas bem educadas, não iam falar com um homem desconhecido, se bem que respeitoso! O diretor entregou-lhes então um cartão de visitas, dizendo-lhes: — "Por favor, dêem êste cartão a mamãe, e peçam-lhe que me telefone." As duas irmãs apanharam o cartão e trataram de correr para casa, onde, conhecendo muito bem o modo de pensar do pai, contaram o que tinha acontecido sòmente à mãe.

Papai não se importava que as filhas escolhessem a carreira que quisessem, exceto a de atrizes. Mamãe tinha sido atriz de teatro dos cinco aos vinte anos, quando abandonara a carreira para casar com Luigi Pierangeli. Sua esperança, seu desejo secreto, era que uma de suas filhas continuasse a carreira. As meninas, porém, não pareciam demonstrar o menor interêsse pelo palco, e papai opunha-se firmemente: — Jamais permitirei que nossas filhas pisem o palco — dizia êle, cada vez que mamãe tentava sondá-lo. — E' um ambiente péssimo para adolescentes.

Pier e Marisa tinham por dois anos aprendido ballet contra a vontade do pai, mas mamãe não podia deixar passar aquela oportunidade. Sem que o marido soubesse, foi com Pier ao escritório de Léonide Moguy e êste disse que estava à procura de uma menina de quatorze ou quinze anos para o papel principal de um filme cujo título seria "Amanhã Será Tarde Demais", e que Pier era uma possibilidade entre outras possibilidades. Deveria fazer um pequeno curso de seis meses, findo o qual faria alguns testes finais.

A mãe entusiasmou-se, mas Pier não pareceu nada atraída: — Eu não quero ser atriz, mamãe. Quero ser decoradora!

Aos poucos, porém, a mãe conseguiu convencê-la. Era uma grande oportunidade, uma oportunidade que não podia ser desperdiçada, e a carreira de atriz era maravilhosa... ela sentia tantas saudades!

— Mas que dirá papai?

— Não vamos dizer nada! — Ante a expressão chocada da filha, explicou: — Se você falar, pode estar certa de que seu pai não vai dar licença. Sei que lhe custa guardar segrêdo e não dizer nada a papai, mas é melhor esperar pelo resultado dos testes. Se você tiver a sorte de ser escolhida, então, sim. Então é que nós daremos a surprêsa a seu pai.

Pier concordou, embora com um sentimento de culpa. Nunca tinha havido segredos entre ela e papai, e agora ela lhe escondia uma coisa tão importante. Mas mamãe consolava-a: — Anna, eu conheço seu pai. Se você vencer, êle ficará mais orgulhoso do que ninguém.

Fizeram-se os testes. Pier concorreu com outras vinte e quatro meninas e saiu vencedora. Cheia de alegria, a primeira coisa que disse à mãe foi: — Agora eu posso dizer a papai.

— Agora, você *tem* de dizer-lhe — riu Mamãe. — Êle tem de assinar o contrato.

Naquela noite ela disse ao pai. Mostrou-lhe primeiro uma fotografia que o estúdio havia tirado e onde ela escrevera a seguinte dedicatória: — *"Para o meu querido pai, da filha que o adora"*. Luigi Pierangeli, a princípio sorridente, quis logo depois saber quem lhe tinha tirado aquele retrato tão artístico. Pier contou-lhe tudo, na esperança de que, como a mãe lhe dissera, êle a perdoasse e ainda por cima ficasse orgulhoso.

Mas papai reagiu de modo diferente. Ouviu-a até o fim e, quando ela acabou de falar, levantou-se da mesa e, batendo com a porta, foi-se embora de casa. Passaram-se três dias sem que êle voltasse. Pier chorava sem parar, e o estúdio telefonava a tôda hora por causa do contrato. — Acha que devo dizer que não aceito? — perguntava Pier, em lágrimas.

— Não — respondia-lhe a mãe. — Acho que você deve ir ao escritório do seu pai, falar com êle e tentar convencê-lo.

Pier seguiu o conselho. Foi ao escritório e pai e filha caíram nos braços um do outro. Entre soluços, Pier disse-lhe: — Oh, papai, eu não queria fazê-lo sofrer, eu não queria desobedecer-lhe! Mas eu gosto tanto de representar, mais ainda do que ser decoradora! E, papai você sempre disse que a gente devia seguir a nossa vocação. Talvez o ambiente do palco seja mau, mas o dos estúdios não seja! Se você achar que é, eu não continuarei. Mas, por favor, deixe-me ao menos tentar!

Êle alisou-lhe o cabelo e, sorrindo um sorriso triste, deu a sua permissão: — Vá para casa agora, Annarella. Eu assinarei o contrato à hora do jantar.

Só naquela noite é que Pier compreendeu o sacrifício que, para seu pai, representava assinar aquele contrato. — Vou assinar, mas com uma condição: que sua mãe esteja sempre ao seu lado — *sempre* — até você casar. — E fêz mãe e filha prometerem isso.

Mamãe sabia o que dizia, quando afirmara: — Anna, eu conheço seu pai. Se você vencer, êle ficará mais orgulhoso do que ninguém. — Pier venceu. No Festival Cinematográfico de Veneza, naquele ano, o Grande Prêmio foi para "Amanhã Será Tarde Demais", e Pier foi considerada a melhor atriz do ano. Papai ficou orgulhosíssimo, tão vaidoso da filha que nem se preocupava em disfarçar. Quando uma revista publicava o retrato dela, Luigi Pierangeli comprava logo cinquenta números e distribuia-os pelos amigos. Quando saíam juntos, êle sorria de prazer para as pessoas que a reconheciam. Quando se espantavam de que Pier e êle se parecessem tanto, papai tomava aquilo como um elogio.

Mas a sua felicidade não durou muito. Em vista do seu trabalho em "Amanhã Será Tarde Demais", a Metro-Goldwyn-Mayer convidou Pier a ir a Nova York estrelar "Teresa". — Nunca! — disse papai, quando ela lhe foi pedir licença para aceitar. — Nunca deixarei que você vá para longe de mim.

Êle resistiu durante tôda uma semana, sabendo muito bem que teria de ceder ante a vontade da filha, e do sentimento de que não tinha o direito de prejudicar-lhe a carreira, além da sua própria satisfação por ela ter sido escolhida para estrêla de um filme americano. Ao fim de uma semana, êle perguntou a Pier: — Se eu a deixasse ir, quanto tempo você demoraria em Nova York?

— Três meses — respondeu Pier.

— Muito bem. Você pode ir, desde que três advogados me garantam que, pelo contrato, você não ficará mais de três meses na América.

O dia da partida chegou, e a vontade de Pier e sua mãe era de não embarcar. Papai estava doente, tão doente que não pôde ir ao aeroporto. Os sucessivos ataques de malária tinham-lhe afetado os rins e, embora temporàriamente, uma das vistas. Vovó tinha ido tomar conta dêle e de Marisa. Com o coração pesado, Pier entrou no quarto para despedir-se do pai.

— Paparino, os três meses passam depressa! Eu prometo escrever-lhe todos os dias. Eu... — Não pôde dizer mais nada, porque papai começou a chorar como uma criança. Era a primeira vez que Pier via um homem chorar, e logo um homem como seu pai, tão forte, tão alegre! Contendo as lágrimas, Pier forçou um sorriso e aninhou a cabeça do pai nos seus braços. A criança que êle tantas vêzes confortara era agora quem o confortava.

Como prometera, Pier escrevia-lhe diàriamente da América. Papai estava bem melhor de saúde e, de vez em quando, falava com ela pelo telefone internacional. Entusiasmada com o seu trabalho, a Metro ofereceu-lhe um contrato de cinco anos, que Pier prontamente recusou.

Os três meses passaram depressa. Pier

(Conclui na pág. 55)

A PONTE É O AMOR

(Conclusão da pág. 54)

e a mãe tomaram o avião para Roma e despediram-se dos Estados Unidos. Quando o avião aterrissou no aeroporto, a primeira pessoa que viram foi papai, brigando com os guardas, querendo a todo o custo correr logo para o aparelho. E, quando ela desembarcou, viu-se logo abraçada pelo pai, que não cessava de dizer: — Annarella! Minha Annarella!

— Deixe-me olhar para você, papai. Que tal você se sente?

— Como um rei, agora que você e sua mãe estão de volta! — respondeu êle.

Outra vez reunida, a família passou quinze dias perfeitos. Papai queria saber tudo àcêrca da viagem e de Nova York — e Pier estava nas suas sete quintas, contando as maravilhas e os contrastes de Nova York, as emoções do vôo através do Atlântico, a sua dificuldade em aprender o seu papel em "Teresa" por não saber quase inglês. Só não falou na oferta da Metro, pois temia alarmar o pai, mesmo tendo já recusado o contrato.

Duas semanas depois de Pier e a mãe terem chegado, foram todos jantar em casa de um tio. Luigi Pierangeli estava alegre como de costume, pedindo a Pier que imitasse o falar americano, brincando com todos. Depois do jantar, porém, começou a queixar-se de dor de cabeça.

— Vamos para casa, papai! Você está cansado — disse-lhe Pier.

Quando chegaram a casa, a dor de cabeça tinha-se tornado insuportável. Chamaram o médico. Mamãe e Marisa passaram a noite tôda entrando e saindo do quarto, atendendo ao doente. Pier não saiu do lado dêle, à beira da cama. Depois de dormir um pouco, êle acordou e, vendo o olhar ansioso da filha, sorriu: — Annarella!

— Sim, papai.

— Você sabe... aquela gaveta da minha secretária que está sempre fechada? Apanhe a chave e abra. Há uma coisa lá dentro que eu quero que você veja.

Pier abriu a gaveta e tirou um grande álbum. Seus olhos se encheram de lágrimas ao ver que tôdas as suas fotografias como atriz, todos os artigos escritos sôbre a sua pessoa, tôdas as referências feitas pela crítica ali estavam cuidadosamente guardadas. Na primeira página, havia a seguinte dedicatória: — *"Para a minha Annarella — do pai mais orgulhoso dêste mundo."*

Pier conseguiu controlar a sua emoção e dizer apenas: — Muito obrigada, papai! — Pouco antes do amanhecer, êle tirou do dedo mínimo o anel que sempre usava. — Onde está a sua mão? — Pier deu-lha a êle colocou-lhe o anel no dedo. Dali a pouco, falecia.

Luigi Pierangeli tinha apenas quarenta e três anos. Era jovem demais, bom demais, amado demais para morrer. Mas a vontade de Deus foi cumprida.

Existe um mundo dos vivos e um mundo dos mortos, e a ponte que os une é o amor. Enquanto Pier viver, seu pai viverá também, partilhando com ela das alegrias e sofrimentos. Alegria como a que Pier experimentou quando, ao fim de seis semanas no Palm Springs Hospital, o médico lhe disse que o bebê estava salvo... e que teria olhos azuis.

— Olhos azuis como os de papai! — exclamou Pier, esquecendo-se de que todos os bebês nascem com olhos azuis: — êle não me deu os seus olhos, mas vai dá-los agora ao netinho.

Do hospital, Pier foi para casa da mãe em ambulância. Ficou mais quinze dias de cama e passou três andando de muletas. Mas agora está perfeitamente bem, fazendo tricot sem parar, já que o bebê era esperado em julho.

A princípio, Pier queria um menino e Vic, uma menina. Depois achavam que o que viesse estaria ótimo. Pier diz que ficou emocionadíssima, quando sentiu o bebê mover-se pela primeira vez: — Pela amostra, promete ser um bebê impossível! A noite, principalmente, não pára! — dizia ela, rindo.

A dificuldade maior foi encontrar uma casa — um lar para o herdeiro. Com Pier de cama e Vic ensaiando para "Kismet", seu último filme para a Metro, encarregaram um corretor de encontrar casa para êles. Ao fim de três meses, encontraram uma linda casa em estilo Colonial. Pier e Vic apaixonaram-se à primeira vista pela casa, e já queriam mudar-se, quando seu agente financeiro deu o "não": — O preço é demasiado alto. Nada feito! Pier e Vic começavam a desesperar. Mas um dia, passando com o corretor por Bel-Air, êste lhes mostrou uma bela casa, também em estilo Colonial. Pier agarrou o braço de Vic, os dois se entusiasmaram e, consultado o agente financeiro, fecharam o negócio. Era tudo o que precisavam para a felicidade ser completa.

Enquanto o bebê não nascia, êles continuaram a morar com a mãe de Pier, onde tinham um enorme quarto à disposição, com telefone particular e aparelho de televisão. Estão decorando aos poucos a nova casa, e a primeira peça a ficar pronta foi o quarto do bebê: a mobília é clara e em estilo francês.

Pier não resolveu ainda se continuará a trabalhar ou não: — Vic é tão compreensivo! — diz ela. — Compreensivo, bom... e ciumento, igual a papai. Quando vamos ao cinema, e algum homem se senta ao meu lado, Vic faz como meu pai fazia: troca de lugar comigo. E deixa que eu tome as minhas próprias decisões. Se eu quiser continuar a trabalhar, muito bem. Se quiser ficar apenas com o bebê, ótimo também.

— Tôdas as noites êle chega em casa com duas rosas vermelhas: uma para mim e outra para o bebê. E eu tôdas as noites agradeço a Deus por ter salvo o nosso filho e por me ter dado um marido como Vic. Depois, converso sempre com meu pai. Digo-lhe que Vic é maravilhoso e que quero ter um filho igual a êle, mas com olhos azuis.

— E sinto uma grande paz. Como se papai me respondesse: — "Sim, eu sei, Annarella... e a sua felicidade me faz também feliz.

A ponte que os une é o amor.

— FIM —

NENHUM DOS DOIS QUERIA

(Continuação da página 30)

decidira aproveitar a chance de desfrutar dos prazeres de Paris. Mas não à moda dos turistas. Ray fizera questão de conhecer rapazes e moças francesas, de aprender a língua, de visitar calmamente os museus, as ruas, tudo o que lhe chamasse a atenção. E divertira-se a valer, divertira-se como se o amanhã não existisse, enquanto o dinheiro durara. Depois, o jeito tinha sido mesmo voltar aos Estados Unidos.

Enquanto isso acontecia, o Destino preparava as coisas de modo a que Julie Adams e Ray Danton, sem o saberem, se aproximassem gradualmente um do outro.

Uma certa Betty May Adams, nascida em Waterloo, no estado de Iowa, e educada no Junior College de Arkansas, estava atraindo considerável atenção em Hollywood. Primeiro, mudara o nome para Julie Adams. Depois, suas pernas tinham sido julgadas "as mais belas do mundo" por um júri dos mais famosos pintores e escultores norte-americanos. Mas ela não dera importância a isso. Seu alvo era tornar-se uma verdadeira atriz, e não apenas ser conhecida como, mulher bonita. A vitória seria difícil, ela bem o sabia, principalmente porque, antes de ser contratada pela Universal, fôra apenas secretária e nunca tivera qualquer experiência artística. Apesar de tudo isso, Miss Adams queria lutar honestamente por um lugar ao sol de Hollywood, sem o auxílio de pernas bonitas e de poses glamorosas.

Regressando de sua estada em Paris, Ray Danton voltara às novelas de rádio e aos programas de televisão, em que sua experiência profissional era enorme. Aos doze anos, Ray era já conhecido como rádio-anunciante, e aos quatorze tinha feito uma temporada de verão com o McArthur Summer Theatre, de Vermont. Em temporadas subseqüentes, trabalhara ao lado de estrêlas como Tallulah Bankhead, Lizabeth Scott, e Sarah Churchill. Não admira, pois, que tivesse tanta experiência como ator.

Mas, nesse ano de que falamos, nesse ano de 1951, a marcha da carreira de Ray foi interrompida abruptamente por uma convocação do Exército. Ao contrário de muitos outros jovens atores em busca da fama, Ray não se importou. Teria muito tempo pela vida fora! E foi pensando assim que êle se tornou soldado e passou dois longos anos na infantaria.

Por essa altura, duas coisas muito importantes aconteceram nas vidas — então completamente separadas — de Julie Adams

(Continua na pág. 59)

PRESTÍGIO DOS ESTAMPADOS — NOHADE NACACHE DISPUTARÁ O TÍTULO DE MISS ELEGANTE-BANGU 1955, PELO SÍRIO E LIBANÊS, DO RIO

OS DESFILES BANGU

Como em tôdas as primeiras quinzenas, publicamos neste número mais duas páginas, cheias de modelos, criados pelo figurinista José Ronaldo, para os Desfiles Bangu. São desenhos originais, que muitas das nossas leitoras gostariam de copiar, segundo consultas que temos recebido. Tais consultas podem ser dirigidas sempre a José Ronaldo através da redação de CINELANDIA.

Já com mais de três anos de existência, os Desfiles Bangu continuam despertando cada dia maior interesse por parte da sociedade brasileira. Todo sábado, Ribeiro Martins e José Ronaldo se encontram em algum dos mais finos clubes do norte ao sul do país, dirigindo essas graciosas mostras de feminilidade e de beleza, vestidas de algodão. Os salões sempre cheios, como vemos na foto o do Clube Sírio e Libanês, revelam o entusiasmo pelos Desfiles Bangu. O flagrante foi apanhado quando a senhorinha Lourdes Moreira de Souza exibia um modêlo em popeline estampada, da Bangu, em tons verdes e amarelos e complementos em prêto. Ao microfone, o Sr. Ribeiro Martins.

Nadia Habib, escolhida suplente da representante do Sírio e Libanês, foi um encanto nesse Desfile Bangu, ao exibir êste modêlo que José Ronaldo chama de matinal. O tecido é gabardina azul-marinho, contrastando com luvas brancas. Todo abotoado na frente, com cintos partindo das costuras do lado para trás.

Nohade Nacache foi a vencedora do belo Desfile de Modas Bangu, apresentado pelo Clube Sírio e Libanês, do Rio de Janeiro, e êste foi o seu vestido de baile, suntuosa criação de José Ronaldo em organdi permanente Bangu, azulão. O modêlo é todo plissado em escamas, com aplicação de canutilhos prateados, que também recobrem as alças. A saia termina em farto babado, caindo irregular.

Lourdes Moreira de Souza desfilou com esta impressionante criação de José Ronaldo, para gala, em organdi permanente, prêto no corpo, que é todo em pregas e corte princesa, e no mesmo algodão Bangu, de côr branca, na estola, que, em feitio de capa, apresenta bordados de ramagens verdes e aplicações de buquês de "muguet". Êste é mais um modêlo da deslumbrante coleção desenhada pelo figurinista José Ronaldo, em organdis Bangu.

Modêlo "ballet", em cetim de algodão Bangu, de tonalidade rosa, em grande voga. Busto recoberto de bordados no mesmo tom, de mistura com prateado. A saia em forma de sino apresenta na parte superior pregas largas e horizontais. Sob o busto, um laço. Êste desenho de José Ronaldo foi executado para a senhorinha Nadia Habib.

A atraente representante do Clube Sírio e Libanês, para a disputa do título de Miss Elegante-Bangu 1955, desfilou primeiro com esta elegante criação de José Ronaldo, para cocktail, em gorgorão estampado Bangu. Corpo comprido, decote redondo, e saia em pregas fundas. O estampado é em grandes rosas pálidas, rebordadas, para maior efeito. Acompanha estola no mesmo tecido.

Eis aqui outro gracioso modêlo para gabardina, o algodão ideal para temperaturas incertas, e a chamada "meia-estação". Vestiu êsse elegante "tailleur", no Desfile Bangu do Sírio e Libanês, a senhorinha Terezinha Saba. A côr é preta, com golas brancas. Na cintura, dois botões no mesmo pano. À esquerda, uma jóia quebra a austeridade do prêto. Para reuniões elegantes, serve esta criação de José Ronaldo.

Os estampados da Bangu andam em grande evidência. Este é um fustão, com grandes rosas lilás sôbre fundo areia. O modêlo marca bem o corpo, com saia reta, e decote redondo. Luvas e sapatos em roxo. Quando a senhorinha Yvonne Mussi apareceu com esta criação de José Ronaldo, o público do Sírio e Libanês aplaudiu com entusiasmo.

MEU GRANDE AMOR POR MARILYN

(Conclusão da página 26)

Aquilo tudo me deixava desconcertado, e a entrevista saiu péssima. Mas, em compensação, aquelas duas horas que passei ao lado de Marilyn talvez tenham sido as melhores de tôda a minha vida!

Depois disso passei a encontrar-me frequentemente com Marilyn, nos estúdios, e achava que ela sorria para mim de uma maneira mais afetuosa do que para os outros. Continuava perturbadoramente linda, e aos poucos ia aprendendo os pequeninos truques e segredos das grandes estrêlas.

Certa vez, por exemplo, aproximou-se de minha mesa, no restaurante do estúdio, e almoçou em minha companhia. Depois do almôço, ao levantar-se, pediu-me que observasse sua saia para ver se estava convenientemente justa e provocante, e assim percebi que ela não era mais aquela criança ingênua que eu conhecera alguns meses antes!

Mas eu só vim a conhecer a verdadeira Marilyn um pouco mais tarde, quando ela apareceu em minha casa, certa tarde, simplesmente para visitar-me.

Conversamos algum tempo na varanda, depois entramos, ela sentou-se no tapete, eu preparei uns drinks, liguei o rádio num bom programa de música suave, e Marilyn começou a falar, com sua voz meio-rouca, encantadoramente rouca:

— Eu nunca tive uma casa assim, em tôda a minha vida! Nunca tive um lar que pudesse chamar de meu! Minha mãe morreu quando eu era muito pequena, e sempre vivi em orfanatos ou casas de parentes. Nunca me senti realmente amada por pessoa alguma, nunca pertenci a alguém, ou alguém jamais me pertenceu! É verdade que já fui casada, e por algum tempo pensei que fôsse encontrar, na família de meu marido, os pais que nunca tive. Mas tudo falhou.

— Mais tarde tornei a apaixonar-me, mas o rapaz era muito mais velho do que eu e nosso romance terminou com a sua morte. Eis a história da minha vida!

A noite já entrava por tôdas as janelas, e a única claridade da sala vinha do lampião da rua. Corria um ventinho frio, e resolvi acender o abat-jour.

Marilyn sorriu e resolvemos sair para dar uma volta. Mais tarde, quando ela já estava em seu carro para ir embora, pedi-lhe que esperasse um minuto mais, enquanto eu dava uma corrida até em casa e apanhava um presente para ela que a fêz rir durante muito tempo.

— Mas para que é que serve êste revólver de brinquedo?

— Bem, — disse eu — servirá para você se lembrar da visita que me fêz!

No dia seguinte Marilyn me telefonou, dizendo-me que estava de partida, mas que não queria deixar de contar-me que havia pendurado o meu brinquedo sôbre sua cama, e que o guardaria para sempre.

*

Em pouco tempo Marilyn Monroe tornou-se a estrêla mais comentada dos últimos tempos. Em tôdas as revistas, em quase todos os jornais, liam-se artigos a seu respeito, viam-se retratos seus, e o público começou a querer saber de maiores detalhes sôbre a alucinante loura de Hollywood.

Surgiam calendários com fotografias suas, e entre êles surgiu aquêle que ficou famoso. Interrogada a respeito, Marilyn explicou:

— Certa vez meu carro enguiçou, e um senhor muito simpático logo se aproximou, emprestando-me dinheiro para pagar o conserto. Aceitei e só muito mais tarde consegui juntar o suficiente para pagá-lo. Fui então ao seu estúdio fotográfico, para fazer o pagamento, e lá chegando êle me fêz entrar e tanto êle como sua espôsa insistiram comigo para que posasse para a célebre fotografia, como pagamento da dívida. Eu nunca havia posado inteiramente despida, mas tanto insistiram que acabei cedendo e não me sinto arrependida!

Naquela ocasião eu tinha justamente chegado de Las Vegas, onde a tal foto estava sendo vendida por trinta e cinco dólares cada uma! Contei isto a Marilyn, e ela achou que as fotos não valiam tanto, em sua desconcertante simplicidade.

Passei muito tempo sem ver Marilyn, até que um dia nos encontramos no saguão do hotel de Beverly Hills, no mesmo lugar onde havíamo-nos encontrado pela primeira vez. Ela estava ricamente vestida e vinha saindo de uma festa oferecida em sua homenagem. Ao avistar-me veio sentar-se ao meu lado, e deu-me de presente a placa comemorativa que lhe haviam entregue durante a festa.

— Mas você não me pode dar isto, Marilyn — disse-lhe eu. — É o primeiro prêmio que você recebe!

— Faço questão — respondeu ela. — É em retribuição àquele presente que você me deu quando fui visitá-lo, lembra-se?

Mas, como todos os bons amigos têm que brigar de vez em quando, eu e Marilyn também tivemos a nossa briguinha. Foi pouco depois de ter escrito um artigo sôbre ela, sôbre o fato de ter perdido a mãe ainda muito criança, sendo criada em orfanatos e em casa de parentes, que li uma notícia, em determinado jornal, que tinha sido localizada a mãe de Marilyn Monroe, e a haviam até entrevistado.

Fiquei revoltado, achando que Marilyn havia sido mentirosa comigo, e fui para o telefone indignado.

— Deixe-me explicar tudo — disse Marilyn falando-me do hospital onde havia sido recolhida poucos dias antes.

— Não há explicação possível — respondi. — Fique com suas mentiras, sua fama, e seu sucesso, que você vai dar-se bem!

— De fato eu não conheci minha mãe — disse-me ela já aos soluços. — Ela está internada há muitos anos, e eu tinha vergonha de contar isto aos outros!

— Não seja ridícula! — continuei no mesmo tom de exasperação. — Você já me fêz de palhaço uma vez e não o fará pela segunda vez!

— Por favor, não fique com raiva de mim! Venha visitar-me, Jim!

— Pode ser... — respondi.

— Tenho poucos amigos verdadeiros, e não quero perder um dêles! — disse ela, desarmando-me. — Então... até amanhã?

— Até amanhã! — respondi completamente vencido.

No dia seguinte fui visitá-la, e passei algum tempo ao seu lado, conversando, sem tocar no assunto da véspera. Achei-a abatida, desfigurada, mas nada disso escondia sua beleza e seu jeito atraente de sempre!

Depois daquele dia estive muito poucas vêzes com Marilyn. Soube, pelos jornais, de seus encontros com Joe DiMaggio, e certa vez ela mesma me telefonou para contar as novidades. Infelizmente comecei a perceber, pela sua conversa, que Joe era muito ciumento e queria que não fôssem verdadeiras aquelas notícias que lia, sôbre seu próximo casamento.

*

Como todos sabem, Joe e Marilyn casaram e até hoje não sei qual foi o motivo que os levou à pretoria, pois nunca achei que se amassem.

Talvez Marilyn procurasse nêle um apoio, pois sentia-se numa posição esquerda no estúdio, que acabara de negar-lhe um salário astronômico, pedido pelo seu agente. Mas o fato é que se casaram, fizeram uma tournée pelo Japão e a Coréia, e enquanto isso a publicidade se encarregou de apaziguar os ânimos, no estúdio, pois quando ela voltou foi admitida novamente, mediante um acôrdo amigável.

O tempo ia passando, e Marilyn cada dia se tornava mais comentada, mais famosa. Aparecia sempre sorrindo, nas fotografias, sempre radiante, mas eu sabia que ela andava um tanto apreensiva com sua carreira.

Certa noite, por volta de meia-noite, ela me telefonou para dizer que tinha acabado de assistir à estréia de "Os homens preferem as louras", e que estava horrorizada com seu desempenho no filme.

Foi aquela a última vez que nos falamos pelo telefone. Depois disso, eu soube que ela fôra operada e a vi num programa de televisão, quando deixava o hospital. Estava abatidíssima e fiquei com muita pena de vê-la sair em companhia apenas de uma enfermeira.

Alguns dias depois assisti àquela cena dos repórteres todos agrupados no jardim de sua casa, esperando que ela saísse a qualquer momento. E quando a vi passar, pelo braço de seu advogado, percebi com tristeza que Marilyn não era mais aquela moça alegre e risonha dos outros tempos. A desilusão toldava sua fisionomia.

Há pouco tempo Marilyn conheceu um fotógrafo que se tornou um pouco mais do que isso, em sua vida. Chama-se êle Milton Greene, e Marilyn mostra-se muito sua amiga, dando ocasião a mexericos e boatos. Chegaram mesmo a me dizer que Milton era seu amante, o que eu e muita gente mais, felizmente, não acreditamos, pois Milton Greene é casado, e êle e a espôsa já hospedaram Marilyn Monroe em sua residência de verão. Além disso Marilyn não seria capaz de uma atitude dessas, pois seus fortes princípios morais não o permitiriam.

No entanto Milton tem tido muita influência na vida da minha grande amiga, e uma influência maléfica que poderá arruinar sua carreira. Lançando mão de uma publicidade mal dirigida, Milton força-a a colocar-se em situações ridículas e confusas, como aconteceu recentemente no caso que teve com a 20th Century-Fox.

Primeiro veio a notícia de que ela ia formar uma companhia própria, tendo saído da Fox. Depois a notícia foi desmentida e soube-se que ela continuaria sob contrato ainda durante três anos. Mas quando estive na Fox, recebi uma notícia por escrito afirmando que Marilyn havia sido suspensa, pois o estúdio não havia dado permissão para que ela estrelasse "Os Irmãos Karamazov", de Dostoievski.

Depois de ouvir as duas versões tirei minhas próprias conclusões. Acho que isso tudo é motivado pelo mêdo que tem Marilyn de fracassar, mêdo êste que constitui um obstáculo para o seu sucesso, apesar de ter-se estado tratando com um psiquiatra durante dois anos.

*

Olhando para o passado, e recordando os diversos capítulos da vida de Marilyn, é muito difícil tirar uma conclusão acertada sôbre seu temperamento e sua personalidade.

Logo que ela se divorciou de DiMaggio, por exemplo, recebi um telefonema de um amigo que me dizia:

— Ontem Marilyn divorciou-se de DiMaggio, mas onde é que você acha que ela esteve na noite de anteontem?

— Escondida — respondi.

— Pois engana-se — disse êle. — Ela estava no apartamento de Frank Sinatra, em companhia de DiMaggio!

Fiquei sem ter o que responder, sem saber onde estava a verdade.

Atualmente seu lugar, no firmamento de Hollywood, é dos mais invejáveis. É conhecida e admirada pelo mundo inteiro, suas roupas modestas de menina asilada foram substituídas por sedas e peles, a comida sem gôsto dos orfanatos foi substituída por champagne e caviar.

Aquela mocinha que me dizia, há alguns anos passados, que nunca tivera uma casa sua, agora pode comprar quantas quiser. A jovem desiludida que nunca se sentira amada por ninguém, agora é disputada nas festas a que comparece.

Mas o sucesso de Marilyn tem qualquer coisa de trágico, de triste, pois, apesar de sua história se parecer com a da Gata Borralheira, ela nunca se sentirá segura de si mesma, de seu sucesso, de ter encontrado um Sapatinho de Vidro que se ajuste perfeitamente ao seu pé...

—— FIM ——

4 ROMANCES

(Conclusão da página 48)

amigos, já não é às dúzias, e a atmosfera da casa passou de frenética a tranqüila. Seus gastos agora são equilibrados, e a pedido dela, cuida mais de si e da sua saúde.

Como acontece em todos os casamentos dignos dêsse nome, Patti e Jerry, em vez de se separarem, unem-se cada vez mais, com o correr dos anos. — "Choramos sempre juntos" — disse Jerry, uma vez. — "Acho que é por isso que somos tão felizes". — O glamor de Hollywood não interessa a Patti. O lar é o seu reino. Se, por acaso, Jerry volta do trabalho e não a encontra em casa, fica com o ar perfeito de um cachorrinho perdido. Êle adora Patti por tudo — mas principalmente por ter criado, dentro de um mundo inquieto e complexo, um recanto de paz para aquêles a quem ama.

—— F I M ——

A HISTÓRIA DE RORY

(Conclusão da página 36)

ção satisfatória para o fato. O mais provável, porém, é que sentia um prazer íntimo em burlar o sistema de alarme contra ladrões, instalado no mercado, cujo mecanismo de funcionamento vira, certa vez, exposto nas páginas de uma revista de utilidades domésticas. A polícia se viu então às tontas, acreditando mesmo tratar-se de uma quadrilha responsável pelos assaltos. Rory tinha o cuidado de não correr nas ruas com embrulhos debaixo do braço. Fazia tudo com calma e naturalidade. Não obstante, tinha ainda 13 anos quando foi prêso pela primeira vez, saltando a janela de um segundo pavimento com um revólver roubado na mão. Isto lhe valeu também a sua primeira entrada no Reformatório Whittier de Rapazes, de onde conseguiu evadir-se três vêzes, chegando a alcançar, na última fuga, Wichita, em Kansas, onde foi recapturado, depois de ter roubado dinheiro para comprar passagem num ônibus e escapar para mais longe.

Em vista disso foi transferido para o Reformatório Industrial Preston, moldado nas bases da disciplina militar, tendo conseguido liberdade condicional depois de vinte e dois meses de reclusão. Por essa época sua mãe já havia contraído novo casamento e a família voltara a residir em Santa Cruz, para onde êle também retornou. Passou então a interessar-se pelo roubo de automóveis. Não sabia dirigir, mas um colega o ensinou, e Rory soube aproveitar-se do descuido que muita gente tem de deixar a chave no carro. Resultado: nova prisão e retôrno ao Reformatório Preston, tachado como ladrão de automóveis. As autoridades então redobraram a vigilância em volta do rapaz, embora permitindo que êle frequentasse as aulas de um colégio noturno. Ali, Rory percebeu que as barras da janela estavam mal prêsas no rebôco da parede, e certa noite conseguiu arrancá-las, saltando depois para o pátio, em companhia de um colega. Tinha então 17 anos de idade. Planejaram refugiar-se nas montanhas da Serra Nevada, mas antes assaltaram uma mercearia para conseguir provisões de bôca. O comerciante, porém, encostou uma pistola contra o estômago de Rory, mas êste conseguiu fugir num carro roubado em direção a Yosemite. A neve, entretanto, tornou-se mais espêssa e obrigou-o a voltar a San Franicsco. Atirou então nas águas da baía o revólver roubado ao sentinela do reformatório, e que ainda tinha em seu poder, o que, por sinal, originou uma altercação com seu companheiro de fuga, o qual era de opinião que deveriam conservar a arma. Roubaram um novo carro e partiram desta vez para Salt Lake City. Estavam nessa cidade, no interior de uma joalheria, arrecadando relógios e diamantes, quando a polícia bateu à porta da frente. Rory mandou o companheiro fugir, enquanto êle próprio era prêso. Agora as coisas estavam bem piores para êle. Entre outras façanhas, já havia transportado um carro roubado além da linha divisória da fronteira estadual, crime êsse suficiente para condenar alguém a vinte anos em San Quentin Era uma violação à lei federal. Diante disso, Rory só viu um recurso para escapar à extradição para a Califórnia: pediu a presença de um agente do FBI e contou-lhe tôda a sua história, sendo então remetido para o Reformatório Federal El Reno, em Oklahoma, onde permaneceu exatamente durante três anos, três meses e quatro dias.

Essa foi uma fase decisiva na vida do rapaz. Já estava há 19 meses no reformatório e seu comportamento era bom, exceto por algumas brigas. Os companheiros prevaleciam-se de sua aparência juvenil e davam-lhe trancos e empurrões, do que êle absolutamente não gostava, sendo obrigado a defender-se. Nem sempre vencia, mas mostrava que possuía bons punhos. Poderia ter conseguido a liberdade de El Reno depois de ter servido metade da pena, mas preferiu ir até ao fim, para não ser obrigado a seguir logo depois para a Califórnia e começar a cumprir a nova pena de vinte anos. Por meio de sucessivas cartas tentou refutar e defender-se das acusações que sôbre êle pesavam, mas sem sucesso. Encarando então a iminente ameaça de vinte anos de cadeia pela frente, vislumbrou uma única solução para o caso: fugir. E começou então a planejar um meio de alcançar determinada área industrial do reformatório, onde não existia vigilância durante a noite. Para tanto, seria necessário abrir um túnel e depois subir por uma chaminé, o que exigiria a cooperação de mais alguém, pois era preciso também serrar a barra da entrada da chaminé. Pediu a ajuda de um colega que prometeu fazê-lo, mas na verdade o denunciou ao diretor. Rory foi prêso, mas hoje agradece à própria sorte não ter fugido naquela noite.

Mais uma vez as autoridades decidiram transferi-lo para outro lugar, desta vez a Penitenciária Federal de Springfield, no Missouri, onde tinham esperanças de que êle acabaria se regenerando ou morrendo de uma vez, pois para lá era enviada a maioria dos menores decididamente rebeldes ao regulamento dos demais estabelecimentos correcionais. Aguardou a remoção recolhido na solitária. Tinha apenas 19 anos de idade. Em El Reno, Rory havia frequentado aulas de catecismo, onde conheceu o Padre Kanaly, que foi visitá-lo antes de êle seguir para Springfield. A uma pergunta do sacerdote, Rory respondeu que continuaria fazendo novas tentativas de fuga. O padre fez-lhe ver que acabaria morrendo, mas o rapaz achou que isto seria natural para quem já tinha vivido vinte anos. Finalmente, o Padre Kanaly proferiu uma frase que tocou-lhe profundamente a sensibilidade, e da qual jamais se esqueceria: "Não existe fuga, meu filho, senão através da Graça de Deus". E êle que jamais prometera coisa alguma a alguém, deu naquele momento sua palavra ao religioso de que não tentaria nova fuga nem molestaria o guarda que iria conduzi-lo a Springfiled. Esta é outra coisa que Rory não sabe também como explicar. Durante a viagem o policial cochilou no banco do trem, mas Rory o despertou e disse-lhe: "Quando voltar a El Reno diga ao Padre Kanaly que êle lhe salvou a vida."

Em Springfield permaneceu durante um ano trancafiado na solitária, pagando, pela primeira vez na vida, por um crime que realmente não havia cometido. Existia no teto das celas, separando-as, ventiladores, o que permitia aos reclusos ouvirem a voz dos companheiros. Certa vez, o ocupante da cela superior à de Rory pediu-lhe para ensiná-lo a atirar um gancho com a mão esquerda. Era difícil a explicação em semelhantes circunstâncias, mas cinco meses depois, fazendo exercício no pátio, Rory avistou o colega e satisfez-lhe o pedido. O outro tentou então lançar o gancho nas barras da janela, quebrando na tentativa um copo. Rory foi prêso, acusado de ter induzido o rapaz à fuga, e recebeu como castigo a pena de um ano na solitária. Ali os dias eram todos iguais. Alimentavam-no e deixavam-no banhar-se regularmente.

O rapaz aproveitou-se da solidão para exercitar o físico, o que era também uma distração para o espírito. Em certa ocasião houve tumulto no interior da solitária. Rory caiu estendido no chão, no momento em que outro companheiro dava um salto de cima da cama e caia-lhe pesadamente sôbre o estômago, fazendo-o perder os sentidos. Três meses antes de finalizar a pena, soube que já haviam caído as acusações contra êle na Califórnia, fato êsse que êle julga estar ligado à ação caridosa e humana do Padre Kanaly. Voltou então para a Califórnia e passou a trilhar o caminho do bem. Durante as fases atribuladas de sua vida, Rory sempre assumiu a responsabilidade dos seus atos e soube enfrentar com bravura o que lhe advinha dos erros praticados.

Ao sair para a liberdade, Rory dirigiu-se para San José e ali trabalhou num cemitério, transferindo-se depois para um acampamento de madeireiros onde abateu grossos troncos, tornando-se depois guarda florestal incumbido de extinguir incêndios, onde obteve duas promoções em três meses. Foi então a Los Angeles e depositou nas mãos da avó, que considerava seu banco, cêrca de mil e duzentos dólares de economias. Cavalgando certa vez pelas montanhas encontrou alguém e com êle entabulou conversa. Êsse alguém era Alan Ladd que o convidou a jantar em sua casa e o apresentou a Sue Carol, sua espôsa. O casal o persuadiu a tentar um teste no cinema, e acabou conseguindo um contrato para êle na 20th, Century-Fox. E nesse ponto teve início uma outra história na vida de Rory Calhoun, ficando para trás o seu passado criminal.

— FIM —

NENHUM DOS DOIS QUERIA

(Continuação da página 55)

e Ray Danton. Julie casou, e Ray foi parar ao hospital militar de Fort Benning, na Georgia, com a perna direita engessada devido a um acidente futebolístico.

Foi numa das enfermarias do hospital que Ray viu pela primeira vez Júlie Adams. Mas não pensem que em pessoa. Simplesmente no hospital passaram o filme "Aventureiro do Mississippi" e Ray teve o prazer de ver na tela, pela primeira vez, a beleza e o encanto de Julie. E, como "leading-lady" de Tyrone Power — com quem Ray tinha trabalhado em "Mister Roberts", Julie provara ser boa atriz.

Depois do filme, houve a habitual troca de opiniões. Enquanto seus colegas de enfermaria discutiam acaloradamente os encantos de Miss Adams, Ray ouvia calado, pensando como seria bom representar alguma vez com uma atriz tão bonita e sensata.

Depois os rapazes quiseram saber que tal era Tyrone Power pessoalmente: — Bem, não sei de que modo vocês encaram os atores — começou Ray — mas eu acho que Ty é uma pessoa muito educada e de caráter. Nunca assume poses de grande astro, e a gente aprende muito, trabalhando com êle!

E Ray contou a seus colegas que, entre outras coisas, Ty lhe tinha ensinado a ter a humildade necessária a todo o verdadeiro ator, e a adquirir o poder da concentração: — Não há nada como trabalhar com veteranos! — terminou êle.

Se Ray aprendeu com Tyrone Power a ser humilde e a concentrar-se, também o Exército lhe ensinou alguma coisa: — Aprendi a pensar também nos problemas dos outros — conta êle. E êsse foi um dos motivos por que Ray prestou ainda mais atenção em Julie Adams, da segunda vez que a viu na tela.

— O filme era horrível — recorda êle. — Uma fitinha qualquer de "farwest". Agora, que estou metido na indústria, compreendo que nem todos os filmes podem sair bons. Há ocasiões em que todo o mundo se esforça por produzir uma boa fita, e mesmo assim o resultado é desastroso. Mas, quando vi o filme, lembro-me de que fiquei furioso. Fiquei com uma pena enorme de Julie, e furioso por terem-na desperdiçado numa droga daquelas. Nem parecia a mesma atriz de "Aventureiro do Mississippi"! Pensei cá para mim que gostaria de discutir com ela os altos e baixos da profissão. Mas, juro, não me passou pela cabeça ter um romance com ela.

Nos dois anos que precederam o encontro dos dois em Hollywood, vários acontecimentos fizeram com que a recente união de suas vidas se tornasse possível. Antes de mais nada, o casamento de Julie com um escritor resultou num fracasso. Ray Danton, que não tinha sabido do casamento, ignorava também que Julie se tivesse divorciado. O trabalho na televisão, em Nova York, absorvia-lhe todo o tempo e tôdas as preocupações. Chegara mesmo a recusar diversos contratos para o cinema, por não lhe parecerem tão compensadores quanto a televisão.

Foi então que a Universal-International começou a pensar em filmar "Six Bridges To Cross", Que tal contratar um ator completamente desconhecido para o papel principal? (Papel que acabou sendo desempenhado por Tony Curtis). Os caçadores de talentos entraram em ação e trouxeram a resposta de que Ray Danton era, sem dúvida, o mais indicado. Além de ter um belo físico, possuia muita experiência como ator de rádio e de televisão.

O estúdio entrou em contato com Ray, e, dessa vez, êle concordou em que o papel bem valia uma viagem a Hollywood, e os testes cinematográficos. Só o preocupava o futuro. Nem por um segundo lhe passou pela cabeça que, em Hollywood — e ainda mais na Universal — poderia, enfim, ter oportunidade de conhecer pessoalmente Julie Adams.

Por coincidência, no avião que Ray tomou, viajava também Jack Palance, ator igualmente descoberto na televisão, e que, dois anos atrás, estreara no cinema com enorme sucesso. Jack e Ray passaram o tempo todo conversando e bebendo champagne, sem pregar ôlho tôda a noite (o vôo era noturno). Quando o avião aterrissou em Los Angeles, Ray estava com a barba por fazer e com uma terrível dor de cabeça.

Foi precisamente na tarde dêsse dia — depois de Ray ter tirado dezenas de fotografias e de ter estudado as frases de uma

(Conclui na pág. 62)

Dê novo fascínio à sua pele!

Rejuvenesça o seu rosto fazendo a revigorante

* Massagem de Beleza

com a ação medicinal do

LEITE DE COLONIA

Sua cútis pode ter um novo e saudável encanto! Basta um simples cuidado diário... uma revigorante "massagem de beleza" com Leite de Colonia, pela manhã e à noite. De penetrante e rejuvenescedora ação medicinal, Leite de Colonia tonifica os tecidos de sua pele, limpando profundamente os poros. Assim, Leite de Colonia é sempre necessário para remover a maquilagem e cremes usados, seja qual fôr o seu tratamento de beleza. E com Leite de Colonia, você não precisará mais apelar para a maquilagem excessiva a-fim-de encobrir manchas, sardas, espinhas... pouco a pouco essas imperfeições irão desaparecendo. A delicadeza de sua cútis precisa da benéfica proteção do Leite de Colonia. Mas cuidado... ao comprar, lembre-se: só existe *um* Leite de Colonia!

* ***É o tratamento de beleza mais simples e econômico!***

Molhe o seu rosto com bastante água. Sem enxugá-lo, friccione algodão embebido de Leite de Colonia, em movimentos circulares de baixo para cima. É o quanto basta!

Insista com

Leite de Colonia

É preparado pelo médico Dr. Arthur Studart

1.121
Charles A. Ullmann

PARA A SUA Beleza

O MAQUILLAGE ESPECIAL PARA OCASIÕES ESPECIAIS

Você não costuma usar muito maquillage, como aliás é aconselhável, mas, quando uma festa importante se aproxima — e surge a oportunidade de conhecer alguns rapazes bonitos, chega a ocasião de usar um maquillage bem feito, para tornar-se a rainha da festa.

Use então qualquer creme para servir de base, antes de aplicar o resto do maquillage. Espalhe a base sôbre a pele limpa e sêca.

Lembre-se de que a principal função do maquillage é dar à pele tons naturais, esconder falhas, e enfatizar certos traços pessoais: a bôca e os olhos. Use a base cuidadosamente, espalhando-a pelo rosto, pescoço e orelhas.

Trace depois a linha dos olhos: Use um lápis macio e passe-o sòmente na pálpebra superior, seguindo a linha dos cílios. Cuidadosamente remova qualquer excesso do lápis.

A linha dos olhos não é usada como rimel ou em lugar da sombra. Sua função é dar um aspecto mais denso às pestanas. Use um lápis da mesma côr dos cílios, para dar maior efeito.

O lápis para as sobrancelhas deve ser da mesma côr do cabelo. Use um lápis tipo pincel, com pelos, para dar um efeito natural.

Depois, pinte a bôca. Faça o contôrno da bôca com um bom pincel, e pinte com o baton a parte dos lábios, tomando cuidado para não manchar os dentes.

Use rouge para modelar o contôrno da face, bem como para avivar a côr da pele. Aplique o rouge cuidadosamente, nas maçãs do rosto, se quiser que estas não fiquem muito salientes. Se quiser que elas se tornem mais proeminentes, aplique o rouge em tôrno das maçãs.

Aplique a sombra para os olhos, se quiser, na pálpebra superior, sòmente, começando a pintura da borda interna da sobrancelha.

Coloque um pouco de pó de arroz, ou então pressione-o com uma esponja macia. Retire o excesso com uma bola de algodão ou então com uma escôva de pelos macios.

O rimel é aplicado após ter feito todo o maquillage. Use pouco e coloque-o sò mente nas pestanas superiores. Passe, ràpidamente, uma escôva nas pestanas para fazê-las curvar.

A linda Jarma Lewis, estrelinha da Metro, aplica o rimel nos seus belos olhos.

NENHUM DOS DOIS QUERIA

(Conclusão da página 59)

determinada cena, que os caminhos de Ray Danton e Julie Adams finalmente se encontraram. Julie tinha-se oferecido para ajudar nos testes.

Ray olhou para a beleza de Julie, ali, em carne e osso, à sua frente, e sentiu-se subitamente "flechado". Mas a única coisa que disse foi: — Como vai, Miss Adams? E' um prazer conhecê-la, porque sempre admirei o seu trabalho.

— Obrigada! — respondeu Julie, com um sorriso. Para ela, Ray era apenas mais um ator novato tentando a sorte em Hollywood.

O teste demorou duas horas. Quando vocês virem "Six Bridges To Cross", reparem na cena em que Julie vai visitar Tony Curtis na prisão (foi essa a cena que ela fêz com Ray no teste). Quanto a Ray, esqueceu a dor de cabeça, esqueceu que estava nervoso, esqueceú que estava fazendo um teste. Olhou para o belo rosto de Julie e representou como se de fato estivesse vivendo o papel.

Não será preciso dizer que o teste foi um sucesso. Se, por diversas razões, o papel no fim foi parar nas mãos de Tony Curtis, em compensação Ray foi contratado pela Universal e imediatamente escalado para trabalhar em outro filme.

Até então, a atitude de Ray para com o sexo frágil tinha sido igual à de muitos outros jovens a caminho da fama: sair com bonitas moças, mas evitar por todos os meios ser "amarrado". Mal conheceu Julie, porém, sua situação passou de perseguido pelas pequenas a perseguidor de uma pequena encantadora.

Trabalhando no mesmo estúdio, os dois se viam a todo o momento: a caminho do restaurante, atravessando corredores, dirigindo-se para os respectivos sets, etc., Ray sabia que a atitude de Julie para com o sexo masculino era reservada e quase fria. Sabia que ela era divorciada e que não estava pensando em romances. Mesmo assim, fêz saber aos amigos dela que gostaria de convidá-la a sair com êle... Nada de resposta.

Ray teve, então, de partir para South Dakota, a fim de filmar "Chief Crazy Horse" ao lado de Victor Mature e Suzan Ball. Lá, em meio a uma cena em que êle cavalgava um "pony" índio, o cavalo, ainda não completamente domado, recusou-se a saltar uma cêrca e lançou o rapaz sôbre um monte de pedras. Ray levantou-se, voltou a montar e repetiu a cena, mesmo sentindo uma dor intensa no pulso.

Algumas semanas mais tarde, já de volta ao estúdio, Ray encontrou Julie, que o aconselhou a tirar uma radiografia do pulso machucado. Ray seguiu o conselho e ficou sabendo que tinha fraturado o pulso em diversos lugares. Escalado para fazer um papel bastante importante em "The Looters", desempenhou tôdas as suas cenas com a mão engessada cuidadosamente escondida. Mas Julie nem por isso mostrava maior interêsse por êle, até que um dia, ao entrar no restaurante do estúdio e ver todos os lugares ocupados, ela resolveu sentar-se à mesa onde Ray e Mara Corday almoçavam. Mr. Danton não podia deixar escapar tão preciosa oportunidade, e perguntou-lhe logo se poderia telefonar-lhe: — Está bem — respondeu Julie. — Telefone uma noite destas.

— Combinado! Qual é o seu telefone?

Em vez de responder, Julie levantou-se da mesa: — Estou muito atrasada. Desculpe, mas não lhe posso dar agora o número do meu telefone.

Ray perdeu a paciência. Procurou no fichário do estúdio o telefone dela, e telefonou-lhe mal chegou em casa: — Escute! Você não acha que já basta de desculpas? Que tal sairmos juntos esta noite?

Sairam. Ray levou Julie a ver "Porgy And Bess", e a seguir jantaram no famoso "Tail O'The Cock". Depois disso, Ray, que nunca em sua vida tinha andado atrás de nenhuma moça, não parou mais.

— Francamente, Julie às vêzes irritava-me — diz êle agora. — Saía comigo uma noite e passava três ou quatro "muito ocupada". Eu não entendia aquilo, porque tinha a impressão de que ela gostava de mim. Vocês sabem, a gente sente quando é amado. Para convencê-la, levava-a a visitar todos os meus amigos bem casados, como os Jack Lemmons, por exemplo. Mandava-lhe flôres, comprava-lhe discos dos seus compositores prediletos. Até que um dia tudo se decidiu. Tínhamos combinado sair numa sexta-feira à noite. Na quinta, o estúdio avisou-me de que na manhã do dia seguinte eu teria de partir para filmar umas cenas no Colorado. Telefonei imediatamente para Julie, para dizer-lhe que não poderíamos mais sair na sexta-feira.

— Eu sei, — disse ela — eu sei que você vai viajar. E se nós saíssemos esta noite?

— Acusei-a de me ter mentido, de me ter dito que na quinta-feira tinha outro compromisso. E Julie então confessou que evitava sair muito comigo porque sentia que se estava apaixonando por mim, e receava isso. Era só o que eu precisava ouvir. Minha persistência tinha dado resultado!

A 20 de fevereiro dêste ano, Ray Danton e Julie Adams tornavam-se marido e mulher numa simples cerimônia realizada na Igreja Presbiteriana de Santa Bárbara, na Califórnia. Como quase sempre acontece quando os casamentos entre artistas se realizam discretamente, a imprensa de Hollywood fêz com que a união parecesse motivada por um amor impulsivo. Julie e Ray, ao contrário, até hoje acham que estavam, desde que nasceram, destinados um ao outro.

Lua de mel foi coisa que não houve: os dois tiveram de ir trabalhar logo no dia seguinte ao casamento. Mas nenhum dêles se importou. Tanto Ray quanto Julie acham que a lua de mel é apenas um período em que se convencionou proporcionar aos recém-casados um pouco de despreocupação, antes de entrarem no que se chama de "vida séria".

— Mas nós não precisamos disso — diz Ray. — Nós não achamos que a vida seja tão séria assim: pelo contrário, é maravilhosa! Julie e eu estamos contentíssimos com o nosso apartamento. Fica situado no alto de uma colina, e dêle se avista todo o vale de San Fernando. Julie deixou-me escolher os móveis, que são sólidos e sóbrios, tipicamente ao gôsto masculino. O toque feminino, deu-o ela, por meio de cortinas, côres harmoniosamente combinadas, tapetes e adornos. Julie não só modificou o ambiente do nosso lar, como também, de certa maneira, me modificou a mim, com a sua grande bondade e a sua enorme ternura.

— Mas Julie também mudou. Antes de nos casarmos, a carreira era para ela tôda a sua vida, já que dela dependia o seu sustento. Agora, o ordenado que Julie recebe vai todo para o banco, para a conta que temos em conjunto, como reserva para os filhos que esperamos ter. Agora ela já não trabalha por necessidade, mas simplesmente para satisfazer à sua vocação artística. E, francamente, acho que ambos melhoramos como artistas, desde o nosso casamento. Julie, pelo menos, está ótima em "Away All Boats", ao lado de George Nader. Quanto a mim, podem ver se melhorei ou não, em "The Spoilers" (com Jeff Chandler e Rory Calhoun) e em "I'll Cry Tomorrow", para a Metro. Em todo o caso, estou fazendo o possível por progredir sempre, e por aprender o máximo que possa, já que a minha ambição é chegar um dia a diretor.

Aos jovens enamorados que estão pensando em casar, Julie e Ray Danton dedicam esta mensagem: — O casamento depende muito de cada um dos seus componentes. Se ambos forem individualmente fortes, o casamento será forçosamente sólido. Mas a melhor base para uma união feliz é a franqueza, a sinceridade, a honestidade entre marido e mulher.

E aqui termina a história dos acontecimentos com que o Destino aproximou Ray Danton e Julie Adams e os transformou num dos mais jovens e felizes casais de Hollywood.

—— F I M ——

PAPAI CALOURO

(Conclusão da página 41)

— Sheilah é formidável! — disse-me Guy, em meio a nossa conversa. — Tem um gênio ótimo, é esportiva, bonita, sabe cuidar da casa, e, o que considero o mais importante, dá-se bem com qualquer pessoa, mesmo com seus colegas de trabalho e seus superiores.

Guy Madison tem uma filosofia própria, para manter seu casamento feliz, no mundo perigoso do cinema.

— Acho que as coisas só dão certo quando os dois cônjuges se concentram apenas na carreira de um dêles — costuma êle dizer. — Essa história dos dois se concentrarem e se dedicarem a duas carreiras, não dá certo!

— Minha espôsa, por exemplo, casou comigo, que sou um artista de cinema: duas pessoas dedicadas a uma só carreira! O cinema é uma carreira dura e leva-se muito tempo para se conseguir subir. E, se marido e mulher procuram conseguir a mesma coisa, não lhes sobrará tempo para mais nada. E' preciso sempre haver um chefe, um cabeça. Duas pessoas não podem organizar coisa alguma, mandando as duas ao mesmo tempo. Por isso fico muito contente porque minha espôsa não trabalha mais no cinema. Mas isso não quer dizer que, se algum dia ela desejar voltar às telas, eu me aborreça.

Sheilah, por sua vez, está muito compenetrada do seu papel de espôsa e mãe, e sente-se perfeitamente feliz assim. A nova casa dos Madisons ficou pronta em julho, para receber o bebê. E' uma casa em estilo colonial americano de um andar só, não muito grande.

De volta ao hotel, hora do jantar, continuei a conversar com os Madisons, que, de mãos dadas, continuavam a falar-me sôbre a nova casa.

— Há uma lareira em cada cômodo, e um banheiro privativo no quarto principal. E um ao lado do quarto do bebê também! — concluiu Sheilah.

— Pretendo instalar uma pequena oficina, na garagem, para fazer as minhas flechas, — disse Guy. — A casa tem uma piscina, um grande gramado cercado de canteiros de gerânios e roseiras. E mais tarde tenho idéia de construir um salão para projetar filmes de 16 milímetros.

Nos planos para o futuro, o casal também inclui uma viagem à África, para uma caçada, o que se dará provàvelmente em outubro de 1956, em companhia de Howard Hill, o maior atirador de flechas do mundo, com quem Guy aprendeu êsse esporte.

— Pretendo levar Sheilah e Bridget, nesta viagem — contou-me êle. — Sheilah gosta muito de esporte, e antes de nos casarmos fizemos uma pescaria juntos, na qual Sheilah pescou os maiores peixes, sem nunca ter aprendido.

Depois do casamento Guy ensinou a espôsa a jogar golfe, e colocou o arco e as flechas em suas mãos. E, se êsse interêsse comum pelos esportes não fôsse suficiente para prender um marido, Sheilah o prenderia pela bôca, isto é, pelos quitutes que tão bem sabe preparar.

— Aprendi a cozinhar na Irlanda, — contou Sheilah. — Guy também é um ótimo cozinheiro, e foi êle quem me ensinou a fazer pão-de-milho. Êle gosta muito de comer pato bravo, principalmente quando é êle próprio quem o caça e o prepara.

Quando Guy Madison chega de alguma caçada, costuma convidar os amigos mais íntimos para saborearem juntos as caças que prepara muitíssimo bem.

Sheilah costuma dizer que nunca brigam, quando cozinham, pois adotam a seguinte política: quando um está cozinhando, o outro sai da cozinha.

Guy e Sheilah vivem-se presenteando e procuram pretextos para trocarem presentes.

— Dei um álbum de fotografias a êle, — explicou-me Sheilah — porque Guy tem mania de fotografias e sabe tirá-las com perfeição.

Guy, por sua vez, presenteou recentemente a espôsa com uma linda pulseira de ouro e um elegantíssimo "manteau" de tafetá prêto.

— Êle tem muito gôsto para comprar artigos femininos, — disse-me Sheilah.

Guy Madison, na verdade, é uma pessoa pouco comunicativa, a não ser com seus amigos mais íntimos, e isso talvez seja devido à mistura de raças que formou sua família, pois é descendente de índios, escocêses, inglêses, irlandêses, e alemães.

Mas não seria necessário que êle fôsse comunicativo para que todos ficassem sabendo que é um homem feliz, que ama sua espôsa e adora a filhinha que ganhou recentemente.

E' certo que êste casal será igual àqueles das histórias de príncipes encantados que terminavam sempre assim: "...e foram muito felizes!"

—— F I M ——

Cantando no Chuveiro

Alguns grandes sucessos musicais do presente e do passado

FANNY

Letra e música de Harold Rome.

Only you, long as I may live,
Fanny, Fanny, Fanny.
You, long as I may live,
Fanny, If I could love,
That's what I would say.
But my heart isn't mine to give,
Fanny, Fanny, Fanny.
No, no, not mine to give,
Fanny, for it is gone, given long awaya.
To the sea, my one love
In her gray green clothes,
Deep with wonders beyond the shore;
To the isles neath the winds.
Where the spice wood grows.
I must know them all, or sleep no more!
Here's a boy with no heart to give,
Fanny, Fanny, Fanny.
Not worth one tear you'll cry,
Fanny, oh, Fanny, goodbye!

CHOTE MIUDINHO

Chote de Zé Dantas e Luiz Gonzaga.

Num forró, fui dançá o miudinho
Mas Chico Quelemente me
chamou logo a atenção:

"Cabra, tome jeito
Ou você dança direito
Cum Maria minha fia,
Ou lhe expulso do salão".
Mas eu que sou decente
Num sou de traficança
Mostrei pró Quelemente
Que a culpa era da dança
Ontonces Quelemente
Com todo seu pulmão
Gritou pró sanfoneiro:
"Home, toque um baião".
Danou-se
Com essa nova dança
A festa ficou mansa
Todo mundo calmo
Acabou-se as discussão
Porém o Quelemente
Encheu a cara de vinho
E lá prá meia-noite
Só pedia o miudinho,
Era o próprio Quelemente
Que pedia o miudinho
Dançando agarradinho
Pedia com carinho
Mi-miudinho, mi
Miudinho, mi
Miudinho, mi
Miudinho.

Dançando agarradinho
Fucinho com fucinho
Quelemente só queria
Só dançava se tocasse
O tal do mi,
O miudinho, miudinho
Eu quero mi,
O miudinho, miudinho.

SUMMERTIME

(De George Gershwin)

Summertime an' the livin'is easy
Fish are jumpin' an' the cotton is high
Oh, yo! Daddy's rich and yo! ma is good-
[lookin

So hush, little baby don't you cry
One of these mornin's you're goin'to rise up
[singin'
Then you'll spread winds and you will take
[to the sky

But till that mornin' there's nothin
Can harm you with daddy an' mammy
[standi'by.

LOVE

De Hugh Martin e Ralph Blane.

Love can be a miment's madness
Love can be insane.
Love can be a life of sadness and pain
Love can be a summer shower,
Love can be the sun,
Love can be two hearts that flower one.
It can be fine and free
But that shrine is not so very easy to find.
Love can be a dying ember
Love can be a flame...
Love lights in September
May be dead in December.
You may not even remember It came
Love can be a joy forever
Or an empty name
Love it's almost never, ever the same.

FITA MEUS OLHOS

Samba-canção de Peterpan.

Pobre de quem
Vive assim como eu neste mundo
Obrigada a guardar em segrêdo
Um amor tão profundo
Tenho receio
De ouvir meu amor dizer não
Pois assim sem saber a certeza
Resta ainda a ilusão
Queres saber
Quem me faz viver triste assim
Queres saber
Quem eu gosto e não gosta de mim
Como eu quero
À quem só me maltrata
Como é sincero
Êste amor que me mata
Fita meus olhos
E procura me compreender
E se não compreenderes enfim
Só me resta morrer

Terna e envolvente como uma jura de amor...

Voz do Violão

Colônia
VALERY
nas fragrâncias adoráveis
JURAMENTO
QUANDO TE ENCONTREI
FLOR DE PÊSSEGO
DUAS ALMAS

O PASSADO E O FUTURO

(Continuação da página 36)

— Bem, — insistiu o repórter — já que você não tem nada a declarar, a história será publicada de qualquer maneira!

Depois de desligar o telefone compreendi que aquela situação poderia ser gravemente prejudicial para mim, e resolvi procurar minha grande amiga Hedda Hopper, pedindo-lhe que escrevesse a minha história. Queria que meus fans soubessem logo de tudo, da verdade, sem o veneno do escândalo.

Depois do caso passado, Lita e eu nos sentimos aliviados, quase contentes por ter sido publicada a história do meu passado, pois isso era um pêso terrível que carregávamos em silêncio. Durante anos e anos vivemos em constante tensão nervosa, tentando adivinhar como e quando isso tudo viria a furo.

Houve uma ocasião em que meu estúdio, a Universal-Internacional, discutiu a possibilidade de revelar a minha história num programa de televisão, intitulado "A Nossa Vida é Assim". Seria um exemplo para a mocidade americana, e uma esperança para os jovens delinqüentes. Mas a idéia foi logo afastada sob a alegação de que "águas passadas não movem moinhos".

Atualmente que o caso já é do domínio público, estou livre dos chantagistas que me telefonavam constantemente, fazendo-me ameaças e procurando extorquir-me dinheiro. Muitas vêzes eram homens que já haviam cumprido pena e que, conhecedores de minha ficha, procuravam fazer chantagem.

Eu costumava responder que a minha história passada era do conhecimento das pessoas mais diretamente ligadas a mim, isto é, de minha espôsa, da direção do estúdio, e de alguns amigos mais íntimos, e que eu não pretendia gastar dinheiro com chantagistas, fôssem quais fôssem as conseqüências. Muitas vêzes me via forçado a ir ao encontro dessas pessoas, tentando convencê-las pessoalmente a não prosseguirem em suas ameaças.

Quando finalmente estourou a bomba, confesso que tive um choque. Ninguém pode gostar de ver seus erros publicados numa revista, e minha primeira reação foi sentir-me profundamente envergonhado, por mim e pela minha família.

E' verdade que minha espôsa e meus pais já sabiam de tudo, tendo guardado absoluta reserva durante muitos anos, mas eu não me podia conformar de sabê-los assediados por vizinhos e pessoas indiscretas que, nessas ocasiões, nunca faltam.

Não posso dizer que tivesse sentimento de culpa, pois já havia cumprido minha pena e o tempo já se tinha encarregado do resto. Mas ninguém imagina como é doloroso para mim falar neste assunto, reviver aquela época tão triste da minha vida. Não sei explicar como cheguei àquele extremo, e só me lembro de ter sido um adolescente rebelde, filho único, criado sob a depressão que trouxeram os anos de 1930, 31, 32, etc. Mas posso dizer que soube tirar partido da minha desventura, pois saí da prisão com uma noção de valores bem diferente da que possuía, com maior capacidade de apreciar a liberdade e as outras coisas belas da vida.

Hoje em dia não sou mais uma pessoa de gênio difícil, exceto quando se trata de proteger o meu lar e a minha espôsa. Mas, fora disso, tornei-me mais humilde e mais compreensivo para com as fraquezas humanas. Aprendi a controlar meus impulsos, a ter fôrça de vontade, e principalmente aprendi que nem sempre o meio mais rápido de se fazer as coisas é o melhor!

Outro proveito que me trouxe a publicação da minha história foi a demonstração de amizade que recebi por parte de meus amigos, meus fans e até de pessoas de condições mais humildes. Guy Madison, por exemplo, que já sabia de tudo há muitos anos, foi o primeiro a me procurar, quando saiu o referido artigo, seguido por Howard Hill, nosso amigo comum. Nenhum dos dois tocou no assunto, querendo saber apenas se estava de pé um antigo projeto nosso de produzirmos um filme sôbre caçadas na África.

Depois foi Hedda Hopper quem me telefonou, convidando-nos, a mim e a minha espôsa, para jantar. Debbie Reynolds e George Nader também foram muito delicados, deixando-nos emocionados com seus convites e suas demonstrações de solidariedade.

Na ocasião em que isso se deu, eu estava filmando "The Spoilers", para a Universal-International, e estava sem saber se seria ou não despedido pelo estúdio. Meu estado de depressão era lamentável e fiquei realmente comovido quando o produtor Ross Hunter, depois de me dizer que as primeiras cenas do filme estavam ótimas, convidava-me a trabalhar em outro, assim que terminasse aquêle.

Meus coadjuvantes, e os operários do estúdio foram inexcedíveis, em sua manifestações de amizade, e ninguém poderá fazer idéia da felicidade que traz, ouvir de um eletricista ou de um operador uma frase como esta: — Quero que você saiba, Rory, que estou do seu lado para o que precisar.

Finalmente, depois de serenado o barulho, fui convidado por um produtor da televisão para trabalhar num programa muito importante, e comecei a sentir-me amparado, em terra firme outra vez.

Depois da minha estréia neste programa, os nossos amigos Tony Curtis e Janet Leigh pediram permissão para nos oferecer uma festa, e confesso que quase chorei de alegria!

Lita também ficou emocionada, mas suas lágrimas não foram de alegria e sim de tristeza, no dia em que foi publicado o artigo. Ela não se podia conformar com a maldade de que fôramos vítimas, apesar de já ter sido advertida por mim mesmo, antes até de nosso casamento, de que aquilo haveria de acontecer algum dia. Assim mesmo ela chorou muito, não por ela, mas por mim!

Muita gente houve que nos telefonou de longe, pagando ligações interurbanas até, para demonstrar solidariedade e compreensão.

Cartas dos fans chegavam às centenas, encorajando-me, e muitas delas eram endereçadas aos diretores dos estúdios, pedindo que eu não fôsse afastado por aquêle motivo. Vinham cartas também de senhoras cujos maridos estavam às voltas com a lei, o que, de um certo modo, era um consolo para nós.

Serei eternamente grato a tôdas essas pessoas que nos animaram e nos deram coragem para suportar os acontecimentos, e dou graças a Deus de ter conseguido endireitar minha vida, de ter obtido a posição em que estou, em Hollywood.

E é por tudo isso que me interesso muito pelos problemas da nossa juventude delinqüente, problemas pelos quais já passei e que, portanto, conheço melhor do que ninguém. E' preciso não esquecer que já estive numa prisão, ou melhor, no inferno, e que consegui sobreviver e me regenerar.

(Conclui na pág. 66)

VOCÊS CONHECEM...?

(Conclusão da pág. 33)

ao altar a sua querida Brigitte. Nem um nem outro havia desistido, apesar do longo tempo de noivado que lhes foi imposto.

Mas se vocês soubessem que trapalhada houve, mesmo nesse dia... Calculem que, à hora marcada para o enlace, Roger não aparecia. Brigitte, antes muito contente nos seus trajes nupciais, mal podia reprimir as lágrimas, julgando-se já viúva por antecipação, ou simplesmente abandonada pelo quase espôso. E a turma tôda, pais, outros parentes, convidados, etc. toca a cortar na pele do jornalista: comentavam que isso já era de se esperar tratando-se de um indivíduo "assim"; que, àquele instante, êle já devia estar longe de Paris, levando nos bolsos o dinheiro que certamente apurara na venda dos móveis que o digno sr. Bardot dera à filha para montar o seu novo lar, etc. etc...

Com grande surprêsa do pessoal, Vadim chegou ainda a tempo para casar e proporcionar uma razoável explicação aos presentes: é que estivera com os seus colegas de redação, fazendo as suas despedidas da vidinha de solteiro, o que sempre costuma ir além da hora fixada...

*

Não critiquem vocês também o moço: uma vez casado, Vadim deixou de ser boêmio e tornou felicíssima a existência de Brigitte, segundo ela própria confessa. O casal reside num apartamento de três peças, que êle comprou antes do casamento por dois milhões de francos. Por todos os cantos da casa Brigitte espalhou os seus ursos, ratos, coelhinhos, etc., de feltro e pelúcia, os quais constituem um dos seus enlevos e uma de suas manias (que, diga-se de passagem, não são muitas). Um cachorro de verdade, o negro cocker "Clown", dá animação maior ao ambiente, já por si bastante animado com a presença ainda muito "colegial" de Brigitte...

Sim, porque — como declara Vadim — ela não mudou nada com o casamento. Apenas, diz êle, em vez de ir ao colégio, vai ao estúdio... nem o nome de Brigitte Bardot foi alterado. E, ainda de acôrdo com o que êle conta, até hoje "ela pragueja como um chauffeur de praça ou um estivador", embora haja recebido a melhor educação dêste mundo, e seja, via de regra, uma pessoinha sempre amável e sorridente... "Dotada de excepcional fôrça de vontade, Brigitte jamais recua nos seus propósitos" — acrescenta Vadim. E explica: "se ela sofre uma derrota qualquer, chora como tôdas as mulheres, mas logo levanta a cabeça e retoma o seu caminho, disposta a não fracassar novamente. Deve-se a isso o êxito da sua carreira", assevera o marido.

O seu triunfo não será apenas um reflexo da sua beleza: nestes três anos que levou subindo para o estrelato, soube Brigitte demonstrar uma tenacidade rara. Estudou como gente grande, trabalhou como poucas na sua arte nada fácil, para ser alguém. E conseguiu... "Que importa que ela não saiba nem estalar um ovo?" — indaga Roger Vadim. "Em compensação, além da atriz que é, revelou-se também ótima dona de casa, e as poltronas e sofás que possuimos foram recobertos por ela com uma perícia digna do melhor estofador" — comenta êle, sorrindo, plenamente venturoso com a sua paz doméstica...

*

A parisiense Brigitte Bardot estreou no cinema assinando dois contratos simultaneamente: com Jean Boyer, para "Le Trou Normand", e com Willy Rozier, para "Manina, a Moça sem Véus", filme êste no qual apareceu primeiro, despertando tanta curiosidade por tôda parte... Com essa filmagem viajou para Nice, para Córsega, para a Sardenha, para Cannes e até para as Ilhas Baleares, embora não seja lá uma grande turista e deteste andar de avião. Nesse sentido, a atriz é mesmo uma "errada"... Certa vez tentaram fazer com que ela embarcasse num DC-6, e o resultado foi uma crise de nervos em pleno aeroporto! O marido, sempre atencioso, resolveu depois o problema dos percursos possíveis de serem vencidos por terra, adaptando com poltronas extensíveis o seu próprio automóvel. Quando Brigitte recentemente esteve filmando em Roma ("Helena de Troia"), em Bolzano ("Trahie") e em Perpignan ("Le fils de Caroline Chérie"), usava só êsse meio de transporte, para se locomover de uma a outra cidade, sem perda maior de tempo. Vadim guiava o carro à noite, enquanto ela dormia descansadamente na cama assim improvisada.

Se Brigitte tem de filmar em Londres, vai por mar, como se deu quando atuou em "Doctor at Sea". E por falar neste filme: sabiam vocês que ela treinou tão bem o seu inglês (idioma de que só veio a ter as primeiras noções quando desempenhou a sua parte em "Helena de Troia", com os americanos) que o diretor Ralph Thomas não quis que a doublassem no seu papel? E' pois a própria Brigitte quem fala em "Doctor at Sea". Aliás os ingleses adoraram a francesinha. Fizeram-lhe mais três propostas para atuar em outros tantos filmes...

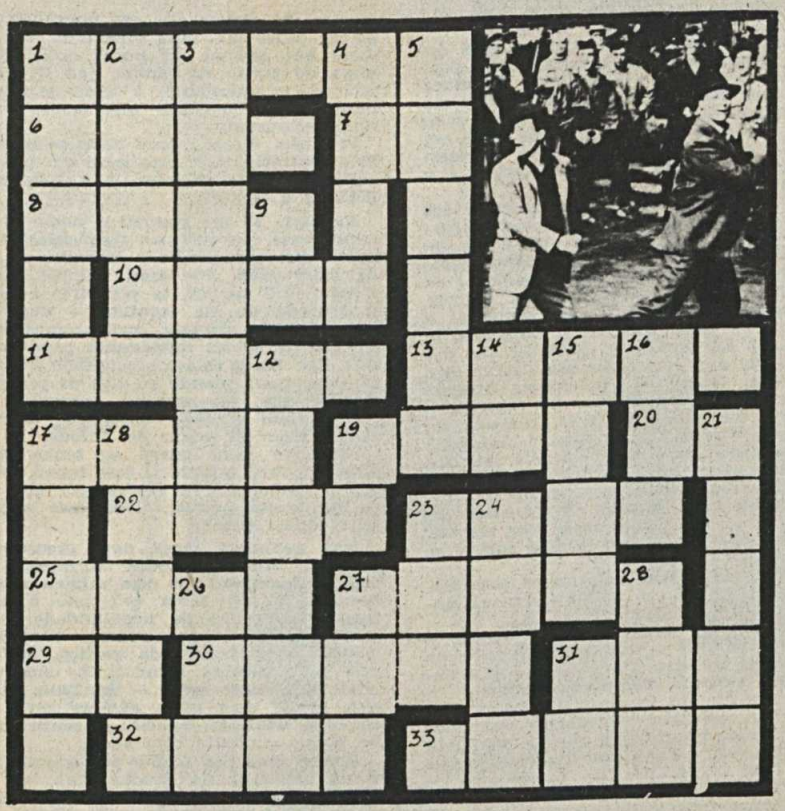
Um dos mais recentes papéis de Brigitte é no filme de Marc Allegret "L'Amant de Lady Chatterley". Depois de obter mais uma consagração no juvenil elenco de "Futures Vedettes" (com Jean Marais) a Bardot foi trabalhar naquela produção que promete ser a sensação mais forte desta atual fase de sua vida artística.

*

Com 21 anos de idade, 12 filmes na bagagem (o último dos quais sob a direção de René Clair), o aplauso das multidões e o amor do seu intelectual marido (que também se dedica ao cinema, tendo realizado há pouco o "remake" do famoso "Club des Femmes", de Jacques Deval) — Brigitte Bardot é uma das mais sedutoras felizardas da tela francesa. Ou será que não?...

— F I M —

PALAVRAS CRUZADAS para os FÃS



PROBLEMA N.º 65

HORIZONTAIS: 1 — (Mitchum) Astro do filme "Última Chance". 6 — (Ladd) Astro do filme "Os brutos também amam". 7 — Seguia. 8 — (Palmer) Do elenco do filme "Bruma sangrenta" 10 — (Ralston) Estrêla do filme "Escuna do diabo". 11 — (Koster) Diretor do filme "A marcha triunfal". 13 — (Ruth) Do cast do filme "Sangue da terra". 17 — (Fabrizi) Astro do filme "Sua majestade, o Sr. Carlone". 19 — Sobrenome de um famoso compositor e galã do cinema mexicano. 20 — Nota musical. 22 — (Turner) Estrêla do filme "A viúva alegre". 23 — (Lancaster) Astro do filme "A cruz de minha vida". 25 — (Drake) Estrêla do filme "Destino implacável". 27 — (Morrow) Do elenco do filme "Trágica emboscada". 29 — Robert Young. 30 — (Valli) Integrou o cast do filme "O terceiro homem". 31 — (Gordon Mc) Um dos astros do filme "Três cadetes do barulho". 32 — (Boettinger) Dirigiu o filme "Arrancada da morte". 33 — (Welles) Astro do filme "O amanhã é eterno".

VERTICAIS: 1 — (Byrd) Do cast do filme "A deusa das selvas". 2 — (Sloane) Estrelou o filme "Ultimatum". 3 — (Carla) Integrou o cast do filme "O príncipe pirata". 4 — (Hayworth) Estrêla do filme "Carmem". 5 — (Toumanova) Tomou parte no filme "Sinfonia Eterna". 9 — Partir. 12 — (Squire) Integrou o elenco do filme "Eu te matarei, querida". 14 — Sufixo que designa agente ou autor. 15 — (Abrantes) Integrou o elenco do filme "A dupla do barulho". 16 — (Filmes) Emprêsa distribuidora de filmes, que apresentou recentemente o seu festival cinematográfico. 17 — (Morell) Do cast do filme "Ultimatum". 18 — (Corrigan) Do elenco do filme "Cyrano de Bergerac", 19 — Ali. 21 — (Dren) Tomou parte no filme "Terra do inferno". 23 — (Abbot) Componente da dupla Abbot & Costello. 24 — Consumir, gastar. 26 — Grande navio de guerra. 27 — (Field) Integrou o elenco do filme "Belezas em Revista". 28 — Advérbio de negação. 31 — Randolph Scott.

RESPOSTAS DO PROBLEMA N.º 64

HORIZONTAIS: 1 — Marilyn. 7 — Eva. 8 — Dani. 10 — La. 11 — Lane. 13 — Davis. 16 — Dale. 17 — Os. 19 — Gynt. 20 — Es. 21 — Liana. 23 — Orson. 24 — Burt. 25 — It. 26 — Nd. 28 — Ronda: 30 — Shea. 31 — Roldan. 33 — Dean. 35 — Ty. 36 — Dan. 37 — Nery.

VERTICAIS: 1 — Melvyn. 2 — Ava. 3 — Ralston. 4 — Ida. 5 — Lana. 6 — Niven. 9 — Nelson. 12 — Colbert. 14 — Ag. 15 — Inalda. 16 — Doris. 18 — Si. 20 — Esther. 22 — Arold. 27 — Dane. 28 — Roy. 29 — Ann. 32 — Da. 33 — De. 34 — Ay.

CUIDADO, MENINAS!

(Conclusão da página 29)

explicação do Don Juan número um porque resolvi cortar a conversa, dizendo-lhe que não se incomodasse em vir ao hotel. Agradecia muito, mas não estava interessada em entrar para o cinema.

O Don Juan número dois, conheci-o, também, na piscina do Beverly Hills Hotel. Mas êste novo Don Juan não se fêz passar por membro da indústria cinematográfica. Nada disso! Êle podia ajudar-me porque, como repetia constantemente, conhecia "todo o mundo verdadeiramente importante, em Hollywood".

— Ótimo! — disse-lhe eu. — Mas não me interessa conhecer gente importante! Quem é que você conhece?

— Quem eu conheço? — repetiu êle. — Escute, por que não vamos até à praia e depois a um restaurante, jantar? Assim eu terei tempo de indicar tôdas as pessoas importantes que conheço.

— Obrigada, mas não quero misturar minha vida social com assuntos profissionais — respondi.

— E', eu também acho que você tem razão — (O rapaz era esperto!). — Esqueçamos os estúdios e pensemos sòmente em divertir-nos!

Bem, eu disse que não queria esquecer os estúdios, (não era verdade, era só para afastá-lo) êle disse que não me compreendia, e as coisas ficaram por aí.

Há quase dois anos que estou em Hollywood, e de lá para cá, conheci muitos outros Don Juans. Ainda ontem à noite recebi um telefonema de outro Don Juan — não sei bem se número oitenta e três, oitenta e quatro, ou oitenta e cinco, já que em Hollywood é difícil para qualquer moça manter um registro exato de tipo tão comum de homem. Embora as táticas sejam sempre as mesmas, devo confessar que nestes dois anos êles fizeram algum progresso: agora, também fazem promessas no campo da televisão! (Se eu tiver uma filha, vou abrir-lhe os olhos sôbre êsses Don Juans de TV!)

Como já disse, mamãe e vovó tinham tôda a razão. Os homens que prometem muito, em Hollywood, são precisamente os que não têm poder nenhum — a única coisa que têm são más intenções. Uma jovem verdadeiramente ambiciosa não deve nunca deixar-se guiar pela primeira pessoa que encontra. Deixando-se levar por falsas promessas, só perderá tempo e oportunidades, e só ganhará desilusões.

Talvez vocês me achem demasiado precavida, mas é que não foram apenas os conselhos de mamãe e de vovó que me alertaram, e sim, mais do que tudo, as minhas próprias experiências.

Para começar, as primeiras experiências que eu tive com rapazes não foram nada encorajadoras: ou êles eram demasiado brutos, ou eram demasiado tímidos; ou combinavam sair comigo e me davam o "bôlo", ou, pior do que isso, nem reparavam em mim. Esta última atitude só fazia despertar o meu instinto de "caçadora" — e confesso que algumas vêzes me deixei vencer por êle!

Quando eu tinha apenas onze anos, minha família mandou-me passar as férias num acampamento de crianças, perto de Chicago, onde imediatamente me apaixonei por um galã de doze anos que tinha à sua disposição o coração de tôdas as meninas. Lembro-me que consegui sentar ao lado dêle diversas vêzes, à hora das refeições. Lembro-me que um dia êle foi passear sòzinho por uma estrada e eu tomei um atalho e fui recostar-me romanticamente contra uma árvore, à espera de que êle passasse. Lembro-me de que telefonei para casa, pedindo à mamãe que me mandasse um maillot novo (mas não disse a razão) e que, terminado o acampamento, tratei de descobrir onde êle morava em Chicago, e tratei de passear todos os dias em frente à casa dêle. E lembro-me de que nunca consegui dêle um único olhar!

Creiam-me que até hoje sinto no coração a marca deixada por êsse meu primeiro amor infeliz! Foi preciso passar um ano para que eu pudesse, finalmente, pensar em outros rapazes. Quando conheci Bill, tinha quase treze anos, e trabalhava como modêlo num clube juvenil de um grande magazine de Chicago. Bill não só me dirigiu o olhar, como também conversou comigo e me tirou para dançar. Findo o baile no clube, marcou encontro para sairmos no dia seguinte.

Acho que Bill é o responsável pelo meu hábito de chegar sempre tarde a qualquer encontro ou compromisso. Eu esperei, esperei, esperei por êle horas a fio, pacientemente, inventando até desculpas para o atraso — e êle não apareceu! Até hoje, quando me lembro disso, fico furiosa...

Muitas pessoas devem pensar que eu chego sempre atrasada porque quero, porque desejo fazer-me importante aos olhos dos outros. Mas não. Mesmo esforçando-me por ser pontual, chego sempre tarde e acho que o motivo é psicológico: desde o dia em que Bill me deu o "bôlo", tenho verdadeiro horror a chegar antes dos outros e a ter de esperar.

Mas as minhas desventuras no setor dos namoros não pararam por aí. Aos quatorze anos, fui eleita Rainha da Neve, de Chicago, e convidaram-me a fazer parte de um show numa base de treinamento da Marinha, em Fort Sheridan, no Illinois. Lá, um jovem marinheiro me convidou a sair com êle assim que tivesse uma licença.

O rapaz era bonitão e devia ter uns dezoito anos, e eu, entusiasmada, aceitei logo o convite. Quando êle telefonou, dizendo que estaria de licença no dia seguinte e que iria buscar-me em casa, comecei febrilmente a fazer planos. Resolvi pintar-me pela primeira vez, e, também pela primeira vez, usar saltos altos. Minha irmã Arlene, três anos mais velha, concordou em emprestar-me seus sapatos de toilette, em verniz prêto com saltos altos. Mas mamãe, mal me viu dar alguns passos com êles, mandou-me tirá-los.

— Você ainda não sabe andar com saltos altos — disse ela. — Fica horrível, parece até que vai cair!

A seguir, ela disse "não" ao baton, e mandou-me tirar o vestido sofisticado que uma amiga me emprestara, porque eu achava meus vestidos demasiado juvenis.

Gritei e fiz um berreiro, durante horas! E o meu simpático marinheiro não apareceu! Minha impressão é que êle me ouviu gritar da rua, e fugiu assustado. Que mais podia fazer o coitado? Eu, uma menina de quatorze anos, gritando histèricamente como se fôsse uma velha de sessenta!

Com essa terceira experiência, minha fé nos homens ficou muito abalada e levei bastante tempo a reconquistá-la. Eis por que desconfio tanto dos Don Juans, de Hollywood.

Nunca esquecerei um fotógrafo que, a tôda a fôrça, queria que eu posasse para êle. Jurava que poderia transformar-me do dia para a noite numa estrêla, desde que eu lhe permitisse conhecer-me melhor, compreender a minha personalidade, e, depois, fotografar-me de jeito a que todos os estúdios e todos os produtores de televisão corressem para mim com ofertas de estrelato. Felizmente eu soube, através de um amigo, que o artista e fazedor de estrêlas nem fotografias podia tirar: tinha empenhado as lentes da máquina! Imaginem como êle não iria rir à minha custa, se eu tivesse posado!

Mas os Don Juans nem sempre são fanfarrões: há alguns que são humildes. Ainda no outro dia, para desanimar um Don Juan que teimou em puxar conversa comigo no ponto do ônibus (eu não guio, não tenho automóvel, e ando sempre de ônibus), eu lhe disse que lavava pratos num restaurante.

Pois bem, êle não ficou nada desanimado. Pelo contrário. Quis logo saber em que restaurante eu trabalhava e a que horas acabava o serviço.

Na hora, só me ocorreu o nome de um restaurante que costumo freqüentar, e disse-lhe que só acabava o trabalho às duas da madrugada. Por azar, naquela mesma noite — ou melhor, às primeiras horas da madrugada do dia seguinte — depois de uma première de gala, meu acompanhante resolveu ir ao tal restaurante para tomarmos algo. Êle já estava procurando lugar para estacionar, quando eu tive de pedir que não parasse. Na esquina, esperando que eu acabasse de lavar os pratos, estava o meu amigo do ponto de ônibus!

Pensando bem, talvez eu tenha cometido um êrro quanto a êsse rapaz. Se êle não se importava de esperar por uma moça que lavava pratos, talvez fôsse bom sujeito, quem sabe?

Mas nenhuma moça deve preocupar-se por não sair com todos os rapazes que fica conhecendo. Sair com muitos rapazes, segundo minha sábia avó, não é, absolutamente, prova de popularidade. — E' apenas prova de que a moça tem muito pouca coisa dentro da cabeça, se precisa estar sempre saindo. De uma coisa você pode estar certa — continua minha avó. — Se uma moça não se sente bem sòzinha, nenhum homem se sentirá muito tempo contente com ela.

Essa é uma das razões por que eu continuo morando no Studio Club, em vez de ter meu próprio apartamento. Morando no Club, eu tenho mais tempo para mim mesma, o que é muito importante para quem precisa estudar (eu tive de estudar um bocado, para desempenhar bem meu papel em "Piquenique!) e para quem necessita conhecer bem a si mesma. Conhecer-se bem é um dos requisitos essenciais para uma jovem atriz. Antes de podermos medir as nossas possibilidades, temos de saber exatamente o que somos — e, para nos analisarmos, é preciso dispormos de tempo para estarmos a sós.

No Club, quando alguém quer falar conosco, por telefone ou pessoalmente, tem de passar antes por um "exame" na portaria. O resultado é que nenhum Don Juan fala com uma moça sem de fato conhecê-la, sem que tenha algum assunto importante a tratar, ou sem que ela queira falar com êle. E' a melhor maneira de afastar essa praga de Hollywood!

—— F I M ——

Leiam os empolgantes mistérios policiais do número de setembro de MEIA-NOITE

O PASSADO E O FUTURO

(*Conclusão da página 64*)

Lita e eu temos trabalhado um pouco para ajudar a essa classe infeliz de adolescentes, transformando uma pequena fazenda que possuímos em Ojai Valley numa espécie de acampamento para meninos. Não são meninos delinqüentes, mas são adolescentes de condições sociais inferiores, cujos pais não podem proporcionar-lhes divertimento e viagens nas férias. E considero um verdadeiro perigo deixar um jovem sem uma ocupação, durante o longo período das férias.

Costumamos, pois, minha espôsa e eu, transformar nossa fazendola num lugar agradável para os meninos gozarem as férias, tendo já recebido uns mil e duzentos, de três anos para cá. Fazem pequenos serviços no campo e no jardim, para poderem pagar as excursões que fazem, ao mesmo tempo que vão aprendendo, sem sentir, que só podemos obter as coisas boas da vida através do trabalho.

*

Dentro em breve pretendo comparecer aos diversos reformatórios para jovens delinqüentes e falar-lhes sôbre a minha experiência própria, não como lição de moral, e sim como um exemplo prático de quem já estêve prêso e conseguiu se reerguer e abraçar uma carreira digna.

Não quero dizer com isso que me vanglorie de já ter estado numa prisão, e de ter conseguido refazer a vida, mas desejo apenas ajudar ao próximo, ajudar, ainda que só com palavras, a êsses pobres meninos, igual aos quais eu já fui um dia.

Bem, já falei demais sôbre meus planos, meus problemas, minha vida, e sinto me aliviado depois disso tudo. Ainda me sinto envergonhado pela meu passado, mas confesso que já paguei caro por tudo quanto fiz de mal.

— E agora? O que é que você pretende? — hão-de querer saber os meus leitores.

— Bem, agora eu tenho paz de espírito para trabalhar, coragem e energia para enfrentar as dificuldades da vida, e, acima de tudo, tenho fé no futuro!

—— F I M ——

Tôda a família sabe o que quer... E quem sabe... sabe

Durante sucessivas gerações Toddy se identificou entre milhões e milhões de pessoas como o alimento mais delicioso, mais completo, mais seguro, mais puro e mais prestigiado. Entre adultos e crianças, em todo o mundo, o delicioso Toddy ocupa um lugar privilegiado. Quente ou frio, pela manhã, à hora da merenda, com as refeições ou entre as refeições, a qualquer hora, reconfortante, alimentício e delicioso.

Toddy é o alimento de confiança para tôda a família. Toddy é único. Toddy não tem nem pode ter similares.

Toddy contém cálcio, ferro, fosfatos, proteínas, carboidratos e vitaminas, cientificamente dosados, para render o máximo de nutrição. E Toddy diz a verdade.

UMA LATA DE TODDY EM CASA É UMA FONTE PERMANENTE DE SAÚDE, ENERGIA E PRAZER

50.063

GRANDE MARCA
tudo como êle gosta
seu prato predileto e
PILSEN
Extra
ANTARCTICA
Cerveja Estrêla Antarctica
PILSEN-EXTRA